



DRAGON RUNNERS BK 1

MUTE

HE LOVES LONG, LOVES HARD, BUT HE DOESN'T LOVE EASY.

ML NYSTROM

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



DRAGON RUNNERS BK 1

MUTE

HE LOVES LONG, LOVES HARD, BUT HE DOESN'T LOVE EASY.

ML NYSTROM

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

“ELE AMA MUITO, AMA FORTE E AMA POR COMPLETO, MAS NÃO AMA FÁCIL”.

Katrina Vega está decidida sobre uma coisa: terminar a faculdade. Ela está determinada a não deixar que nada ou ninguém a distraia, muito menos motoqueiros gostosos. Em sua missão de se manter concentrada, ela não espera ser arrastada para dentro do rebanho de um clube de motoqueiros, muito menos para os braços de *Alec “Mute” Stillwater*.

Incapaz de manter sua guarda alta, *Katrina* logo descobre que sob o exterior duro e áspero de uma família a qual se afeiçoou, há também lealdade e paixão que ela inveja. Mas se apaixonar pelo executor do clube não só ameaçará seus planos, mas muito possivelmente sua vida.

CAPÍTULO 1

Finalmente, a bomba de gasolina clicou, deixando-me com um total de noventa e dois centavos na minha conta corrente. Era estressante, mas eu tinha comida na geladeira do meu apartamento e agora um tanque de gasolina cheio. Meu próximo pagamento da biblioteca sairia na sexta-feira, daqui a três dias, e eu começaria um novo trabalho hoje à noite como garçom, ou pelo menos o treinamento. Eu apenas rezei para que nenhuma crise surgisse entre hoje e o fim de semana. Eu tinha um pouco de dinheiro escondido na minha gaveta de calcinhas para emergências, que consistia em duas notas de vinte, mas era só isso. Foi um milagre que hoje cedo me ofereceram um emprego que deveria pagar o suficiente para cobrir todas as minhas contas e permitir que eu trabalhasse em meu horário de aula.

Meu Ford Taurus tinha mais de vinte anos, foi fabricado no início dos anos noventa. Esperava que durasse até que eu me formasse e conseguisse um emprego de verdade para poder comprar algo melhor. Isso provavelmente não aconteceria, pois a luz do motor que piscava para mim de tempos em tempos estava agora piscando constantemente. *Só mais um mês, Fred*, cantei em minha mente. *Só mais um mês e eu posso conserta-lo*. Eu tinha tempo suficiente antes que meu novo emprego começasse para correr até o pequeno apartamento que dividia com outra estudante e, como parecia mais e mais ultimamente, com o namorado dela também.

Cheguei aos blocos de apartamentos que ficavam acima de algumas lojas no centro da cidade e usei minha chave para passar pela portaria. Frequentar uma faculdade comunitária significava que não havia dormitórios, então tínhamos que pegar qualquer moradia que pudessemos conseguir. A vizinhança não era das melhores, e nosso apartamento não era nada chique, mas, como estudantes universitárias falidas, era o que podíamos pagar. Contanto que tivesse água corrente e aquecimento, eu estaria bem. Eu queria conversar com meus

"colegas de quarto" sobre de que forma o namorado de Sheila deveria contribuir com o aluguel ou pelo menos limpar o apartamento, já que ele estava lá com tanta regularidade, comendo nossa comida e usando a água quente. Mas nunca o fiz. Com um metro e sessenta e cinco de altura, eu não era a garota mais alta do mundo, mas também não era classificada como baixa. Sempre odiei o confronto, sempre me misturando com o ambiente. Não havia nada de especial em mim, para me diferenciar da multidão. Eu era inteligente o suficiente, mas não brilhante; era bonita o suficiente, mas não notável ou memorável; e não tinha nenhum talento que me destacasse. Eu era solidamente mediana e quase invisível. E preferia assim. Se você não é vista, não poderia se machucar, certo?

Nem Sheila nem Chip estavam por perto, então eu tinha o lugar só para mim, para variar. Levei tempo suficiente no apartamento para escovar e puxar para trás a massa de cabelo castanho claro em um rabo de cavalo. Normalmente, eu o trançaria para tentar domar os fios rebeldes e selvagens, mas queria chegar ao meu novo trabalho o mais rápido que pudesse. Troquei de camiseta, passei um pouco de pó no nariz e saí porta afora.

Meu fiel Fred tossiu e cuspiu no estacionamento logo atrás do bar, a luz vermelha brilhante do motor olhando para mim. Se eu não estivesse tão falida, o teria levado para a oficina esta manhã antes das aulas, mas ainda devia as mensalidades, e eu estava muito perto de finalmente terminar a faculdade de enfermagem. Aos 26 anos, eu era uma das alunas mais velhas do curso, porém foi assim que a vida agiu comigo. Não tive pais de verdade. Tive alguns pais adotivos legais, outros nem tanto, durante os anos em que fui arrastada de casa em casa e de cidade em cidade no estado da Carolina do Norte. Mas nunca conheci os que me conceberam, nem queria saber nada sobre eles. De qualquer forma, eu estava fora do sistema aos dezoito anos e tinha que fazer meu próprio caminho, o que era quase impossível quando você era uma adolescente sem dinheiro e com uma educação mediana no ensino médio. Também é difícil conseguir empréstimos estudantis sem crédito ou financiamento, e honestamente, eu não queria me formar com uma enorme montanha de dívidas me

colocando em um buraco financeiro que levaria décadas para ser sanado. Sem nenhuma habilidade real e com um mercado de trabalho limitado, meu primeiro emprego foi em uma lanchonete perto da cidade onde minha última casa adotiva ficava. Virei hambúrgueres, morei com outra garota em um pequeno apartamento de um quarto, e economizei o máximo que pude. Consegui matricular-me no curso de enfermagem da faculdade comunitária local, cursando uma disciplina por vez, às vezes duas se pudesse pagar. Ocasionalmente, tinha que pular um semestre se o dinheiro estava muito apertado, mas estava determinada a terminar e adquirir alguma estabilidade em minha vida. Mudei-me para Bryson City e arrumei um emprego de meio período na biblioteca para ficar mais perto do campus e do hospital. Mais um semestre, e alguns estágios, e eu finalmente estaria pronta.

Meu maior problema tinha sido encontrar um novo emprego antes que o milagre acontecesse hoje cedo. O pagamento das mensalidades havia me arrasado, e a vaga na biblioteca era apenas para o verão. Eu estava ficando um pouco desesperada com minha conta corrente reduzida a dois dígitos e sem economias suficientes.

Conheci Betsey na biblioteca semanas atrás, quando ela trouxe seus netos para a hora da leitura. Todas as quartas-feiras de manhã, às dez, ela entrava pela porta dupla com suas botas de salto alto, mesmo no verão. Você jamais imaginaria que ela era uma avó pela aparência e vestida com um uniforme de motoqueira, jeans justo, camisetas coloridas estampadas e um colete que continha "*Propriedade de Brick*" costurado nas costas. De alguma forma, ela podia usar isso e não parecer brega ou como se estivesse tentando esconder sua idade. Seus dois netos eram Michelle, que acabara de fazer cinco anos e começaria o jardim de infância na próxima semana, e Cody, que tinha quase três. Ambas as crianças se comportavam lindamente, sempre sentadas em silêncio enquanto eu lia a história, e geralmente tinham perguntas para mim depois. Hoje cedo li um conto de fadas clássico para o grupo de crianças, e Michelle falou logo depois que a história terminou. Sorri ao relembrar e como isso me levou a este trabalho.

— Por que Rapunzel não cortou seu próprio cabelo? — Michelle

perguntou. — Ela poderia fazer sua própria corda e fugir em vez de esperar pelo príncipe.

Eu olhei em seus olhos azuis curiosos e dei-lhe uma resposta. — Talvez ela não tivesse nenhuma tesoura que pudesse usar.

— Mas a história dizia que ela costurava, então tinha que ter uma tesoura em algum lugar. Lembra? A bruxa levou a cesta dela.

Eu ri e toquei seu cabelo loiro macio. — Sabe de uma coisa? Você está certa. Isso se chama um furo no enredo, e acho que o escritor não percebeu, mas você percebeu. Isso é muito inteligente! Talvez você possa reescrever a história um dia para que faça mais sentido e Rapunzel possa cuidar melhor de si mesma.

Ela franziu o rosto e Cody fez o mesmo, feliz em copiar o que quer que sua irmã mais velha fizesse.

— Eu nunca vou esperar que um príncipe venha me salvar. Vou sair da torre, pegar minha Harley e vou embora.

— Boa ideia! — Eu ri porque ela estava certa. — Ok, crianças, hora do lanche e artesanato. — Ela estava certa, pois sua família era membro de um clube de motoqueiro local, os Dragon Runners. Sua avó, Betsey, era uma das “Old Lady” do MC e proprietária do River's Edge Bar, localizado nos arredores da cidade, no rio Tuckasegee. Seu pai era Blue, filho de Betsey, que estranhamente não era um membro ativo do MC, mas um deputado municipal. Como isso funcionava, eu não tinha ideia. Não sabia muito sobre eles como grupo, mas era difícil evitá-los, pois eles tinham vários negócios pela cidade e muitas pessoas sabiam o suficiente para falar sobre eles. Eu tinha visto alguns dos membros pela cidade usando seus coletes de couro com um dragão verde cuspidor de fogo nas costas. Nunca tinha ouvido falar deles sendo um grupo ruim, apenas um pouco tumultuoso, mas eles ainda eram um clube de motoqueiros, e a maioria das pessoas da cidade os respeitava, bem como tinham um pouco de medo deles.

— Você é muito boa com crianças, Katrina, — disse Betsey naquela tarde com seu sotaque country. — Cody e Shells adoram vir aqui e ouvir suas histórias. As vozes que você faz? É a parte favorita

deles. Cody adorou tanto os livros "Hank the Cow Dog" que eu tive que comprar uns para minha casa. Ele disse: "*Vovó, faça isso direito! Faça como Kat da biblioteca*".

— Obrigada, — respondi, entregando um copinho de suco de maçã para uma das crianças. — Vou sentir falta de vê-los aqui.

— Você vai a algum lugar? — ela perguntou, suas sobrancelhas perfeitamente depiladas erguendo-se em um arco pintado.

— Não exatamente. Os grupos de leitura de verão acabaram, então a biblioteca não precisa mais de mim aqui. Eu tenho que encontrar um trabalho diferente de qualquer maneira, em um lugar onde possa trabalhar à noite. — Limpei um respingo e coloquei migalhas de biscoito em minha mão para jogá-lo na lata de lixo. Por mais cuidadosa que eu fosse com os guardanapos e a comida, as crianças eram bagunceiras.

— Isso é uma pena! Por quê?

— Começarei meu último semestre na próxima semana, e depois tenho horas de estágio para cumprir na primavera. Meus dias estarão cheios e o trabalho noturno é tudo o que poderei fazer. Finalmente poderei concluir o curso, mas ainda preciso pagar o aluguel e as despesas. Esta tarde vou aos restaurantes para ver o que posso encontrar. Espero que algo esteja disponível, e rápido.

Seu corpo inteiro se animou. — Você já trabalhou como garçonele ou barman?

Fiz uma pausa para endireitar as pequenas cadeiras infantis. Há muito tempo eu tinha aprendido a não ter muitas esperanças. Na maioria das vezes, alguma coisa surgia e as derrubava de novo.

— Sim, trabalhei no início deste verão no restaurante Cork and Bean. A maior parte das vezes ajudava na cozinha, mas eu servia mesas quando estavam com falta de pessoal, e aprendi o suficiente para ocupar o bar de vez em quando. Só fui uma ajuda extra, e eles não precisavam de mim a longo prazo.

— Bem, então eu preciso de ajuda e preciso agora, — afirmou ela

sem rodeios. — Tenho algumas garotas trabalhando no verão, mas elas estão se preparando para voltar para a escola. Se ficassem por perto, eu provavelmente as despediria de qualquer maneira; ultimamente trabalham apenas quando querem e não quando eu preciso. Só porque o verão está terminando, não significa que meu bar vá fechar. Nós temos movimento o ano inteiro! Somente durante os meses de inverno é que fechamos à meia-noite, em vez de uma da manhã. Você precisa de um emprego? Venha trabalhar para mim, começando esta noite se puder, — ela anunciou decisivamente, seu cabelo tingido de vermelho balançando enquanto falava. — É um bar dos Runners, mas eu cuido do lugar com dois garotos auxiliando. Os meninos estão lá muitas vezes e às vezes ficam agitados, mas estarei lá com você. Aposto que o pagamento é maior do que aqui. Há as horas extras, além disso, você receberá uma parte das gorjetas do pote quando estiver atrás do bar e as gorjetas que receber se estiver no salão. Pode trabalhar as noites que forem melhores para você e tantas quantas precisar.

Eu a encarei enquanto ela disparava rapidamente a oferta de trabalho para mim. Fiquei surpresa para dizer o mínimo com a oferta generosa de Betsey. *Um emprego exatamente como eu precisava e quando mais precisava?* Esse tipo de coisa nunca aconteceu comigo e fiquei um pouco intimidada. Estava acostumada a lutar pelo que precisava, e essa mulher estava me oferecendo o que era um milagre. Ela mal me conhecia e estava disposta a me dar uma chance. Era um pensamento humilhante, mas também assustador.

— Tem certeza que quer me contratar? E se eu bagunçar as coisas? Você não quer me entrevistar?

Ela soltou um suspiro ruidoso e ergueu a mão. Suas unhas compridas e pontudas estavam cobertas de esmalte vermelho e pareciam bastante letais. Tinha a impressão de que muitas pessoas não mexiam com ela.

— Não é tão difícil. Você serve muita cerveja, muitas doses, trabalha como garçonzete quando necessário e ajuda a manter as coisas limpas. Tenho um livro de receitas com as outras coisas, mas não

servimos muita bebida de maricas em um bar de motoqueiros, principalmente agora que a maioria dos turistas está voltando para casa. Os meninos vêm em turnos na maioria das vezes para conversar e serem vistos. Normalmente eles pegam mulheres para passar a noite no Lair, mas qualquer coisa que aconteça no bar, eles resolvem para que seja um lugar seguro. Meu parceiro e segurança está lá todas as noites cuidando dos negócios e protegendo o clube e qualquer um que eu diga que precisa de proteção. Eu cuido de todo o resto.

Ela semicerrou os olhos para mim e juro que estava se preparando para lançar fogo.

— Você tem problemas com motoqueiros em um MC? — ela rosnou baixinho. Isso deveria ter me assustado, mas estranhamente, não o fez. Mesmo assim, respondi com cuidado. Meu estômago estava doendo com a ideia de trabalhar no *River's Edge Bar*, mas eu realmente precisava que isso funcionasse.

— Não, senhora, eu não. Nunca estive em um clube de motoqueiros, mas já vi os Runners pela cidade. E levei meu carro para a oficina deles... quero dizer... de vocês antes. Só vejo pessoas trabalhadoras. — Meu coração batia nervosamente. *Não estrague tudo, Kat! Esta pode ser a oportunidade de que você precisa!*

Betsey sorriu e bateu palmas.

— Oh, Senhor, tenha piedade, garota, eu não sou nenhuma senhora! Me chame de Betsey e se sairá bem! Venha por volta das sete da noite e vou te ajudar a começar.

Essa foi minha primeira introdução ao mundo dos Dragon Runners, e eu não tinha ideia do que esperar.

CAPÍTULO 2

O River's Edge Bar era uma das várias propriedades pertencentes aos Dragon Runners. O clube tinha vários negócios na cidade e arredores. Eles eram donos deste bar, uma oficina personalizada para motos e carros, uma loja de penhores e quatro ou cinco campings espalhados pelas Great Smoky Mountains. Nunca tinha ouvido falar de nenhum MC possuindo campings, mas tinha certeza de que havia muitas outras coisas das quais eu nunca tinha ouvido falar. Eu sabia que esses eram os negócios legítimos do clube e, pelo que poderia dizer, lucrativos também. Morava na área por tempo suficiente para ouvir rumores de algumas coisas ilegais que o clube costumava fazer, mas tudo mudou quando o marido de Betsey, Brick, assumiu a presidência. O MC ainda tinha uma reputação sólida, e muitos dos habitantes da cidade os consideravam um grupo criminoso, mas de fora olhando para dentro, o clube tinha se tornado completamente legal e tinha uma grande renda.

Não conhecia os membros pessoalmente, apenas através de vislumbres do logotipo familiar de um dragão e por conversas na cidade. O que tinha ouvido de outras pessoas sobre o clube era que se você não se metesse com eles, eles não se metiam com você. Alguns até disseram que eles ajudavam muito a economia e mantinham a cidade mais segura do que a polícia local. Eu simplesmente mantinha minha cabeça baixa, minha boca fechada e só fazia meu trabalho. Meu hábito durante anos era ser invisível, e eu tinha a intenção de continuar fazendo exatamente isso.

Do outro lado da estrada principal, em frente ao bar, ficava a entrada do complexo privado dos Dragon Runners, carinhosamente chamado de “Lair”. Não era muito mais do que uma estrada de terra com uma placa de *Não Ultrapasse* afixada. Essa estrada atravessava a pequena montanha, desaparecendo na área arborizada no topo. Eu sabia sobre o Lair e o que era, mas nunca havia posto os olhos nele e provavelmente nunca o faria. O acesso ao clube era apenas por

convite, e não havia nenhuma situação que eu pudesse pensar que me levasse a um convite.

O bar parecia cheio, mesmo para uma noite de terça-feira. Uma fileira de motos decorava a frente do prédio no estilo cabana de madeira. Tudo lá dentro era rústico, limpo e convidativo, definitivamente não era o que achei que um bar de motoqueiros pareceria ou sentiria, mas este era o único aberto ao público. O piso era de madeira polida e, quando entrei, vi o enorme bar de madeira com uma parede espelhada e prateleiras de chão ao teto cheias de garrafas de bebidas. Os bancos em frente ao bar pareciam mais obras de arte de madeira do que banquetas. Eles foram esculpidos para se parecerem com a extremidade traseira de um cavalo; cada um era diferente, mas funcional. O salão estava cheio de mesas quadradas e cadeiras de madeira que tinham uma aparência rústica e caseira. À direita do bar havia uma área elevada com várias mesas de sinuca e alguns consoles de videogame antigos. A esquerda do bar se abria para uma área maior que tinha outra área elevada usada por bandas locais e uma pequena pista de dança. Tinha várias TVs de tela plana nas paredes, todas mostrando esportes diferentes. No breve tour que Betsey me deu, vi alguns quartos “somente para membros” nos fundos, assim como o depósito, a grande cozinha e o pequeno escritório.

Alguns Dragon Runners estavam lá. Parecia que o bar era um ponto de parada e reunião para os motoqueiros antes de irem para o complexo privado. Todos eles tinham apelidos que depois descobri se chamava nomes de estrada. Betsey me apresentou a seu marido, o presidente do clube, Brick. Cutter e Taz estavam sentados com ele, e tive a impressão de que eles também estavam encarregados de dirigir o bar, talvez como gerentes. Taz parecia ter a mesma idade de Brick, em algum lugar no final dos cinquenta ou início dos sessenta anos. Cutter era um pouco mais jovem, talvez no final dos quarenta e poucos anos. Mesmo sendo simpáticos, eles exalavam uma aura de poder masculino dominante. Fiquei intimidada, mas por alguma razão, não tive muito medo deles. Era mais como uma sensação de proteção para aqueles incluídos em seu círculo. Não achei que eles fossem um perigo para mim, mas também não queria que nenhum

deles ficasse bravo comigo. Também conheci Stud, um dos membros mais jovens, de trinta e poucos anos. Foi difícil para mim encontrar seus olhos azuis, já que ele era lindo como um modelo, e eu achava esse tipo de homem realmente intimidante. Ele foi amigável e extrovertido, cumprimentando-me como um membro da família, embora eu fosse apenas a ajudante contratada. No entanto, havia uma vibração de *não foda-com-este-clube* no ar.

Eu estava atrás do bar, servindo outra cerveja da torneira para Stud, quando a sala pareceu ficar quieta. Olhei para cima e vi outro membro na porta, um que ainda não conhecia. Ele não era apenas grande, ele era GRANDE. Usava uma camiseta preta justa sob o colete e ostentava braços grossos e duros cobertos por tatuagens tribais, jeans preto que se moldava às suas coxas fortes e musculosas e botas de motoqueiro pretas pesadas. Ele tinha uma presença marcante e forte, e senti meu estômago apertar em uma reação assustada. Seu cabelo era preto comprido e solto, ondulando para trás, e parecia ter algum sangue nativo americano, provavelmente Cherokee, pois havia uma reserva nas proximidades. Quando ele entrou no bar, juro que a temperatura do ar caiu. A aura desse cara dizia que ele te foderia se ousasse sair da linha. Seus olhos eram penetrantes, e podiam te congelar no lugar em um instante. Ele era uma parede, sem sorriso, sem expressão.

Engoli o medo repentino que obstruiu minha garganta. *Invisível, estou invisível. Ele realmente não me vê.*

— O que foi, Mute? — Stud gritou.

Mute não disse nada, mas balançou a cabeça em um aceno e sentou-se no final do balcão. Ele se apoiou nos cotovelos e bateu no bar duas vezes com os nós dos dedos grossos. Hesitei e depois corri para anotar seu pedido. Este era um motoqueiro que eu não queria irritar.

— Hum... o que você deseja? — Minha voz saiu suave e estridente. Notei que sua orelha esquerda era furada com uma única argola de prata e ele tinha uma corrente grossa de prata trançada em

volta do pescoço, bem como uma gargantilha de couro, pulseiras combinando e vários anéis de prata nos dedos.

Ele franziu a testa. O bigode preto e grosso que emoldurava sua boca e queixo se contraiu ameaçadoramente enquanto seus lábios carnudos se apertavam. Suas sobrancelhas se arquearam em irritação, formando linhas duras em sua testa. Seus olhos negros perfuraram os meus com uma ameaça silenciosa. Ele se levantou e bateu novamente.

Congelei, incapaz de desviar de seu olhar penetrante. Agora eu sabia em primeira mão como era a síndrome de cervo nos faróis. Podia sentir meus joelhos começarem a tremer enquanto lutava ou corria. Gaguejei. — Hum... eu... hum...

Seu rosto ficou ainda mais sombrio e ele pareceu inchar ainda mais de raiva, me lembrando do Hulk. Meus olhos se arregalaram e preendi a respiração. Definitivamente, correr. O mais breve possível!

— Aqui, Mute, — Betsey vibrou atrás de mim. Ela colocou uma grande caneca branca cheia de café preto na frente dele. Ele acenou com a cabeça para ela e a levou aos lábios. Retornou ao seu tamanho humano normal, o que era apenas um pouco menos ameaçador.

— Venha aqui um minuto, Kat.

Betsey foi para o outro lado do longo balcão, limpando sua superfície brilhante enquanto caminhava. A mulher estava em constante movimento, cheia de energia, conversando e rindo com um sorriso no rosto enquanto se movia. Agora, ela não estava sorrindo.

— Mute, não fala. Nada. Embaixo daquela gargantilha tem uma cicatriz de uma briga de faca anos atrás, antes de ele entrar para o clube. Não vou lhe contar a história toda, pois há partes dela que não conheço. Não somos exatamente rigorosos com isso, mas a maioria dos negócios do clube não é algo em que as mulheres se envolvam. Nem mesmo as old ladies.

Ela largou o pano de limpeza no balcão inferior e se virou para mim. Apesar de dizer que não me contaria toda a história, fez exatamente isso.

— O que eu sei é que ele foi atacado por três homens que o espancaram muito, cortaram sua garganta e o deixaram para morrer. Não sei por que, só que ele deveria ter morrido por causa disso. Ele segurou sua garganta e por pura coragem conseguiu ir para o hospital. Por algum milagre, os médicos foram capazes de costurá-lo e ele sobreviveu, mas sua voz não. Suas cordas vocais foram cortadas ou rasgadas demais para sarar direito. Quando ele saiu do hospital, meu velho o trouxe para o clube de imediato, dizendo que qualquer um que sobrevivesse àquela provação merecia. Agora ele é o sargento de armas do clube e trabalha aqui comigo como segurança. Ele não se irrita muito e as brigas não acontecem com frequência, mas quando acontecem, ele cuida disso.

Estremeci um pouco. Eu passei por várias rotações na sala de emergência do hospital local e vi alguns traumas graves causados ao corpo humano. Só a ideia do que Mute havia passado era aterrorizante, e sei que seria o suficiente para dar a qualquer um uma visão amarga da vida. Eu ainda fiquei longe dele tanto quanto possível, e só cheguei perto para encher sua caneca. Saber um pouco de sua história ajudou, mas ele ainda era um motoqueiro grande e assustador. Sempre que arriscava um olhar para ele, sua carranca se aprofundava.

O resto da noite foi agitada. Algum jogo de beisebol estava passando baixinho na tela grande, e a jukebox estava tocando músicas country. Risos e conversas em voz alta competiam com o volume da máquina. Todos estavam lá para se divertir, aproveitar a vida e fazer parte de uma irmandade maior. Eu me vi relaxando, mesmo correndo como louca, servindo cerveja em copos gigantes e shots em copos pequenos, abrindo tampas de garrafa e recolhendo vasilhames vazios. Eu sabia que ficaria cansada mais tarde, mas ainda me sentia bem, apesar do pequeno encontro com Mute. Eu também conheci mais old ladies do clube. Molly era uma loira agitada e vivaz de cabelos cacheados que literalmente desfilava em seus jeans Silver e colete Propriedade de Cutter. Sua bunda se contraía a cada passo de seus saltos. Tambre era mais velha como Betsey, tinha cabelos escuros e era corpulenta, com uma parte inferior e uma parte superior

generosas. Ela pertencia a Taz, que era o vice-presidente do clube. Essas mulheres eram barulhentas e divertidas, em casa e no bar. Suas gargalhadas ressoavam enquanto elas se sentavam no lado esquerdo do bar, uma área que era quase reservada para elas. Eram quase como celebridades, da maneira como a maioria dos frequentadores do clube as reconhecia, as admiravam e veneravam de longe.

As outras mulheres que andavam por aí eram imitações baratas da coisa real. Elas pareciam estar competindo umas com as outras para chamar a atenção dos clientes masculinos, mostrando o máximo de pele possível. Saias super curtas, saltos altos ou botas, camisetas apertadas cortadas a baixo, era difícil de distinguir uma da outra. Cabelo comprido e maquiagem pesada completavam o que eu estava chamando de look “vadia de motoqueiro”. As old ladies não precisavam se esforçar tanto para chamar a atenção. Confiavam nelas; sabiam quem eram e onde pertenciam, e eram seguras. Isso as tornavam atraentes e pertencentes ao clube. Este era o tipo de família da qual eu sempre quis fazer parte, e mesmo que não fizesse parte, pelo menos poderia observar e admirar de longe.

No final da noite, Betsey limpou o frasco de gorjetas e eu tinha cinquenta e seis dólares em dinheiro no bolso. Eu poderia fazer cinquenta e seis dólares durar muito tempo no supermercado ou no tanque de gasolina. Quando ela me entregou minha parte, não pude deixar de sorrir de alegria. Essa era a diferença que eu precisava na minha vida, especialmente hoje. Tinha certeza que as gorjetas eram melhores nos fins de semana, mas se eu pudesse ganhar um pouco mais a cada semana, seria capaz de sobreviver e talvez até consertar o Fred em breve.

— Não vai desistir, vai? Você trabalhou muito bem, e realmente preciso de você aqui. Essas vadias do clube só querem curtir na maioria das noites, e preciso de alguém confiável que apareça e faça o trabalho, — Betsey perguntou, com seus olhos verdes implorando.

— Mute não parecia muito feliz comigo aqui. Ele vai me despedir? — Fiquei um pouco surpresa com Betsey se aproximando de mim tão rapidamente, mas já sabia que ela era uma pessoa sensata. O

que estava em sua mente saía de sua boca.

— Oh, querida, você não precisa se preocupar com Mute. Ele não contrata nem despede aqui. Seu latido realmente é pior do que sua mordida. Bem, não para aquelas pessoas que vêm aqui para criar problemas. Ele interrompe as brigas antes de começarem, então este lugar é mais seguro do que andar pela cidade à noite, e você sabe como as ruas estão vazias.

Eu sorri com afeto genuíno pela mulher mais velha. Pensei algumas vezes em terminar a noite e não voltar, mas receber um maço de dinheiro muito necessário era um grande incentivo para continuar trabalhando lá. Poderia me acostumar com Mute, mesmo que ele fosse assustador.

— Eu preciso do emprego, então não, não vou desistir. Isso funciona perfeitamente com meus horários, pelo menos por agora.

Gostei do trabalho, foi duro e me manteve ocupada a noite toda, mas além de um pequeno flerte do Stud, ninguém falou muito comigo. Eu poderia trabalhar aqui e ainda ser invisível, mas também estar ao redor da luz brilhante do círculo feminino do clube. Apenas um pouco daquele reflexo parecia maravilhoso, e apreciei apenas estar no limite desse círculo.

— Bem-vinda à família, querida! — ela disse com algum alívio.

* * *

Mute observou o bar como sempre fazia, bebendo café e procurando problemas. Ele já podia sentir que a nova contratada seria um. A noite toda ele a observou, deslizando pela multidão, habilmente evitando contato visual, ficando fora do caminho das pessoas. Ela parecia querer ficar em segundo plano e, de certa forma, isso a tornava a funcionária perfeita. Alguém que fazia seu trabalho e realizava as coisas sem confusão ou algazarra. Ela não se vestia para impressionar, usando jeans e camiseta simples, tênis, cabelo em uma

daquelas coisas elásticas. Era difícil dizer se ela usava maquiagem ou não.

Quando entrou no bar inicialmente, estava com raiva. Brick havia convocado uma igreja no Lair mais cedo, e todos os membros e oficiais da hierarquia tinham que estar presentes. O homem mais velho tinha mostrado sua frustração, batendo o martelo repetidamente para manter a ordem na reunião formal. Havia negócios ruins acontecendo pela cidade, rumores de tráfico de drogas, mesmo que o clube tivesse saído dessa merda anos atrás. Brick e Betsey trabalharam duro para tirar o clube dos holofotes da criminalidade e entrar nos negócios legítimos sem sentir a perda na receita, mas as pessoas tinham uma longa memória quando se tratava de coisas ruins. Ele tinha passado a tarde procurando nas esquinas com um prospecto do clube, andando por aí, à procura de pistas. *Nada*. Já era difícil fazer-se entender, ainda mais fazer com que alguém se comunicasse com ele, e o prospecto ou estava muito assustado ou muito estúpido para tentar.

Quando chegou ao bar esta noite, caiu pesadamente em seu lugar e bateu no bar pedindo a nova garota seu café. Ela olhou para ele como se estivesse pronta para sair correndo porta afora. Olhos muito bonitos, mas foda-se essa merda! Sua paciência havia chegado ao fim. Ele se levantou e bateu no bar novamente, sabendo que sua frustração estava aparecendo e ele estava descontando em uma garota inocente. Betsey estava lá em um instante, falando rápido e calma, servindo seu café. A garota se acomodou e voltou a trabalhar, de maneira constante, embora inquieta.

Muito suave, pensou Mute. Menina bonita, mas muito mole para a vida. Provavelmente não aguentaria. Parte em uma semana.

CAPÍTULO 3

— Só mais alguns meses, Fred, e então você pode morrer em paz. Eu prometo.

Estacionei e saí do veículo trêmulo. Eu estava trabalhando em River's Edge por várias semanas e minha vida tinha se acomodado em uma rotina confortável. Estava ficando cada vez melhor cuidando do bar e memorizando mais das poucas receitas de bebidas que ocasionalmente eram solicitadas. As gorjetas eram ótimas e o suficiente para eu economizar algum dinheiro.

— Essa coisa é uma armadilha mortal, querida. Devia ter sido posto fora há um ano.

Saltei com a voz alta e rouca e vi Mackie arrastando os pés pela estreita área do estacionamento.

Mackie era um dos frequentadores do bar, embora não fizesse parte do MC. Eu o conheci na segunda noite em que trabalhei no bar. Ele sempre vinha algumas horas à noite e sentava-se no mesmo lugar no bar. Era um homem mais velho, próximo de seus setenta e poucos anos, sempre vestindo jeans velhos e camisas de flanela de trabalho. Um boné de beisebol normalmente cobria o que restava de seu cabelo grisalho, e mantinha uma barba grisalha e eriçada para combinar. Também tinha apenas um braço, a manga direita de sua camisa dobrada ordenadamente no bolso da calça jeans. Na primeira noite em que conheci Mackie, ele pediu uma cerveja.

— *Qual delas?* — *Eu perguntei.*

— *Misture-as!* — *ele declarou, sorrindo para mim.* — *Meu nome é Mackie. Você é nova, não é?*

— *Sim, senhor. Comecei ontem à noite.*

— *Querida, eu não sou um senhor há muito tempo. Apenas me chame de Mackie. Você está gostando de trabalhar aqui?*

— Até agora. Não tive nenhum problema, e todos são muito simpáticos.

— Sim. Bom lugar. Pessoas boas. Fica um pouco turbulento de vez em quando, mas Betsey manobra firmemente o navio, e Mute cuida dos problemas.

Eu só tinha visto Mute se sentar no final do bar, beber café e olhar carrancudo para as pessoas, mas não ia discutir. Fui abrir uma conta, pois parecia que Mackie ficaria aqui por um tempo. Mute bateu no balcão ao meu lado, e fui automaticamente reabastecer sua caneca. Fiquei confusa ao encontra-la cheia. Tentei evitar olhar diretamente para ele, para não o deixar bravo, mas ele bateu no balcão novamente. Ergui os olhos para cima hesitante. Desta vez ele não estava bravo ou feroz, mas havia uma determinação em seu rosto. Apontou a área do balcão perto da caixa registradora e balançou a cabeça.

— Nã...não... abro uma conta? — Eu gaguejei. — Pa...pagar conforme vai pedindo?

Ele balançou a cabeça novamente.

— Hum... estou confusa. Ele paga alguma coisa?

Ele balançou a cabeça mais uma vez.

— Hum, está bem.

Betsey apareceu ao meu lado, vindo das salas do depósito dos fundos com várias garrafas em seus braços. — Oi, querida. Não precisa se preocupar. Nós não o cobramos aqui. Mackie é um veterano da Guerra do Vietnã. Perdeu o braço salvando um pelotão inteiro de soldados quando um tanque explodiu ao seu lado. Sua conta foi paga há muito tempo.

Meus olhos lacrimejaram ligeiramente. Posso estar trabalhando para um bar de MC bruto, mas Mackie estava certo. Bom lugar, boas pessoas.

— Estou surpreso que a sucata tenha passado na vistoria, — resmungou o velho.

Eu ri e esperei que ele me alcançasse.

— Provavelmente não passaria, por isso não o reviso há algum

tempo, — brinquei de volta. — Fred está comigo há muito tempo, mas espero que eu possa deixá-lo se aposentar graciosamente em alguns meses.

Ele grunhiu quando me alcançou, revirando os olhos. Eu o abracei e caminhamos lado a lado.

Mackie sentou-se em seu lugar favorito, e fui para trás do bar. Ele estendeu sua mão como se estivesse segurando uma caneca e olhou para ela com uma expressão triste e desconcertada em seu rosto. Eu ri, enchi uma caneca de uma torneira aleatória, e a coloquei cuidadosamente em sua mão. Sua expressão mudou imediatamente para uma de satisfação feliz, e ele sugou a cabeça espumosa.

Eu ri de novo e olhei por acaso para Mute, que estava sentado em seu lugar de costume. Seu olhar era intenso e, por um momento, senti o medo zumbir dentro de mim. Então ele acenou com a cabeça tanto em saudação quanto em aprovação.

Estava ficando cada vez mais relaxada com ele. E já conseguia interpretar a maioria de seus sinais e as poucas expressões que ele usava. Eu ainda não o tinha visto rir ou mesmo abrir um sorriso, mas parecia que ele tinha maneiras sutis de se fazer entender, ou pelo menos, comigo. Quase como um diálogo privado que eu podia ouvi-lo em minha cabeça. Até atribuí uma voz a ele, profunda, masculina, uma que rosnava palavras, mas por baixo tinha o poder de rugir.

Mute bateu na barra duas vezes e ouvi duas sílabas.

— *Café.*

Enchi sua caneca e ele acenou para mim uma vez, seus olhos escuros nos meus e sua boca em sua carranca habitual.

— *Obrigado,* — ouvi na minha cabeça.

— Não tem de quê, — respondi, como se estivéssemos conversando. Ele pareceu um pouco surpreso com a minha resposta, mas decidi deixar para lá. Tinha que me dar bem com ele e parar de temê-lo.

— Vou dar uma volta no salão, limpar algumas mesas e conferir

os pedidos. Tudo bem com você, Betsey?

— Parece bom, querida. — Betsey estava no bar operando um dos liquidificadores, provavelmente para a mistura de margarita que ela era conhecida por fazer. Bruiser era o outro bartender/motoqueiro de plantão. Não sei como ele conseguiu esse nome, mas não tinha nada a ver com o lindo chihuahua que Reece Witherspoon carregava naquele filme *Legalmente Loira*. Ele não era muito mais alto do que eu, mas muito mais redondo. E usava uma camisa de flanela azul sob o colete que se esticava nos botões para prendê-la. Seu cabelo ralo estava preso em um rabo de cavalo curto que não era muito mais do que um único cacho. Ele estava pegando cervejas o mais rápido que podia, tentando acompanhar o ritmo da multidão. Ele grunhiu um — Ei, Kat — como saudação e um sorriso rápido manchado de tabaco e voltou ao trabalho.

Era noite de sexta-feira, cedo o suficiente para que o jogo de futebol ainda estivesse acontecendo, mas tarde o suficiente para que a maioria dos clientes do bar ficassem bêbados. A banda de Stud estava no palco tocando um country rock alto. Ele era o baixista e vocalista. Uma fileira de vadias do clube estava na frente deles, gritando e dançando muito, tentando ao máximo atrair os membros da banda. Conhecia duas delas, Nikki e Donna, e elas eram as maiores dentre as putas, prontas para irem aos quartos dos fundos do bar ou fazerem o que tivessem que fazer para serem convidadas para o Lair. Olhei para Stud enquanto contornava a pista de dança para chegar às mesas na parede dos fundos. Nikki estava cantando desafinadamente no topo de seus pulmões, pulando para cima e para baixo com tanta força em seus saltos que eu esperava que ela ou caísse ou seus seios desenfreados saíssem de seu top decotado. Revirei os olhos para ele e ele sorriu durante a letra e piscou para mim.

De todos os motoqueiros, Stud foi o primeiro a se lembrar do meu nome e nunca deixou de me cumprimentar quando entrava no bar. Já tinha ouvido dizer que ele fazia jus ao seu apelido do clube com bastante frequência. No pouco tempo em que eu estava trabalhando no bar, ele havia levado várias mulheres diferentes para o quarto dos

fundos ou para o Lair. Não me surpreendi que ele pegava uma diferente todas as noites. Ele era um modelo de um livro de romance sensual! Cabelos loiros dourados claros e olhos azuis glaciais o faziam aparecer como um guerreiro viking. Tudo o que ele precisava era do capacete com chifres para completar o visual. Era alto, com ombros largos e seus músculos eram fortemente definidos sob as camisetas justas e o colete do clube, mas não era corpulento. Sendo o oposto do que eu imaginava que fosse um motoqueiro, pois tinha um diploma universitário em direito e era o contador e advogado do clube. Vinha de um passado rico e ainda tinha uma tonelada de dinheiro, mas algo sobre o estilo de vida MC o atraía. Encaixando-se perfeitamente. Normalmente alguém como ele não daria a alguém como eu alguma importância ou mesmo notaria que eu estava na sala, mas ele era amigável e fazia questão de falar comigo sempre que estávamos no mesmo lugar. Como nunca foi mais do que amigável e nunca me convidou para o Lair, eu me sentia à vontade perto dele.

Enquanto eu andava no meio da multidão, estourou uma briga entre dois homens, algo sobre o jogo na TV ou uma mulher. Talvez ambos. Não sei o que foi, mas ficou ruim muito rápido. Um bêbado deu um soco descuidado no outro, e depois foi atacado por seu amigo. Logo mais dois homens se juntaram à briga, e antes que eu pudesse sair do caminho, fiquei encurralada entre a parede traseira e os brigões. Este não era o melhor lugar para se estar! Punhos e sangue voavam. As mesas foram empurradas para fora do caminho; copos e garrafas se espatifaram no chão, cobrindo-o com sobras de cerveja e vidros quebrados. Eu me pressionei contra a parede, tentando ficar menor, rezando para ficar invisível. As outras pessoas ao redor dos homens brigando esvaziaram a pista de dança rapidamente, e pude ver Stud saindo do palco com seu baixo, seu olhar procurando por mim ao mesmo tempo em que eu me encolhia contra a parede de trás. Meus olhos correram ao redor, procurando um lugar para me esconder ou uma brecha na multidão para escapar, mas não conseguia me mover sem chegar perto da briga. Uma garrafa veio voando pelo ar e se espatifou contra a parede logo acima da minha cabeça, cobrindo-me de cerveja e pedaços de vidro. Dei um grito curto e cobri minha

cabeça, agachando-me ainda mais e tentando observar mais objetos voadores ao mesmo tempo.

Mute se levantou e abriu caminho para a luta. Seu rosto normalmente calmo e inexpressivo estava contorcido de fúria, os lábios puxados para trás em um grunhido feroz, com os olhos brilhando como fogo. Ele puxou um dos lutadores agarrando as costas de sua camisa e literalmente o jogando do outro lado do salão, com muito pouco esforço. Seus braços tensos flexionaram quando ele agarrou o próximo, jogando-o como um saco de batatas. Ele fez uma pausa longa o suficiente para olhar para mim e ergueu a sobrancelha.

— *Você está bem?*

Eu não conseguia falar e ele provavelmente não conseguia me ouvir por causa dos gritos de raiva. Dei a ele um sinal de positivo, embora meus joelhos estivessem tremendo. Ele sacudiu a cabeça em direção ao bar.

— *Mexa-se para aquele lado e vá para o bar.*

Segurei a parede enquanto me desviava da massa de homens retorcida. Nesses poucos segundos que Mute demorou para me verificar, ele levou um soco no rosto. Cambaleando brevemente para trás antes de voltar para seu agressor com um golpe duro em sua mandíbula. O homem caiu e ficou no chão, desmaiado. Mute passou mais alguns minutos separando os brigões e jogando-os para o lado, mas a maioria deles parou rapidamente depois de ver aquele único soco.

Muitos dos clientes do bar simplesmente foram embora quando a briga começou. O homem no chão acordou depois que seus amigos derramaram um resto de cerveja em sua cabeça. Eles o ajudaram a se levantar e cambalearam até o estacionamento.

Betsey veio atrás de mim. — *Você está bem, querida?*

— Sim, estou bem, — respondi, ainda zumbindo com a adrenalina. Eu cheirava a cerveja velha agora. Fui balançar a cabeça o melhor que pude sobre a lata de lixo para tirar qualquer pedacinho de

vidro, mas tinha certeza de que ainda havia algo lá.

— Vá ver o Mute. Seu lábio está todo cortado. Joni e eu vamos limpar esta bagunça. Depois disso, você pode ir para casa e examinar o resto de sua cabeça para ver se há algum vidro. Ainda tem alguns aí.

Balancei a cabeça, ainda em choque.

— Você vai desistir?

Pisquei com a pergunta inesperada. — Hum... não?

Ela sorriu. — Essa é minha garota! Mais resistente do que parece!

Fui até onde Mute estava sentado em seu lugar de costume. Mackie estava sorrindo e revivendo a luta como uma criança em uma loja de doces.

— Maldição! Isso é que é um soco! Aposto que arrancou um ou dois dentes. Aquele pulha não vai voltar por um tempo!

Mute tocou o lábio ensanguentado onde o “filho da puta” havia acertado o punho e bateu no bar com força.

— *Ca-fé.*

Levei uma caneca nova para ele. Não consegui erguer os olhos, mas senti que precisava dizer algo.

— Obrigada — foi tudo que consegui dizer.

Ele agarrou meu pulso quando eu estava me virando. Eu engasguei e congelei de surpresa. Seu aperto era quente e forte. Ele me puxou para mais perto do bar, seus olhos escuros profundos e ilegíveis. Estendeu a mão em direção ao meu rosto e puxou três pequenos pedaços de vidro que ainda estavam presos no meu cabelo. Ofeguei com o contato, sentindo um calor desconhecido florescer em minhas entranhas. Eu não conseguia desviar o olhar e, por uma pequena eternidade, apenas nos encaramos. Ele interrompeu quando alcançou a caneca fumegante, esvaziando metade dela.

— Enchê-la? — Perguntei, com minha voz um pouco rouca. Eu tinha certeza de que podia ouvir meu coração batendo forte. Ele acenou com a cabeça e eu recarreguei sua caneca.

Pelo canto do olho, vi Donna se aproximando. Eu não tinha certeza de seu status no MC; pelo que Betsey me disse, ela não era uma old lady, mas tinha um lugar no clube. Donna usava o mesmo “uniforme” que as outras vadias do clube preferiam. Cabelo loiro comprido que estava descolorido a ponto de ficar com um tom verde claro, toneladas de maquiagem, saia jeans super curta com bainha rasgada e uma camiseta cortada um tamanho menor do que o normal, mostrando seios ridiculamente grandes. Se ela estava usando sutiã, não havia muita sustentação, pois seus mamilos endurecidos apareciam facilmente. Ela mal conseguia andar com os sapatos vermelhos com saltos *foda-me* que usava nos pés, mas conseguiu se esgueirar até Mute.

Enrolei alguns cubos de gelo em uma toalha e levei para ele. Donna estava se esfregando nele e ronronando. Ele ficou ali sentado estoicamente, com o rosto no seu franzido normal.

— Isso foi tão sexy! — ela vibrou. Eu cerrei meus dentes com sua voz áspera. Por alguma razão, eu não a queria perto de Mute. — Tão viril! — Ela passou as mãos nos braços e nas costas dele, pressionando os seios em seu braço. Fiquei surpresa com o quanto queria dar um tapa nela. Essa não era eu, e pior, não era como se houvesse uma razão para eu me sentir assim.

Ofereci o gelo enrolado na toalha para Mute. — Sua mão e seu lábio estão sangrando, — eu sussurrei. Ele olhou nos meus olhos e fui atraída por seu olhar escuro. Não pude ler sua expressão, mas senti que havia algo ali para eu ver. Meu coração disparou.

O grito de Donna interrompeu a conexão. — Oh, *Mutie!* Você está ferido!

Mute não se moveu. Ele ainda estava olhando para mim profundamente, sem reagir de forma alguma ao jeito ridículo de Donna dizer seu nome. Ele enrolou a toalha molhada em volta dos nós dos dedos inchados e a levou até o lábio.

Mackie ainda estava rindo e revivendo a breve luta. — Reabasteça para mim, querida. Sim senhor, isso foi um soco e tanto!

Betsey estava no canto onde fiquei presa, varrendo o resto do vidro e falando ao telefone celular alojado entre seu ombro e orelha. Donna estava ronronando algo no ouvido de Mute e ainda esfregando as mãos nele. Outros membros do Dragon estavam de volta à mesa de sinuca, seu jogo mal tendo sido interrompido pela briga. Alguns outros fregueses obstinados estavam espalhados, mas a maior parte do bar estava vazio.

— Droga, aquela garota simplesmente não desiste! — Betsey veio por trás de mim, balançando a cabeça enquanto guardava a vassoura e a pá de lixo. — Ela o está provocando há semanas na sede do clube, tentando entrar em sua cama. Eu já disse a ela uma e outra vez, ele não é um homem de brincadeiras.

Ela viu a expressão confusa no meu rosto e suspirou. — Isso faz parte da vida do clube, querida. Existem dois tipos de mulheres no clube: *Old Lady* e *coelhinhas*. Eu sei que isso está sendo muito grosseiro, mas é assim que é. As garotas que andam pelo clube procurando por diversão? São as coelhinhas. Elas saltam de homem em homem mais rápido que a merda de um ganso. Ninguém as trata mal ou bate nelas. Meus rapazes não são esse tipo de homens. Eles têm a mesma escolha que todos os outros. Donna quer ser uma old lady, mas ninguém aqui a leva à sério, pois ela já esteve com vários de seus irmãos

Betsey continuou limpando durante seu monólogo de informações. Eu descobri que Betsey era uma faladora. Ela odiava o silêncio, e tudo que você precisava fazer era ficar quieta um pouco e ela encheria o ar de palavras.

— Ser Old Lady é como estar casada, só que melhor. Você sabe que meu homem, Brick, é o presidente do clube. Estamos juntos há quase quarenta anos. Nós passamos por muitas coisas difíceis e boas. Agora temos filhos e netos. Ele me deu um anel há anos, mas nós nunca concretizamos o negócio. Não preciso desse papel e de um pastor para saber que ele é meu e eu sou dele. Sei, sem sombra de dúvida, que ele me ama e que morreria para me proteger. Na maior parte do tempo, fico fora dos negócios do clube e faço o que ele

precisa que eu faça para ajudá-lo. Ele me deu este bar para gerenciar para ele e para o clube. Sei que ele experimentou outros sabores ao longo dos anos, mas ainda sou aquela que ele volta para casa todas as noites, e serei até que deixemos esta terra.

Ela jogou um vidro quebrado na lata de lixo mais próxima.

— Mute é um desafio para as coelhinhas. Ele não se diverte muito, não bebe ou pega mulher com frequência. Todas querem um pedaço dele como se fosse um grande prêmio. Algo sobre o corpo forte e silencioso, eu acho. Eu vi duas ou três no Lair, rastejando em cima dele, mostrando seus seios e tal. Ele não dá atenção a nada disso na maioria das vezes, mas de vez em quando leva uma para o quarto. Nunca o vi uma segunda vez, com a mesma garota. — Betsey fez seu som de *pssht* sua marca registrada. — Donna precisa acordar. Mute nunca vai se interessar por ela por mais de uma noite, se é que alguma vez se interesse.

— Hum... ok, — eu gaguejei, olhando para Donna ainda pressionada em Mute, correndo os dedos por seu cabelo. Ele se sentou estoicamente, apenas tomando seu café, o gelo derretido pingando de sua mão embrulhada no balcão. Parecia ignorá-la completamente, mas não estava exatamente afastando-a.

— Você está bem? Não está pensando em desistir agora, está?

Betsey está realmente obcecada por essa coisa de desistir. — Não, eu não vou desistir. Só fico pensando sobre uma coisa.

— O que é, querida?

É hora de quebrar um pouco a tensão. Eu sorri para ela. — *Mute?* Sério? — Eu engasguei, tentando abafar minha risada.

Betsey jogou a cabeça para trás e riu, tanto de humor quanto de alívio. Mute olhou para nós duas. — Tenho estado com tanto medo de que você fique sobrecarregada e vá embora. Eu deveria saber melhor. Nem todo mundo foi feito para esta vida. Mesmo contornar isso pode ser um desafio.

— Terminei esta noite também, senhoras. Vejo vocês amanhã à

noite! — Mackie declarou, como se nada tivesse acontecido.

Betsey o enxotou com um sorriso. Stud apareceu no bar, seus olhos azuis cheios de preocupação.

— Você está bem, Kat? Tentei chegar até você, mas não consegui ver para onde tinha ido.

Senti meu rosto corar com sua preocupação. — Estou bem. Nada que uma escova de cabelo e um chuveiro não resolvam.

— Preciso empacotar as coisas. Tudo bem para você dirigir? Eu te levo para casa quando terminar, a menos que você queira ir para o Lair. Provavelmente é mais perto, e temos chuveiros e coisas lá em cima.

Fiquei de queixo caído com o cobiçado convite para visitar o famoso complexo privado em que tantas pessoas tentavam entrar. Ele olhou nos meus olhos, esperando por uma resposta, e pude sentir outros olhando para mim. Eu tinha ouvido falar muitas vezes sobre Stud e sua variedade de parceiras noturnas. Até o vi enfeitizar uma garota, literalmente! Normalmente, um convite para o Lair de Stud significava um convite para sua cama, mas ele não parecia estar me dando o mesmo ato que fazia quando estava atrás de diversão. Decidi que ele estava apenas sendo um amigo preocupado, mais do que qualquer outra coisa. Fiquei meio aliviada, pois seria muita pressão tentar corresponder à imagem de Stud. Qualquer uma das mulheres que estava perto dele antes aproveitaria a chance de ir para o Lair, especialmente com ele. Eu estava aqui com uma oportunidade de ouro e com muito medo de aproveitar.

A caneca de Mute desabou no balcão com força suficiente para que a borra de café espirrasse para o lado. O barulho quebrou meu transe e olhei para ele. Mute finalmente se cansou de Donna pendurada nele e deixou seu lugar no bar, saindo pela porta, deixando-a em pé confusa.

Betsey apenas revirou os olhos. — Siga meu conselho, garota. Encontre outra pessoa. Mute não está interessado, e duvido que qualquer um dos outros meninos vá transformar uma mulher que é

propriedade pública por tanto tempo em uma old.

Donna fez beicinho. — Ele provavelmente está apenas cansado da briga. Irá me levar para o Lair em breve.

— E você, Kat? — Stud ainda estava esperando. — Você quer vir para o Lair e se limpar, ou ir para casa.

Corei novamente e senti um pouco de pânico. Decidi que era melhor recuar e ficar invisível novamente.

— Humm... obrigada pelo convite, mas é melhor eu ir para casa. Tenho coisas para fazer pela manhã e um grupo de estudos amanhã à tarde. Eu posso dirigir.

Suas sobrancelhas se juntaram. Tive a sensação de que muitas mulheres não o rejeitaram. Talvez eu estivesse errada. — Vou pelo menos te seguir até em casa.

Balancei minha cabeça e ri, tentando novamente quebrar a tensão repentina. — Não se preocupe. Vou só me limpar e direto para a cama. Você precisa subir para o Lair de qualquer maneira, não é mesmo? Sua banda vai tocar lá por um tempo, certo?

— Sim, nós vamos. Vamos fazer assim, passe-me seu telefone, — ele exigiu.

Dei a ele meu telefone antigo com sua tela minúscula. Ele me deu um olhar e revirou seus olhos para o telefone velho enquanto programava seu número nele. Um momento depois, seu smartphone sofisticado começou a tocar uma velha canção do Def Leppard. “Pour Some Sugar on Me” agora era meu toque no telefone de Stud.

— Você tem meu número agora. Quando chegar em segurança, me envie uma mensagem. Se eu não tiver notícias suas na próxima meia hora, descerei a colina. Me entendeu?

Mordi meu lábio inferior só para ter algo para fazer. Ninguém cuidava de mim há muito tempo, e ser cuidada deixou uma sensação de calor na minha barriga. Aquilo me assustou. Eu não queria me acostumar com isso. Quando acontecia, era apenas uma questão de tempo antes que fosse arrancado de mim.

Coloquei um sorriso no rosto que esperava que parecesse relaxado e genuíno. — Ok. Obrigada, Stud. Isto significa muito para mim.

Ele ainda não estava feliz, mas me deixou sair pela porta para meu carro sozinha. Fui até onde meu carro estava estacionado. E podia ouvir o borbulhar do rio um pouco além da área cercada do lote. Fiquei surpresa ao ver Mute sentado em sua enorme moto preta, estacionada do outro lado do meu carro. O brilho amarelo da luz de segurança externa iluminou seu rosto, fazendo-o parecer predatório. Um predador muito bonito. Esse calor na minha barriga apertou de medo e fascinação. Ele levou um cigarro aos lábios e deu uma tragada curta. Olhou para trás e de volta para mim com a sobrelanceira levantada em questão.

— *Vai para o Lair com Stud?*

Eu balancei minha cabeça e abri a porta do meu carro.

— Não, eu não vou esta noite. Tenho muito que fazer amanhã e prefiro ir para casa.

Ele ficou quieto por um momento, então acenou com a cabeça e largou o cigarro fumado pela metade e esmagou-o com o pé.

— *Bom,* — eu ouvi na minha cabeça.

Mordi meu lábio inferior novamente e baixei os olhos. Ele estalou os dedos para chamar minha atenção e, em seguida, levou o indicador e o polegar à boca e ao ouvido como se estivesse usando um telefone. Estendeu a outra mão com a grande palma aberta, voltada para mim.

— *Me dê seu telefone.*

Pela segunda vez naquela noite, um motoqueiro gostoso programou seu número no meu celular enquanto franzia a testa por sua idade. Um momento depois, seu telefone apitou com uma mensagem para colocar meu número em seu telefone. Nenhum toque extravagante para mim ali.

— *Me mande uma mensagem quando chegar em casa.* — Seus gestos e olhar ecoaram Stud quase perfeitamente.

— Mandarei, — eu disse, pegando meu telefone de volta. — Stud quer que eu mande uma mensagem para ele também. Eu vou ficar bem. — Sua expressão não dizia mais nada.

Sei que ele estava apenas fazendo seu trabalho, mas mesmo assim veio em meu resgate e se machucou por causa disso. Eu senti que precisava dizer algo. — Obrigada novamente, Mute, por me ajudar esta noite. Você não tem ideia do quanto isso significa para mim.

Seus olhos brilharam enquanto se fixavam nos meus. O aperto na minha barriga floresceu com um calor repentino.

Saí, não confiando em mim mesma para dizer algo mais. A noite foi opressora, entre a briga no bar e a atenção que recebi não de um, mas de dois dos membros mais gostosos do clube. Eu precisava ficar invisível e rápido.

* * *

Mute sentou em sua moto e observou as luzes traseiras do balde de ferrugem Taurus de Kat desaparecerem. Ele a ouviu referir-se ao carro como Fred uma ou duas vezes. Porra! Ela realmente nomeou aquela porcaria! Não demoraria muito para que Fred precisasse ser rebatizado de Fred Morto, pelo som daquele motor. Ele cuspiu no chão, tentando tirar o gosto amargo do cigarro da boca. Ele não fumava com frequência, principalmente porque Betsey não queria que fumassem no bar, mas também porque ele não queria que nada o controlasse. De vez em quando, porém, depois de uma noite realmente ruim, o desejo o dominava.

Desejo. Porra! Mute cerrou os punhos repetidamente, sentindo a pele machucada apertar os nós dos dedos. O pânico que sentiu quando viu Kat contra a parede, apavorada e coberta de vidro, ainda estava em suas entranhas. A necessidade de protegê-la foi forte e ele não sabia de onde vinha.

Apenas meu trabalho. Eu teria feito o mesmo por Betsey ou qualquer

uma das outras garotas.

Mas se fosse Betsey, ela teria saído socando e provavelmente chutado algumas bundas antes mesmo que ele saísse de sua banqueta. Ele tocou a ferida cicatrizando em seu lábio, sem saber se teria mostrado tanta preocupação por qualquer uma das outras garotas, ficando distraído o suficiente para levar um soco.

Foda-se! Ele pensou furiosamente. Kat era muito suave, não era feita para essa vida. Ela só precisava dar o fora.

Ele aumentou a velocidade de sua moto; seu motor poderosos rugiu sob ele. Ele viu Stud sair do bar, seu braço em volta de uma groupie aleatória da banda que estava dançando com várias outras pessoas na frente do palco a noite toda. Ele ergueu o queixo dela com a mão e a beijou com força. Parecia que algo sério estava acontecendo com a língua. Stud subiu em sua moto e a groupie subiu atrás dele. Ele sorriu para ela por cima do ombro e disparou em direção à entrada do Lair.

Mute o observou partir. Como fumar, transar com mulheres aleatórias não era algo que ele fazia com frequência. A maioria das mulheres no bar dava uma olhada em seu rosto rude e recuava. Bocetas regular do clube estavam sempre disponíveis. Donna foderia com ele em um piscar de olhos, mas ele sabia que ela pensava em ser sua Old Lady, e isso era algo que não aconteceria. Ele se sentou na moto que ronronava, com o desejo por outro cigarro aumentando.

Porra! Talvez eu só precise transar, ele pensou, olhando para o portão de segurança que levava ao Lair. Donna ainda estava por perto e deixou claro que estava disponível. Mute fez uma careta. *Não essa noite. Não preciso dessa merda. Muita dor de cabeça para lidar mais tarde.* Ele cuspiu no chão novamente, virou a moto e se afastou do bar com um spray de cascalho, voltando para casa.

CAPÍTULO 4

O bar estava lotado na noite seguinte. A banda de Stud estava tocando em outro lugar, e uma banda maior em turnê estava tocando aqui. Parecia que todos em Bryson City tinham saído para vê-los. Ou isso, ou espalharam a notícia sobre a briga e as pessoas queriam um lugar na primeira fila se o show viesse se repetir. A área reservada à dança estava repleta de corpos, a maioria femininos. Seus gritos enchiam o ar, quase ultrapassando a banda.

Mesmo nos meses de outono, estava bastante movimentado para que Betsey contratasse outra garçonete. Eu estava servindo no salão e correndo como uma louca, tentando acompanhar os pedidos de bebidas e atendendo as mesas. Bruiser estava de volta ao bar servindo e fazendo drinks ao lado de Betsey. Mute estava em seu lugar de sempre, bebendo seu café e olhando carrancudo para qualquer um que se aproximasse demais dele. Alguns dos outros Dragons também estavam lá, bebendo, curtindo a música e flertando com qualquer uma de saia curta.

Eu estava limpando uma mesa cheia de copos e garrafas vazias quando, por algum motivo, olhei para cima e vi Mute me encarando. Não, não encarando, olhando com uma raiva profunda. Meu coração caiu no poço do meu estômago quando meu cérebro começou a correr por todas as maneiras que eu poderia tê-lo irritado. *Merda!* Será que eu me lembrei de mandar uma mensagem para ele ontem à noite junto com a de Stud?

Então ouvi uma voz sarcástica bem atrás de mim. — Vejo que tem um novo talento no jogo.

Saltei um pouco e me virei para ver dois membros do clube que eu ainda não conhecia. O que tinha falado tinha o nome Joker costurado em seu colete, e o outro Box.

— Só uma dica, baby, você vai conseguir gorjetas melhores se

trabalhar de shorts e saltos. Essa bunda fica bem no jeans, mas o tênis tem que sair. Qual o seu nome?

— Eu sou... hum... Katrina, — eu gaguejei. Joker era como Stud, pois tinha cabelos loiros e olhos azuis, mas era aí que as semelhanças terminavam. Seu cabelo era cortado em um moicano e as laterais de sua cabeça raspada eram tatuadas com uma fileira de crânios de arlequim dançantes. Ele tinha um piercing na sobrancelha e no lábio.

— Bem, humm Katrina, que tal trazer uma cerveja para mim e para meu amigo aqui? Algo da torneira. E dê-nos uma boa *impressão*.

Ele falou a palavra *impressão* e alcançou entre suas pernas para se agarrar. Engoli, não confiando em mim mesma para falar. Apenas me virei e fui rapidamente até o bar para pegar suas cervejas. Bruiser estava franzindo a cara enquanto enchia as pesadas canecas de vidro.

— Joker é inofensivo, querida, mas há rixa entre ele e Mute. Irmão ou não, ele não está feliz que aquele bastardo esteja aqui. Cuidado, — ele entooou quando terminou de puxar a cerveja e carregar minha bandeja.

Levei os copos altos espumantes para eles na mesa que haviam ocupado e os coloquei sobre os porta-copos de papel na frente deles.

— Kat, Kat, Kat, — cantou Joker. — É uma gatinha muito bonitinha, Kat.

Eu me virei para sair, mas ele agarrou meu braço, me puxando para seu colo. Eu gritei enquanto perdia o equilíbrio, tentando não deixar cair a bandeja ou cair no chão.

— Qual é a pressa, Pussy1 Kat? Você não é uma grande gata, não é? Mais como um ratinho. Quieta, pequeno rato. — Seu tom cantado era mais ameaçador do que brincalhão.

Meu coração estava disparado com a necessidade de escapar. — Por favor, deixe-me levantar, tenho trabalho a fazer.

Ele me lançou um falso olhar desapontado e choramingou: — Ah, mas estamos nos divertindo tanto, certo, Box? Eu só quero brincar com a Pussy Kat por um minuto. Já faz um tempo desde que acariciei

uma.

Ele me segurou em seu colo e eu podia senti-lo ficando duro embaixo da minha bunda. Ele começou a se esfregar contra mim e enfiou o nariz no meu pescoço, inalando profundamente.

— Mmmm... sim! Novata fresca! Você vai para o Lair depois do trabalho hoje à noite, baby? Posso acariciar essa boceta a noite toda. Fazê-la *ronronar*. — Ele fez um miado. E senti o pânico subir na minha garganta. Parte de ser invisível significava que eu não precisava lidar com o assédio com muita frequência e geralmente ele vinha na forma de vaias e alguns assobios. Nunca tive tanto medo disso como agora. A sensação de estar fisicamente contida e forçada a sentir a ereção crescente de Joker era aterrorizante. Lutei um pouco no colo dele e tentei soar firme.

— Não, eu não vou para o Lair. Eu tenho trabalho a fazer, então, por favor, deixe-me levantar.

Eu soava mais como se estivesse implorando.

Joker riu e segurou com mais força, passando um braço em volta dos meus quadris para me prender, e o outro na minha bunda.

— Oh, Pussy Kat, Pussy Kat! As coisas que vou fazer com essa bunda!

Uma mão desceu sobre a mesa com um estrondo alto o suficiente para me fazer pensar que partiu a madeira. Parei de lutar e ergui o olhar para os olhos absolutamente furiosos de Mute. E soube então como era ser aquele camundongo preso entre dois gatos predadores.

Joker riu novamente.

— Bem, *olá* para você também, Mute. Muito tempo sem nos ver! — Ele relaxou seu domínio sobre mim, e eu tentei ficar de pé, apenas para vê-lo apertar seus braços em volta novamente. Eu juro que Mute quase rosnou.

— Qual é o problema, Mute? Kat comeu sua língua? Qual é o gosto dela? — Ele caiu na gargalhada de sua própria piada grosseira e abriu os braços. Eu pulei e saí do caminho. Mute pegou meu braço e

me puxou para trás.

— Ela é sua, Mute? Você reivindicou uma mulher? — Joker engasgou-se entre as risadas. — Pensei que tivesse acabado com essa merda!

Betsey gritou do outro lado do bar. Ela estava rindo e sorrindo, mas não alcançava seus olhos. Sua voz soou com autoridade. — Joker, pare de brincar com a minha funcionária! Kat é uma boa menina! Se você a fizer correr daqui, vou colocar seu traseiro em um avental e fazê-lo varrer e servir mesas! Vá até o Lair e encontre uma mulher lá, seu bastardo com tesão!

— Betsey, meu verdadeiro amor! — Joker gritou de volta. — Quando você vai largar aquele seu velho inútil e fugir comigo? — Ele se levantou, um braço estendido para o lado e o outro colocado sobre o peito, com a palma da mão espalmada sobre o coração. E executou uma reverência cortês.

Assim, a tensão foi quebrada. Joker se tornou seu homônimo. Piadas maliciosas sobre tudo e todos. A vida da festa. Seu amigo Box esperou o resto da noite sentado como seu companheiro, e tanto Donna como Nikki se colaram a eles. Donna sentou-se firmemente no colo de Joker, enquanto Nikki se esfregava contra Box. Seus guinchos rangiam contra minhas orelhas toda vez que pediam outra rodada.

— Sem ressentimentos, certo, Pussy Kat? Eu só estava brincando com você, — disse Joker para mim enquanto apertava a bunda de Donna.

Coloquei a última rodada sobre a mesa e peguei as garrafas vazias.

— Claro, sem problemas, — murmurei, e tentei sorrir para ele. Minha barriga ainda estava tremendo com o instinto de lutar ou fugir, inclinando-se mais para a fuga.

Ele agarrou meu pulso. Seus olhos encontraram os meus. Sua voz era leve, mas seus olhos estavam sérios. — Você realmente está com Mute?

Donna bufou em protesto. — Ela não está com ninguém, baby. Só está aqui para ajudar Betsey até que saia da escola de enfermagem, — ela arrastou. Estava completamente bêbada, acariciando a parte raspada de sua cabeça e lambendo seu pescoço.

— É isso? Pois bem, Pussy Kat, sempre que tiver vontade de brincar de médico, pode me ligar.

Ele me soltou. Donna bufou de novo com suas palavras e depois explodiu em risos bêbados quando ele se levantou e a ergueu por cima do ombro.

— Vejo vocês mais tarde! — gritou para o bar. — Eu tenho que fazer um exame completo nessa mulher! Box, cadê minha sonda anal!

Ele e Box foram embora, presumo que para o Lair. Consegui respirar mais facilmente sem ele no local.

Betsey estava limpando o bar quando finalmente tive a chance de sentar por um minuto. As outras Old Ladies também estavam lá.

— Não ligue para Joker, querida. Ele é um membro do clube, mas atualmente um nômade, e vagueia de vez em quando. Nunca fica aqui por muito tempo, então não temos que lidar muito com ele. Ele só gosta de festejar e criar confusão, mas é todo conversa fiada. Avise-me se for demais.

Molly entrou na conversa com mais preocupação. — Eu não sei, Betsey. Ele pode não ser tão inofensivo quanto você pensa. Ele sempre foi astuto. Seu pai era um dos desertores há muito tempo. Então há a coisa com Mute.

Betsey parou de limpar o bar e olhou Molly nos olhos. Seu olhar direto era o que jamais desejaria em mim.

— Isso foi há muito tempo, e aquele machado de guerra foi enterrado. Nós seguimos em frente. Mute seguiu em frente. O clube seguiu em frente. Você precisa deixar pra lá.

Molly franziu os lábios, mas não disse nada. Ela seguiu o meu costume, deixou cair os olhos e se tornou invisível, ou tão invisível quanto a Old Lady de um motoqueiro poderia ficar.

Duas batidas no balcão me distraíram. Mute adicionou uma terceira.

— *Ca - fé, agora.*

Corri para encher sua caneca. Seu rosto estava sombrio e taciturno, ainda com raiva de Joker. Obviamente, ele não perdoava as travessuras dele como Betsey. Sua mão agarrou a caneca branca com tanta força que pensei que fosse quebrar. Eu ainda podia ver alguns hematomas lá, e ao redor de seu lábio, onde o brigão deu um soco nele. Ele tinha me resgatado duas vezes agora, da briga da noite anterior e de ser abordada por Joker. Eu não sabia para onde isso estava indo, mas gostei. Gostei de sentir que alguém estava me protegendo, pelo menos aqui no bar. Toda a minha vida, fui só eu. Meus últimos pais adotivos não eram pessoas ruins, mas nunca fiz parte de sua família. Eu sempre fui a figurante, identificada como a “minha filha adotiva” em vez de “minha filha”. Mais e mais a cada dia, eu estava tendo a sensação de pertencer a um lugar, de ter pessoas que se importavam o suficiente para me ajudar e me defender, de ter uma família.

Mute conseguiu quebrar essa sensação em questão de minutos.

— Mais uma vez obrigada, Mute, — eu disse baixinho. — Posso fazer mais alguma coisa por você?

Mute olhou nos meus olhos e franziu o cenho furiosamente. Ele estava com raiva de mim! Não era que eu esperava. Ele puxou o telefone e rapidamente mandou uma mensagem. Meu telefone tocou e eu abri a tampa para ver o que ele tinha enviado.

Mute: Pare de criar problemas. Fique longe do Joker e do Stud. Estou ficando cansado de salvar seu traseiro por merdas estúpidas.

Ele bateu o telefone e pegou sua caneca de café, sugando mais da bebida preta.

Podia sentir minha garganta fechando. Não confiava em mim mesma para falar. Não comecei a briga ontem à noite, só fiquei encurralada nela. Eu não flertei ou procurei Stud, ele veio até mim. Não me joguei no colo do Joker, ele me puxou para lá e não me soltou. Como isso era minha culpa?

Mute sentou-se no final do bar em seu lugar de sempre, bebendo o café, me julgando indigna. Por alguma razão, a injustiça era mais do que eu poderia suportar e senti a raiva me invadir. Normalmente, eu teria acenado com a cabeça ou murmurado algo e me virado. Em vez disso, fechei meu telefone e coloquei-o no bolso de trás. Eu o encarei enquanto ele descansava os dois braços tatuados no balcão, com a caneca entre as mãos.

— Obrigada novamente por sua ajuda, mas você é um idiota.

Ele piscou surpreso. Acho que não esperava que o rato revidasse.

Terminei a noite, ignorando-o da melhor maneira que pude, só enchendo sua caneca quando ele batia no bar, sem falar ou fazer contato visual. Eu dirigi para casa em meu carro protestando e fui direto para a cama. Eu podia ouvir Sheila e Chip no quarto ao lado, seus sons altos o suficiente para encobrir qualquer barulho que minhas lágrimas fizessem.

* * *

Porra, porra, porra!

Mute saiu do bar, rasgando o maço de cigarros e quase jogando os palitos brancos no chão em sua fúria. Ele prendeu um entre os lábios, acendeu-o e sugou profundamente.

Maldito Joker! Como membro do clube, Joker era um irmão, e Mute levava o código a sério, mas ainda odiava o homem, suas piadas, sua presença e tudo relacionado a ele. Era uma verdadeira luta ter que aceitar alguém que odiava. Betsey gostava dele e de suas travessuras o suficiente para querer manter a paz, mas Mute preferia que ele fosse

embora. Para longe, muito longe.

Maldito! Merda! Jogou o cigarro mal tocado, pisando nele com raiva. Ele poderia ter tolerado a presença barulhenta do homem no bar, já que ele só ficava alguns dias em um lugar, mas quando ele colocou as mãos em Kat, Mute viu tudo vermelho. Seu medo era palpável, e seu único pensamento era tirá-la do colo daquele filho da puta. Ele provavelmente estava até as bolas no fundo de Donna agora, no Lair. Mas Kat? De jeito nenhum! O idiota precisava *sangrar* por tocá-la!

Mackie saiu do bar. — Estou surpreso que Brick ature aquele monte de merda! — ele declarou. Seu único braço se contraiu incontrolavelmente por um momento, e ele olhou para Mute. — Você está bem, garoto? Aquele rato bastardo terá partido novamente amanhã. Ele só gosta de criar problemas. Kat não se machucou e ela é mais forte do que você pensa. Ela pode lidar com ele.

Maldita Kat! Mute baixou os olhos para o cigarro amassado. Ele estava se sentindo culpado por suas palavras trocadas com ela. A briga no bar não foi culpa dela. Ela só estava lá no lugar e na hora errada. Ele também sabia que ela não tinha começado nada com Joker. Inferno, ela saiu de seu caminho para *não* atrair atenção. Vestindo-se com simplicidade, sem muita maquiagem e tênis, pelo amor de Deus! O problema era que ela ainda tinha sua atenção. Cada turno que ela trabalhava, ele a observava. Ele viu seu sorriso, sua bondade para com Mackie, sua risada com Betsey e o cuidado que ela demonstrava com as pessoas ao seu redor. Ele gostaria que ela brilhasse um pouco dessa bondade em sua direção, mas sempre que o encontrava olhando para ela, fechava aquele brilho, baixava os olhos e o evitava tanto quanto podia. Ele sabia que fazia isso consigo mesmo, afastando-a com suas palavras e maneiras ásperas. Não deveria tê-la atacado mais cedo, mas foi o melhor. Talvez ela entendesse a dica e seguisse em frente. Mackie estava errado. Ela era muito doce e frágil para esta vida, e precisava de proteção, até mesmo dele. *Principalmente* dele.

Mute acenou com a cabeça um “estou bem” para Mackie e apontou para sua moto. O velho gargalhou. Era um prazer para ele

andar na parte de trás dela. Com um braço, era difícil de segurar, mas Mute percebeu que o veterano de guerra merecia qualquer felicidade que pudesse obter. Ele afastou seus pensamentos sobre Kat durante a noite e guiou a moto lenta e firmemente enquanto levava Mackie para casa.

CAPÍTULO 5

Outubro trouxe uma explosão de cor nas montanhas da Carolina do Norte. O verão verde das árvores se transformou em vermelhos, amarelos, dourados e marrons enferrujados. A temporada oficial de turismo havia acabado, mas ainda havia muitas pessoas visitando a área para ver o colorido, andar na Great Smoky Railroad e acampar no clima mais frio do outono. A beleza das montanhas estava ao meu redor e eu adorava vê-la todos os dias.

O bar fechava mais cedo do que nos meses de verão. Betsey resumiu dizendo que a maioria das pessoas não queria ficar fora até tarde quando esfriava à noite, e qualquer um dos garotos que estavam no bar poderiam ir ao Lair. Isso funcionava bem para ela, pois passava mais tempo com os netos depois da escola e nos fins de semana. Eu tinha ouvido falar que Blue e Jonelle estavam tendo problemas novamente, e ele tinha que ligar para Betsey com mais frequência para obter ajuda. Isso também funcionava bem para mim, na medida em que estava mergulhado no último semestre de aulas antes de começar o trabalho interno no hospital. Eu tinha que cobrir mais horas no bar para dar tempo a Betsey para Cody e Michelle, mas ainda funcionava porque eu podia estudar quando não estava muito ocupada no bar. Mute chegava à noite, mas durante o dia, geralmente eram apenas as Old Ladies do clube.

— Bastante morto, mesmo para uma segunda-feira, — disse Molly, olhando ao redor do bar quase vazio. Stud estava em uma mesa de canto com um monte de papéis espalhados. Ele estava usando óculos de leitura, o que o deixava mais gostoso, embora o visual acadêmico contrastasse com seu colete de motoqueiro. Meus livros estavam abertos no final do bar que Mute costumava ocupar. Ele demoraria um pouco para chegar, então não vi necessidade de movê-los ainda. Taz e Cutter estavam no escritório com Brick. Tambre estava no bar com Molly e Betsey estava sentada com elas em vez de atrás do bar comigo. Era como a biblioteca da escola, onde todos

estavam trabalhando em alguma coisa, incluindo as Old Ladies.

— Cutter está com os porcos prontos para começar. Acha que cinco devem ser suficientes? Temos apenas cinco grandes defumadores, portanto, se precisarmos de mais carne, ou temos que arranjar outro defumador ou começar mais cedo e fazer tudo com antecedência. — Tambre também estava de óculos e examinava uma lista escrita em um bloco de notas amarelo.

— Cinco foram suficientes no ano passado, e tivemos comida mais do que suficiente em seleções de petiscos, — afirmou Betsey, digitando uma mensagem em seu telefone. Como ela poderia fazer qualquer coisa com aquelas unhas, eu nunca saberia.

— Estou mais preocupada com os doces. Estiveram muito perto de acabar no ano passado. Quero uns vinte quilos extras para ter certeza.

— Vinte? — Molly gritou. — Você acha que vamos precisar de tanto?

Betsey parou de bater. — Era para ter mais crianças e mais famílias chegando. Mais reservas para barracas maiores, e as cabines de camping já estão lotadas, mesmo as grandes. Acho que podemos ter mais duzentos antes que acabe.

As mulheres estavam repassando os planos para um dos maiores eventos do clube. Todos os anos, o clube organizava um festival de Halloween da comunidade e um churrasco em seu maior acampamento, a cerca de 25 quilômetros de Bryson City. Era uma grande festa e arrecadação de fundos para uma instituição de caridade local. Havia vendedores de artesanato que vendiam sabonetes feitos à mão, velas, artigos de malha, arte da montanha e qualquer outra coisa que você pudesse encontrar em uma feira municipal. Não havia atrações de parque, já que não havia espaço suficiente para montar tantas coisas, mas havia muitos jogos para crianças e adultos montados pelas igrejas locais.

O domínio de Betsey era o bar, que seria montado na casa comunitária do acampamento no pavilhão. O clube doava e preparava

o churrasco, e a população local trazia acompanhamentos e sobremesas. Todos foram convidados a fazer uma doação para a caixa na área de piquenique coberta gigante onde a comida seria colocada. O dinheiro era entregue ao lar infantil local. O destaque da tarde era a Dragon's Tail Run apresentada pelos sócios do clube. Qualquer pessoa com 12 anos ou mais com permissão dos pais podia subir na moto de um membro e ser convidada a “correr atrás”. As motos rugiam e corriam a maior parte do dia com crianças gritando e animadas nas costas. Brick era muito cuidadoso com quem deveria fazer as corridas, já que a Dragon's Tail Run não era um caminho a ser tomado de ânimo leve. Com mais de trezentas curvas sinuosas em um trecho de dezoito quilômetros de estrada entre a Carolina do Norte e o Tennessee, o Tail era o sonho molhado de um motoqueiro. Os Dragon Runners receberam seu nome da famosa estrada, e possuíam vários resorts para motoqueiros e acampamentos em ambas as extremidades.

Um mapa do Tail estava no bar ao lado da lista de planejamento. Meus olhos se arregalaram um pouco com as curvas detalhadas e fechadas. Betsey bateu no mapa e me contou um pouco da história e lenda do clube.

— O avô de Brick, o Velho Jesse, foi quem lhe deu a ideia, e seu pai, Jesse Jr., fundou o clube após a Segunda Guerra Mundial. O velho Jesse era um engraxate durante aqueles anos de proibição e costumava correr a Tail em seu clássico Pontiac GTO, transportando aguardente pela fronteira do estado. Essa era a melhor maneira de fugir da receita federal naquela época. A lenda é que ele poderia fazer uma corrida noturna na Tail menos de vinte minutos. Isso seria um belo passeio!

Molly interrompeu: — Senhor, você sabe disso! O melhor tempo de Taz é de vinte e dois minutos no curto prazo. Demora mais de uma hora e meia na corrida completa.

Tambre se virou para mim e explicou. — A corrida curta começa na base do acampamento e vai logo acima da Deal's Gap no Tennessee. — Ela apontou para uma curva profunda no mapa logo após a fronteira. — Eles dão meia-volta aqui, onde fica a estrada

Parson's Branch, e voltam. Esta é a corrida que eles fazem para as crianças. Os adultos que querem fazer a corrida divertida têm que esperar, pois só há uma no Halloween e é longa. Temos um caminhão reserva para seguir em caso de qualquer problema.

— O pai de Brick, Jesse Jr., ainda corria “aguardente como o Velho Jesse”, mas começou a fazer outras coisas também, para outras pessoas. — Betsey acrescentou com uma expressão séria no rosto. Ela cerrou os dentes.

— Não foi um bom momento, — observou Tambre. — O clube estava vendendo drogas e armas na Tail. Ganhando muito dinheiro, mas todo o risco era dos irmãos, não daqueles que faziam negócios. Mais de um Dragon Runner deixou seu sangue na Tail. O pai de Cutter foi um deles.

Betsey continuou. Eu estava ficando um pouco tonta de tentar assimilar todas essas informações.

— Brick se cansou de ver seus irmãos arriscando suas vidas, sendo nada mais do que garotos de recados. Ele começou a investir em outros negócios, como os acampamentos do resort, a garagem, este bar e outros na área. Ele começou a recrutar membros que queriam algo mais limpo para suas famílias, mas ainda assim lhes permitiria ganhar o dinheiro que estavam acostumados. Pessoas que queriam viver limpas e andar livremente.

— Demorou, e quando Brick fez o rompimento, ficou feio. Houve sangue derramado dos dois lados, mas tiramos o porrete e o limpamos. Nem todo mundo queria que os Dragon Runners se tornassem legítimos, e ainda há algumas pessoas por aí que se ressentem de nós por sairmos desse negócio. Disseram que tínhamos amolecido, mas vou te dizer agora, meu Brick nunca foi mole. Eu digo que é preciso ser um homem forte para tomar decisões difíceis, e ainda mais difícil mantê-las. Ainda não acabou completamente, mas avançamos. Estamos em alta cotação agora, e Brick e eu pretendemos mantê-lo assim.

Mute entrou pela porta naquele momento, anunciado por um

coro de — Ei, Mute. — Eu olhei para cima e depois para longe. Estávamos em uma trégua. As últimas palavras pessoais entre nós foi ele me dizendo para parar de causar problemas e eu o chamando de idiota. Nas últimas semanas, nossas comunicações ficaram principalmente na minha cabeça, com um texto ocasional. Ele pedia café, me dizia para encerrar uma conta ou fazer um inventário de cerveja e garrafa. Uma ou duas vezes ele me mandou uma mensagem para checar Mackie, pois a mão trêmula do homem mais velho estava piorando.

Mute: Mackie está tomando um remédio novo. Não parece que está ajudando muito. Descubra o que é e o que faz.

Ele mandou uma mensagem ontem à tarde enquanto eu estava na aula. Eu queria resmungar por sua grosseria, mas gostava muito do veterano do Exército e também me preocupava com sua saúde. Eu fiz algumas pesquisas sobre a medicação e quando fui remover meus livros, servir ao Mute seu café sempre presente, disse a ele o que descobri.

— Eu pesquisei a medicação de Mackie, e é uma coisa muito poderosa, — eu disse, baixando sua caneca branca com um pequeno baque. As mulheres estavam de volta aos seus planos, as três cabeças inclinadas juntas, conversando e fazendo anotações.

Expliquei melhor o remédio, limpando o bar limpo com um pano e tentando não olhar para Mute diretamente.

— Em suma, ajuda a regular o fluxo de dopamina no cérebro para que ele possa controlar melhor seus movimentos. É muito arriscado porque pode haver períodos em que funciona e que não funciona. Acho que depende da dosagem, que tem que ser regulada com cuidado. Existem também muitos efeitos colaterais, como náusea, confusão, tontura, boca seca, dor abdominal. Provavelmente não é uma boa ideia ele beber com esse tipo de coisa em seu organismo.

Arrisquei uma olhada para cima.

Mute esfregou a mão no rosto. Ele parecia cansado, o que era raro para ele. Ele ignorou sua caneca cheia e puxou seu telefone, batendo na tela rapidamente. Meu telefone tocou e o peguei.

Mute: Ele está agora em péssimo estado de espírito. As últimas coisas que lhe deram o destroçaram muito. Ele não conseguiu cagar durante uma semana e estava vendo insetos nas paredes. Estas coisas o fizeram novamente combater demônios de guerra em sua cabeça. Ele finalmente está dormindo e deve continuar assim.

A preocupação de Mute com o velho me tocou e me derreti um pouco em relação a ele. Por trás de sua personalidade de motoqueiro durão, eu podia ver vislumbres de um homem que era mais protetor e guerreiro do que durão e intocável.

— Mantenha-me informada e me avise se ele precisar de ajuda, — eu disse em voz alta.

Stud aproximou-se de Mute, ainda de óculos na ponta do nariz e segurando um punhado de papéis. Meu coração saltou um pouco quando ele lançou seu sorriso devastador para mim. Mute apenas franziu a testa ainda mais.

— Oi, Kat. Dando duro nos livros, estou vendo.

Eu corei um pouco. — Os exames estão chegando. Eu tenho que me qualificar antes de poder ir para a enfermaria.

— Tenho certeza que você vai conseguir. Mute, preciso revisar algumas coisas com você. Algo está errado com os livros. — Stud acenou para Mute se juntar a ele em sua mesa.

Limpei o bar e voltei para onde as mulheres estavam fazendo seus planos e gargalhando. Agora era sobre fantasias de Halloween.

— Ei, Kat, o que você vai ser? — Molly perguntou. — Cigana, dançarina do ventre, bruxa?

— Eu realmente não tinha pensado sobre isso. Duvido que vá me fantasiar. — Eu me virei para Betsey. — Eu preciso?

Betsey riu. — Não realmente, mas se olhar para o brilho nos olhos de Molly, ela está prestes a aceitá-la como um projeto.

Eu não tinha tanta certeza se queria que Molly me aceitasse como um projeto. Ela se vestia bem na maior parte do tempo, mas definitivamente gostava do visual de uma garota motoqueira. Seu cabelo estava sempre bagunçado e ela usava muito couro. Sua maquiagem era de bom gosto, mas um pouco pesada. Mais do que já usei ao mesmo tempo.

Molly parecia animada com a ideia de me vestir. Ela bateu palmas. — Oh, isso vai ser ótimo! Eu sei exatamente o que você será. Deixe isso comigo! Betsey, certifique-se de que ela esteja de folga na sexta à noite para que eu tenha tempo suficiente para arrumá-la.

Betsey riu e soltou um *psst* quando seu telefone tocou. — Não vá transformá-la em algum tipo de vagabunda vampira! Já temos o suficiente delas por aí, então mantenha-a coberta!

Molly se sentou, fingindo estar ofendida. — Para que você saiba, é possível ser sexy sem ser sacana! É tudo atitude. Mostrar o máximo de pele possível é sacanagem. Tenho outra coisa em mente. — Ela se virou para mim, notando meu olhar preocupado. — Eu prometo que você irá gostar. Apenas confie em mim, querida. Esses meninos não vão saber o que os atingiu!

Isso não facilitou minha mente preocupada, mas meus pensamentos foram interrompidos pelo grito repentino de Betsey.

— Você está fodendo comigo? — Sua voz estava alta e tensa de raiva. — Quando? Quanto tempo? Ok. Ok, Perry, obrigada. Estou a caminho.

Ela cutucou a tela com o dedo e praticamente jogou o telefone no bar. Percebi que quando ela estava com raiva ou emocionada, seu sotaque do interior era mais pronunciado, e seu nível de palavrões aumentava significativamente.

— Aquela vadia inútil e sugadora de vida! — ela gritou no topo de seus pulmões. Ela puxou sua bolsa de trás do bar e agarrou sua jaqueta. — Era Perry no posto de gasolina Sheetz perto de River Street. Jonelle deixou as crianças sozinhas novamente. Shells desceu do ônibus e encontrou Cody brincando sozinho no quintal. Eles estão trancados fora de casa. Não tenho uma chave sobressalente e Jonelle não está por perto. Sem vizinhos em casa também. Shells sabe que deve ir ver Perry se houver algum problema e ela não puder ligar para o papai. Eu vou matar aquela vadia estúpida!

Ela puxou sua jaqueta de couro. — Kat, eu preciso de um grande favor. Brick tem igreja hoje à noite no Lair. Coisas relacionadas com o clube e alguns acontecimentos pela cidade. Preciso que você cuide do bar lá em cima para mim. Vai demorar, então você pode passar a noite. Blue está indo ao Tennessee para buscar o xerife e irá diretamente para casa para seus filhos. Ele não vai estar no Lair de jeito nenhum, então você pode ficar com o quarto dele hoje à noite, se precisar.

Eu pisquei. — E aqui?

— Feche em meia hora e coloque uma placa na porta dizendo emergência familiar. Não há gente suficiente agora para ficar aberto de qualquer maneira. Vou te pagar hora extra por esta noite. Molly, Tambre, ajude-a se puder.

Ela se virou para o canto de trás e gritou. — Mute! Stud! Tenho que ir buscar meus netos! Kat vai me cobrir hoje à noite! Fiquem de olho nela e mantenham-na segura. Use o quarto de Blue, se ela precisar!

Tambre falou. — Vá, Betsey. Me chame se precisar.

Mute surgiu, com sua expressão ensurdecadora, bloqueando Betsey e gesticulando freneticamente. Betsey ergueu a mão na frente do rosto dele e gritou com ele em sua própria fúria.

— Não tenho tempo para lidar com você, Mute. Meus netos estão em um lugar onde não deveriam estar. Supere isso e cuide dos negócios! Eu tenho que ir!

Com isso ela saiu, seus dedos discando em seu telefone com golpes afiados. Mute voltou seu olhar ardente para mim.

— *Que porra você fez agora?!* — Eu ouvi na minha cabeça.

Eu sabia que não tinha feito nada para justificar sua fúria, e estava dividida entre colocar minha própria mão com raiva em seu rosto ou tentar me encolher no chão. Eu estava mais inclinada para a coisa do chão.

— Maldita vadia, filha da puta! — Molly declarou. Ela olhou para mim. — Estou de serviço hoje à noite na delegacia, mas vou ficar o máximo que puder. Tambre, você cuidará de seus netos hoje à noite, certo? Você pode ficar um pouco no Lair depois? Pelo menos até a igreja terminar? É provável que não. Talvez você tenha que ficar um pouco sozinha esta noite, Kat, e será uma loucura. Betsey não estava brincando sobre você passar a noite lá em cima, pois a reunião vai durar muito tempo e a bebida depois vai continuar até amanhã de manhã. É melhor ficar em segurança ao invés de bater com seu carro porque está muito cansada para enxergar a estrada. Se você não se sentir bem, Mute e Stud estarão lá após a igreja e você sempre poderá se esconder no antigo quarto de Blue. Ninguém vai te incomodar lá.

Stud havia terminado de colocar os papéis em ordem, empilhados, e de volta em uma pasta laminada. Eu teria rido da visão de um motoqueiro vestido de couro em óculos de leitura com uma pasta de escritório elegante se não estivesse tão atordoada por ter que ir ao Lair em poucas horas.

— Ela pode ficar no meu quarto. É mais afastado da sala principal e tem uma fechadura dupla, — afirmou calmamente, e piscou para mim.

Meus olhos se arregalaram um pouco. A ideia de que eu precisaria de uma fechadura dupla era um pouco intimidante. — Não vou ficar a noite toda. Se estiver muito cansada, vou encontrar uma carona e vou para casa em algum momento quando não for indispensável.

Stud tirou os óculos do rosto e olhou para mim, ignorando as

vibrações hostis vindas de Mute. — Betsey tem razão em dizer que esta noite vai ser longa. Vamos passar por cima de tudo. Eu tenho uma escova de dente extra, e você pode usar uma das minhas camisetas para dormir, se quiser. Se realmente quiser ir para casa mais tarde, eu te levo.

Mute praticamente rugiu na minha cabeça, pisoteando ao redor do bar, balançando as mãos e a cabeça. Era bastante claro que ele não me queria em nenhum lugar perto do Lair. Porque, eu não sabia, mas agora não era hora de discutir.

Molly bateu palmas novamente. — Certo. Vamos organizar e fechar o bar. Podemos limpar amanhã e retomar o planejamento do churrasco então.

* * *

Mute parecia que a carranca em seu rosto havia se tornado permanente. Ele estava mais frustrado do que com raiva, mas sabia que ultimamente parecia perpetuamente furioso com o mundo. *Não é culpa de Kat que isso esteja acontecendo*, disse a si mesmo. *Betsey tem que cuidar de seus netos, já que aquela mãe de merda não consegue tirar a cabeça da bunda!*

Ainda assim, o pensamento de Kat no Lair o encheu de uma raiva fervente. Só porque Betsey não permitia drogas na sede do clube não significava que os membros bebessem chá, comessem biscoitos e conversassem sobre o clima ou o mercado de ações! Ainda era um lugar áspero, muito áspero para alguém como Kat. Os homens ficavam barulhentos, bêbados e com tesão. As mulheres o mesmo. Muita bebida e muito sexo aleatório acontecia. Não era incomum ver um membro recebendo um boquete de uma mulher do clube em público, na maioria das vezes essa merda ia para um quarto dos fundos ou uma cabana, mas esta noite o Lair estaria cheio de membros visitantes das outras sedes para uma igreja cheia encontrando-se com Brick, as coelhinhas ficariam ocupadas a noite toda deixando todos felizes. Stud

estava preocupado com as contas. Traficantes de metanfetamina foram localizados em Bryson City, e havia rumores sobre o oleoduto de drogas recomeçando. Muita merda estava acontecendo. Kat estaria no meio de uma das noites de festa mais turbulentas que o clube teria este ano, e não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Maldição! Ele silenciosamente gritou enquanto deixava o bar para ir para o Lair. A expressão em seus olhos antes, quando ela estava explicando os remédios de Mackie, mostrou o quanto ela se importava com o velho. Ele sentiu uma necessidade de estender a mão através do bar, puxá-la para si e beijá-la. Todo aquele doce nela tinha que ser gostoso, e ele queria um pouco. Queria muito, mas não era para ele.

Mute colocou a mão no rosto novamente. Ele estava cansado de seu turno no bar na noite passada, ajudando Mackie em seus pesadelos durante o dia e lutando contra seus sentimentos por Kat. Ele estaria enfrentando outra longa noite com negócios do clube e assistindo Kat entre os estranhos que estariam lá esta noite. Ele tinha que se manter forte e seguro, mas dane-se se algo não quebraria logo.

CAPÍTULO 6

O Lair não era o que eu esperava. Era mais como um dos resorts de acampamento que o clube possuía. No final da estrada íngreme estava o que só poderia ser descrito como uma cabana de madeira em uma área plana e limpa no topo da colina. Um trajeto de cascalho iluminado estava de um lado, misturando-se à floresta e circulando em volta. Várias cabanas de acampamento de um cômodo eram visíveis do caminho, cada uma com um nome diferente gravado na porta. O alojamento tinha dois andares de altura, uma varanda envolvente completa com vários balanços na metade inferior e um deck completo na parte superior. Atrás do chalé havia um enorme deck em torno de uma grande piscina subterrânea agora coberta para o inverno. Vários prédios de armazenamento estavam do outro lado, assim como outro edifício que era claramente uma oficina em funcionamento. Escondido mais para trás na floresta havia mais do composto, mas ficava difícil ver no escuro.

Eu fui com Molly até o Lair por dois motivos. Um, porque estacionar era um problema, e dois, porque não achei que meu carro conseguiria subir a colina. Por mais bonito que fosse, o Lair era como uma fortaleza. Difícil de chegar, e uma vez que o portão pesado fosse trancado, tornaria o complexo impenetrável.

Ao entrar no chalé, percebi que minhas expectativas estavam muito erradas. Eu achei que estaria cheio de móveis incompatíveis rasgados, pisos sujos, fumaça de cigarro rançosa e assim por diante. Em vez disso, era rústico, charmoso e limpo. Muito limpo para um clube.

Molly me deu um tour rápido. O cômodo da frente principal era um espaço que abrangia os dois andares, o segundo andar mais parecendo um loft de patamar com um apartamento privado de um lado e quartos privados do outro. Um deles era a sala de conferências onde os dirigentes do clube e seus convidados realizavam as reuniões da igreja de motoqueiros. O outro lado do patamar era a residência

privada e os quartos de Brick e Betsey. A sala principal tinha sofás com moldura de madeira e almofadas com estampas nativo americanas. Mesas de centro retangulares caseiras cobertas por anéis de suor permanentes de tantas garrafas de cerveja e copos estavam na frente dos sofás. Várias grandes TVs de tela plana foram montadas nas paredes ao redor da enorme sala; uma na extensão lateral que continha uma mesa de sinuca e pebolim, e outra na área do bar na outra extensão lateral. O bar era menor do que o de River's Edge, mas melhor abastecido com bebidas de alto nível. Havia uma coleção de cervejas brilhando em luzes neon nas paredes, e algumas cabeças de veado montadas. Quem estava na área do bar usava um boné vermelho, óculos escuros e tinha um cigarro pendurado na boca.

Vários membros já estavam no Lair, curtindo, jogando sinuca, videogame. Alguns deles conheci brevemente, outros não conhecia. Donna estava lá, assim como Nikki e algumas outras mulheres que eu tinha visto no bar, mas não conhecia. Todos podiam ser identificados por seu colete ou pela falta de um. Os homens que não usavam o colete Dragon Runners eram chamados de prospectos e esperavam entrar no clube. Mas só porque você tinha a chance de comparecer a uma festa privada no Lair não significava que automaticamente poderia prospectar. Isso era apenas por convite, e Brick era muito específico sobre quem deixava entrar neste santuário interno. Eu me senti deslocada, como um peixe tentando nadar na areia do deserto. Eu poderia dizer que esta seria uma longa noite, e minha melhor aposta seria me tornar invisível e continuar assim.

Led Zeppelin tocava em um conjunto sofisticado de caixas de som surround montadas nas paredes quando entrei. Brick me encontrou, seu cabelo ruivo e cinza preso em um rabo de cavalo curto e sua espessa barba ruiva eriçada. Ele era um urso de um homem, grande com uma pequena barriga. Seu nome verdadeiro era Jesse Davis, mas seus colegas motoqueiros o conheciam como Brick, tanto por seu cabelo ruivo quanto por sua linha dura quando se tratava de clubes e negócios do clube. A tatuagem em seu antebraço era de uma cobra vagamente semelhante a um dragão, com o clássico lema americano “Não pise em mim”.

— Betsey ligou sobre as crianças. Falei com Blue e ele está a caminho. O xerife o deixou ir para casa e cuidar dos negócios com as crianças, mas ele não vai estar aqui por um tempo. Obrigada por cobrir. Eu te devo uma.

Esta foi a frase mais longa que ele já me disse. Eu engoli e tentei esconder meu nervosismo.

— Sem problemas, Brick, fico feliz em ajudar, — eu disse enquanto tirava o casaco. — Vou fazer um balanço do bar e tratá-lo da melhor maneira que puder.

Molly saltou: — Eu tenho algumas horas até que tenha que ficar de plantão na delegacia. Vou ajudar até lá e mantê-la organizada. As outras Old Ladies ajudarão quando necessário. Nós ficaremos bem. Você começa a igreja. Quanto mais rápido isso for feito, mais rápido poderá chegar aos seus netos.

Brick assentiu e colocou a mão no meu ombro, apertando levemente. — Avise-me se alguém incomoda-la.

Ele saiu, subindo a escada de madeira em forma de L para a área do loft e a sala de conferências. Taz, Stud e Mute o seguiram, junto com os outros membros. Os poucos motoqueiros que restaram imediatamente foram direto para o bar.

Pelas próximas horas, servi cerveja e shots como louca. Fiquei surpresa com a quantidade de bebida que eles podiam beber. Eu misturei algumas jarras de margaritas, e elas foram engolidas muito rápido. Os motoqueiros que não estavam envolvidos na reunião da igreja falavam alto, xingando forte e apalpando qualquer mulher que não tivesse um colete de “Propriedade”. Eu vi Nikki no canto aos beijos com dois homens, um com a língua em sua garganta e o outro com a mão sob sua saia curta. Donna estava montada em um motoqueiro magro de cabelos castanhos, segurando um copo entre os seios. Ele o pegou com a boca, puxou-o para fora e bebeu. Ela gritou e girou em seu colo.

— É sempre assim? — Eu perguntei a Molly. Ela estava sentada no bar junto com Tambre, as duas lá para me oferecer alguma

proteção contra os motoqueiros excitados.

Molly tomou um gole de sua Diet Coke. Ela estava de serviço mais tarde e não podia beber. — Não, não é. Está vendo aqueles caras ali no PlayStation? Seus coletes são um pouco diferentes. Mesmo clube, mas sede diferente. Eles são do lado do Tennessee. Os que jogam sinuca são da sede da Virgínia Ocidental. Alguma coisa está acontecendo há um tempo, tanto aqui quanto na outra ponta da Tail. Há muita metanfetamina circulando aqui e, mais de uma vez, alguém alegou ter visto motoqueiros com coletes de Dragon Runner envolvidos no tráfico. Brick acha que alguém está fazendo coletes falsificados para implicar o clube. É por isso que está igreja está acontecendo. Brick convidou os outros presidentes de cada sede aqui para reunião. O clube está limpo há muito tempo, mas ainda há alguns que não gostam da mudança e querem voltar ao que era quando Jesse Jr. o dirigia.

Tambre assobiou. — Molly, isso é assunto do clube! Você não deveria saber *ou* compartilhar!

Molly sussurrou de volta: — Eu trabalho no escritório do xerife, Tam, como não deveria saber? Qualquer mulher neste clube precisa saber de algo, se não por segurança, mas pelo menos ser capaz de diferenciar um verdadeiro Dragon Runner de um falso.

Tambre ficou em silêncio e deu mais um gole na margarita que fez para ela.

A noite continuou e a atmosfera da festa diminuiu um pouco. Tambre só pôde ficar até as dez, quando teve que ir ficar com os netos e Molly saiu por volta das onze para trabalhar. A reunião da igreja tinha começado por volta das nove e estava perto da meia-noite. Todos pareciam ocupados, seja com videogame, sinuca, dardos ou beijando uma das mulheres do clube. Eu tinha visto vários deles desaparecerem de vez em quando, indo para os quartos dos fundos. Os sons de sexo acelerado podiam ser ouvidos; Nikki era particularmente barulhenta.

Ninguém tinha me incomodado ainda, e eu esperava que

continuasse assim. Um dos jovens prospectos do clube desceu uma vez da sala de conferências para levar uma bandeja de cervejas e shots para os membros da reunião, mas ninguém mais desceu. Eu estava com a minha invisibilidade ligada, e por acaso saí de trás do bar para pegar os copos vazios e canecas de cerveja. A maioria das garrafas foi jogada em uma grande lata de lixo cinza de plástico no canto mais distante do bar, no entanto, algumas delas erraram, fazendo uma bagunça pegajosa no chão de vidro quebrado e resto de cerveja. Ninguém havia feito uma tentativa de limpar. Eu tinha certeza que se Betsey estivesse atrás do bar em vez de mim, teria pulado na garganta dos culpados e os feito limparem sua própria bagunça, mas como eu era a única atrás do bar, a bagunça ficou maior.

Eu me movi ao redor da sala, tomando cuidado para ficar fora do caminho e não atrair nenhuma atenção. Consegui reunir alguns copos e voltei para o bar. Donna estava aninhada em um sofá, metade no colo de um membro visitante. Ele estava recostado, os olhos semicerrados enquanto ela esfregava sua ereção através da calça jeans. Não demoraria muito para que ela o levasse para os quartos dos fundos. Corri e coloquei uma carga na máquina de lavar louça, em seguida, pressionei minha sorte resolvendo a bagunça no canto.

Limpei o vidro, varri e limpei a área rapidamente. Achei que estaria livre e poderia me esconder atrás do bar novamente, quando mãos me agarraram por trás e me puxou para um corpo masculino rígido.

— Ora, ora, ora! Olha que gatinha se arrastou para dentro! — Joker cantou no meu ouvido.

Eu congelei por um momento e ele aproveitou a oportunidade para se esfregar nas minhas costas.

— É bom vê-la de novo, Puh-puh-ssy Kat. — Ele estalou o *P com* força no meu ouvido, e senti seu hálito contra minha bochecha.

Tentei me afastar.

— Por favor, me deixe ir, Joker. Estou aqui apenas para substituir Betsey, — eu disse, tentando manter a voz calma e esconder meu

nervosismo repentino.

— Oh, mas eu não quero, gatinha bonita. — Ele contornou seu braço em volta de mim, prendendo os meus dois contra os meus lados. — Eu quero brincar. Vamos, baby, deixe-me acariciar essa boceta. — Ele alcançou minha frente e enfiou a mão entre minhas pernas, me agarrando com força. Eu engasguei e tentei me afastar novamente.

— Uh... uh, baby! Aonde você vai? — ele cantou, enfiando o rosto na lateral do meu pescoço e lambendo minha pele. — Mmmm... tem um gosto bom. Aposto que essa boceta tem um gosto melhor, ainda. Mal posso esperar para mergulhar de cabeça. Vou comer essa boceta crua, depois vou foder com tanta força que você vai uivar para a lua por mais.

— Não... eu não... — Eu lutei por palavras. A sensação molhada de sua língua no meu pescoço era nauseante.

— Você não foi reivindicada e está no Lair. Isso significa que está aberta para negócios. Vamos, linda boceta. Eu tenho um quarto emprestado nos fundos. Vamos ver o quão alto posso fazê-la ronronar!

Ele começou a me arrastar para o corredor dos fundos, e não tive escolha a não ser fincar os pés. Eu puxei seu aperto como um torno e pude sentir o pânico subindo na minha garganta.

— Joker, não estou brincando, eu *não* quero isso!

— Sim, você quer, Pussy Kat. Você quer abrir essas pernas para mim, — ele declarou em sua voz cantante.

— Pare! — Gritei desesperadamente, o mais alto que pude. De repente, Joker não estava mais nas minhas costas e perdi o equilíbrio. Braços fortes me agarraram, e olhei nos olhos furiosos de Stud.

— Você está bem, Kat? — ele perguntou em voz baixa.

Eu estava abalada, mas não estava ferida, então balancei a cabeça. O som surdo de carne batendo em carne encontrou meus ouvidos, e ouvi o grito de — Luta, luta, luta — também. Olhei para o meio da sala principal para ver Mute parado com os punhos cerrados e Joker deitado no chão, segurando um nariz sangrando.

— Que porra é essa! — ele gritou, o sangue escorrendo pelo rosto distorcido. — Eu não vejo nenhum colete de propriedade nela! Ela está te fodendo, Mute? Ou Stud?

Seus olhos se arregalaram comicamente e sua boca formou um grande o exagerado. — Oh! Oh! Oh! Entendo! Vocês estão compartilhando agora! Bem, foda-se! — Ele começou a rir. O som era perturbador dado o sangue e a expressão maníaca em seus olhos. — Mute encontrou um pedaço para ele. Quando você terminar de bater naquela bunda, quero uma chance. Como nos velhos tempos, hein?

Mute se abaixou e agarrou a frente do colete de Joker e o colocou de pé, puxando o punho para trás para outro soco.

— Ei, ei, garotão! — Joker sorriu, o sangue criando uma máscara macabra. — Você me conhece, eu só estava brincando!

Mute não parecia estar brincando. Ele acertou Joker na lateral da mandíbula, ele caiu, e mais sangue saiu voando e mais gritos soaram.

Tentei sair dos braços de Stud para cessar a briga, mas ele me segurou. — Fique quieta, garotinha. Isso já vem de muito tempo. Não se trata apenas de você.

Mute pegou Joker novamente. O maldito homem estava atordado, mas ainda ria loucamente.

— Droga, Mute! Você ainda está chateado pela Maya? Essa cadela se foi há muito tempo!

Eu podia ouvir a raiva de Mute dobrar em minha cabeça. Tive medo que ele matasse Joker e, embora não achasse que choraria muito no seu funeral, o risco que Mute enfrentaria não valia a pena.

— Pare-os! Por favor! — Eu implorei, com meus olhos se enchendo de lágrimas.

Stud olhou para mim com aqueles olhos azuis e balançou levemente a cabeça.

— Mute teve uma mulher anos atrás. Maya. Começou como uma coelhinha, mas rapidamente se envolveu com Mute. Ele amava aquela

vadia profundamente e colocou seu patch nela. Nunca o vi se importar com ninguém como o fez com ela. Ele cuidou dela, a protegeu, comprou o que ela queria, pensou que ela o amava também. Ela poderia talvez do seu próprio jeito, mas não o suficiente para ficar com ele ou permanecer fiel a ele. Joker chegou e a encantou, e digo isto no sentido literal. Mute os pegou indo para o seu quarto na sede do clube. Joker estava com as bolas no rabo dela e ela estava chapada como uma pipa, usando o colete que ele lhe deu que dizia *Propriedade do Mute*. Não tenho certeza do que é pior. Um homem vendo sua mulher cagando por todo o patch que ele lhe deu, ou o desrespeito de um irmão em fazer acontecer.

— Foram precisos quatro de nós para impedir Mute de dar uma surra de merda eterna em ambos. Talvez até matá-los. Por mais louco que Mute possa ficar, nunca vi uma raiva assim e espero nunca mais ver. Para encurtar a história, Mute pegou de volta seu patch, que é um divórcio feio aqui no clube. Brick fez Maya deixar a cidade e fez Joker se tornar um nômade. Ele queria pegar o emblema do Joker, mas as regras do clube dizem que os membros fundadores estão isentos de quase tudo. Joker teria que matar alguém antes de ser expulso.

Eu ofeguei e tentei controlar meus lábios trêmulos. Meu coração sangrou pela história de Mute. Uma traição como essa deixaria cicatrizes profundas. Joker e Mute deveriam ser irmãos, mas como um poderia fazer isso com o outro?

Uma onda sônica atingiu a sala, o barulho poderoso vindo de Brick.

— *Basta!* — ele rugiu, descendo as escadas. — Esta é a MINHA casa! Este é o MEU clube! NINGUÉM ME DESRESPEITA AQUI!

Brick entrou no ringue de luta que se formou em torno dos dois combatentes. Seu rosto estava vermelho e seu corpo de cem quilos tremia de raiva. Ele agarrou a frente do colete de Joker e o jogou no chão. — Quem diabos você pensa que é? Isso não é brincadeira, idiota! Você conhece a porra das regras na porra da minha casa! — Ele apontou para mim, ainda sendo segurada por Stud. A dura

autoridade de Brick encheu a sala, e ninguém conseguia desviar o olhar ou falar. — Ouça-me agora e ouça-me bem, *todos* vocês! Ela está sob *minha* proteção! Você fode com ela, *você fode comigo*! E todo mundo aqui sabe o que acontece quando FODE COMIGO!

O olhar poderoso de Brick fez os olhos de todos os outros caírem. Mute ficou frente a frente com ele por mais um momento, antes que ele também baixasse o seu. — A festa acabou! Acabe e dê o fora!

Houve alguns murmúrios gerais, mas os festeiros foram embora, indo para suas cabanas e quartos, como membros ou como convidados.

— Donna! Nikki! Tragam as outras vadias aqui e limpe essa porra de bagunça antes de ir. Se você vai ficar com alguém esta noite, eles podem muito bem esperar! Minha maldita casa vem primeiro, porra! — Brick gritou, a raiva ainda em seu rosto.

Box estava ajudando Joker a se levantar. O maldito homem ficou em silêncio pela primeira vez. Brick apontou com a mão para a porta.

— Tire esse filho da puta daqui! Irmãos ou não, vocês não são mais bem-vindos aqui! Mute, certifique-se de que eles saiam da propriedade Lair. Eu não quero ver nada além de suas malditas lanternas traseiras à distância.

Ele se virou para Stud. — Você está reivindicando-a? — ele rosnou, suas sobrelhas espessas se ergueram. Mute congelou no caminho para fora da porta e se virou para Brick, sua expressão tensa e ilegível.

— Não, mas eu respondo por ela, — Stud respondeu calmamente.

Fiquei surpresa ao ouvir sua resposta. O que ele quis dizer? Responde por mim? Reivindicando? Eu não era muito versada na linguagem dos motoqueiros. E não tinha ideia do que isso significava. Stud e Mute vieram me resgatar, mas era a mesma coisa que reivindicar? Eu queria ser reivindicada por um deles? Ser reivindicada é o mesmo que ter um patch? Se fosse, eu não queria isso! Olhei para Mute, ainda tão silencioso em minha cabeça quanto na vida real. Ele

estava olhando fixamente para Stud. Rezei naquele momento para quem pudesse me ouvir por invisibilidade.

— Então, deixe-a ir, porra. — A voz de Brick era mais baixa, mas não menos autoritária. — Ela não vai ficar com você hoje à noite. Ela vai ficar no quarto extra na minha suíte e na da Betsey. Cansado de ver vocês, filhos da puta! Um de vocês tem que cagar ou sair da moita!

Mute virou-se com raiva e deixou a casa para terminar de limpar a propriedade. Ao sair do local, ele pegou uma garrafa de uísque pelo gargalo, inclinou-a para trás e tomou vários goles. Nunca o vi beber nada além de café no bar e fiquei um pouco espantada com a facilidade com que ele deixou o licor ardente descer pela sua garganta. Não tinha certeza de que um Mute bêbado fosse melhor do que um sóbrio.

Stud enrijeceu, mas me soltou e recuou. — Espere aqui, e eu vou pegar aquela escova de dente e uma camiseta para você dormir.

Ele saiu da sala, deixando-me ali com Brick.

— Eu sinto muito... muito, Brick, — gaguejei, meus braços abraçando minha cintura, instintivamente tentando diminuir. — Eu n... não queria causar problemas. Eu... hum... eu só queria ajudar você e BB-Betsey!

Minha garganta estava fechando e eu estava perdendo a luta com minhas lágrimas. Um soluço saiu da minha boca e eu apertei minha mão sobre meus lábios, tentando desesperadamente segurar o resto.

Brick amoleceu imediatamente no ursinho de pelúcia que eu sempre pensei que ele era. — Venha aqui, querida. Não é sua culpa, — ele sussurrou, abraçando meu corpo trêmulo em seu peito largo. — Não é assim que minha casa funciona, e sinto muito que você tenha visto dessa forma. Não importa se uma mulher é uma Old Lady, reivindicada ou aberta ao público, ela está na minha casa, *ela está segura*. Ela não precisa fazer nada que não queira fazer.

Ele acariciou minhas costas enquanto eu abafava mais soluços. Ele era o patriarca da família do clube, assim como da sua própria.

Esta é a sensação de ter um pai cuidando de você. Uma nova onda de lágrimas ameaçou derramar, e me esforcei para lutar contra elas.

— Quem entra em minha casa precisa mostrar respeito. Por mim, por meu clube, por minhas regras, por meus irmãos, por minhas mulheres. Se não entende isso, então você não entra em minha casa. Simples assim.

Eu ouvi Donna, Nikki e as outras duas mulheres do clube se movendo ao redor da sala limpando e arrumando um pouco. Eu sabia que elas podiam ouvir Brick falando comigo, mas não conseguia vê-las. Senti outra pessoa se aproximar de nós, mas não pude saber se era Stud ou Mute.

Brick continuou falando, sua voz rouca e baixa e calmante: — Minhas regras também são simples. Beba e festeje o quanto quiser, mas mantenha o controle o suficiente para não destruir minha casa. Eu trabalhei muito duro e dei muito para construí-la para que alguns filhos da puta bêbados destruí-la. Foda quem você quiser e quando quiser, mas leve para um quarto. Tenha esse respeito por sua mulher, mesmo que seja por uma noite, e tenha respeito pelas outras Old Ladies do clube para não jogar isso na cara delas. Betsey não gosta de ver essa merda. E se a mulher disser não, respeite isso também e passe para outra pessoa.

Brick se afastou de mim, me soltando, mas colocou as mãos nos meus ombros e me olhou diretamente nos olhos. Seu rosto estava sério e eu não conseguia desviar o olhar.

— Betsey teve um passado ruim com um traficante de drogas, quase se matou por causa disso. Uma mulher precisa se sentir segura em sua própria casa e passou por algo que nenhuma mulher deveria passar. Este é o lugar seguro dela agora, e eu me certifico de que continue assim. Ela não permite nenhuma droga aqui, nem mesmo maconha. Os meninos querem fumar um, eles vão para as cabanas. Ela nem gosta muito de cigarro, então os meninos levam para fora também. Eles respeitam minha old lady o suficiente para dar isso a ela. Por sua vez, ela cuida deles, de suas mulheres e do clube. Você

continua ajudando e a respeitando, você sempre tem um lugar aqui. Você também tem minha proteção.

Brick baixou as mãos e vi Mute entrando pela porta da frente. Donna parou o que estava fazendo e foi até ele, fazendo ruídos simpáticos e pressionando seu braço. Seu rosto ainda estava tenso e ele segurava seu corpo rigidamente, como se estivesse cheio de energia que não tinha saída.

Stud escolheu aquele momento para me entregar uma escova de dente ainda no pacote e uma camiseta Harley desbotada. — Aqui está, menina. Você precisa de algo, meu quarto fica no fundo do corredor, último quarto à direita. Vá se instalar. Já passa da meia-noite, então vamos lidar com o que precisamos amanhã. — Ele pressionou seus lábios contra minha testa e me empurrou em direção aos degraus após a forma de Brick se retirar.

Dei uma última olhada no rosto impassível de Mute antes de subir as escadas. Minha mente estava entorpecida e a necessidade de recuar era grande. Brick me mostrou um quarto simples, mas agradável, com um pequeno banheiro adjacente. O lado do apartamento do loft era maior do que eu pensava e muito bom. Tomei banho, usei as loções lá para uso dos hóspedes e abri a nova escova de dente que Stud tinha me dado. Sua camiseta era velha e grande. E caiu até o meio da coxa em mim. Deitei na cama queen-size e tentei dormir, mas estava tensa demais. Inquieta, como tinha visto Mute antes. Eu me mexi e girei pelo que pareceram horas, minha mente lutando com pensamentos de Mute e Stud.

Reivindicando? Dando-me um patch? Será que algum deles realmente gosta de mim assim? Simplesmente a velha e invisível eu? Isso era possível?

Eu finalmente saí da cama, com a intenção de deslizar silenciosamente para o bar e pegar uma dose de algo que poderia me ajudar a relaxar o suficiente para dormir. Vesti minha calça jeans, saí do quarto e caminhei na ponta dos pés pela suíte. Ouvi Brick roncando alto o suficiente para acordar os mortos em seu próprio quarto, então

me senti segura o suficiente para poder esgueirar-me escada abaixo e voltar rapidamente. Cheguei ao loft e ouvi outro barulho. Olhei por cima da grade e quase caí de joelhos em choque. Havia luz suficiente para mostrar Donna curvada sobre a mesa de sinuca, completamente nua, e um Mute sem camisa bombando nela por trás.

A garrafa de uísque meio vazia pousou no feltro verde ao lado dela. Suas calças estavam abaixadas apenas o suficiente para permitir o acesso. Ela estava ofegando e gemendo com cada impulso forte, e ele segurava seus quadris, puxando-a de volta para seu corpo. O tapa rítmico de carne contra carne ecoou na grande sala. Eu fiquei lá e observei. Eu deveria ter ficado enojada ou envergonhada. Eu deveria ter me virado, mas não conseguia me mover. Fiquei hipnotizada pela visão dos músculos tatuados flexionados de Mute, a corrente de prata em volta do pescoço brilhando ao luar azulado. Este era um sexo cru, quase brutal. Nem mesmo sexo.

Isso era foder.

Donna estava agarrando a mesa e ofegando. Ele agarrou seus braços, forçando-os para trás, e bateu dentro dela. Donna gritou seu clímax, impotente enquanto Mute continuava. Ele jogou a cabeça para trás, olhos fechados, dirigindo mais forte, e senti meu próprio sexo pulsar com a visão. Seu pescoço ficou tenso quando ele apertou a mandíbula. Eu observei quando ele alcançou sua própria liberação silenciosamente, empurrando uma última vez profundamente no corpo de Donna.

Eu não era virgem, nem me opunha ao sexo, mas nunca foi uma parte grande nem estável da minha vida. Também nunca foi a suposta experiência alucinante que outras mulheres pareciam gostar. O único namorado que tive anos atrás me apresentou a isso, e depois daquela primeira noite dolorosa, não me parecia que era tudo o que parecia ser. Nos poucos meses em que ficamos juntos, deixei que ele fizesse o que quisesse, quando quisesse. Não fez muito por mim, mas o mantive feliz por um tempo. Então ele reclamou que eu não participava o suficiente. Que eu era muito fria na cama. Ele terminou comigo usando o clichê “não é você, sou eu”, mas eu sabia que ele realmente

quis dizer que era eu.

Por isso fiquei chocada ao me sentir tão excitada enquanto olhava para a visão abaixo. Eu queria que fosse *eu* lá na mesa de sinuca, ele segurando-*me* para baixo, movendo-se dentro de *mim*, me fazendo gozar. Também senti uma dor no peito por saber que tinha as respostas para minhas perguntas. Isso nunca aconteceria. Mute apenas tolerava minha presença pelo que eu poderia fazer pelo clube e Betsey; caso contrário, não queria nada a ver comigo. Ele prefere foder uma coelhinha do clube a ficar comigo.

Eu observei quando ele saiu. Tirou a camisinha, deu um nó na ponta e jogou na lata de lixo mais próxima. Donna arrulhou e fez um grande show ao rolar para fora da mesa. Eu não conseguia ouvir o que ela estava dizendo. Eu apenas observei enquanto ela se pressionava contra Mute enquanto ele se limpava e se enfiava nas calças. Correndo as mãos para cima e para baixo em seu peito, ela o beijou e lambeu, chupando seus mamilos.

Ele ficou parado como uma estátua, observando-a tocá-lo. Ele não a tocou de volta, a segurou em seus braços ou a beijou. Em vez disso, ele olhou para a grade da varanda, bem nos meus olhos, como se soubesse que eu estava lá o tempo todo e a porra da cena não era nada mais do que um show para meu benefício. Senti um soluço subir pelo fundo da minha garganta. Seu rosto estava duro. Sua boca se formou em uma linha sombria. Seus olhos mortos.

— *Você deveria ir,* — eu o ouvi em minha cabeça. — *Você não pertence aqui.*

Ele empurrou as mãos de Donna de cima dele, pegou a garrafa de uísque e se virou para sair de casa. Ela gritou atrás dele e tentou segui-lo, mas ele a ignorou e continuou pela porta. A mulher nua desabou no chão em uma pilha enrolada. Eu podia ouvi-la chorando de dor. Eu sabia como ela se sentia, mas pressionei a palma da minha mão contra a boca para abafar meus próprios sons. Brick ainda estava roncando em seu quarto na suíte, ignorando meus movimentos.

Voltei para o quarto de hóspedes, subi na cama e abracei um dos

grandes travesseiros fofos contra o peito. Enterrei meu rosto em outro e o soltei um pouco, encharcando-o com a torrente de lágrimas que estava segurando. Milagrosamente, depois da pequena crise de choro, senti um grande alívio, quase tonta. Eu faria o que fazia de melhor. Eu bloquearia meus sentimentos e mágoas em um canto da minha mente e os deixaria lá. Eu tinha um plano. Concluir os estudos, começar a trabalhar no hospital em tempo integral, economizar algum dinheiro e me mudar para outro lugar. Eu seguiria com isso. Eu ignoraria Mute e faria meu trabalho, ponto final. Eu me envolveria em uma capa de invisibilidade de Harry Potter e sobreviveria. Com minha mente limpa, finalmente consegui adormecer.

* * *

Mute sentou-se em uma das várias mesas de piquenique que estavam espalhadas pelo pátio do clube. Era uma noite fria, mas ele estava bêbado o suficiente para não sentir isso. Ao seu redor havia sons da floresta. Ele virou a garrafa de uísque e engoliu o resto do licor forte. Queimou um caminho bem-vindo para seu estômago. Ele foi jogar a garrafa no quintal, mas estava sóbrio o suficiente para saber que Betsey arrancaria sua pele se voltasse para um pátio com garrafas quebradas. Essa mulher dirigia um barco apertado, tanto no bar quanto na sede do clube. Ele colocou a garrafa ao lado dele, arrotou levemente, e ouviu os grilos e as armadilhas de insetos estalar e zumbir.

Maldito Joker! Maldito filho da puta! Se ele não fosse um irmão, seria levado para o alto da montanha!

Ele olhou de volta para o chalé. *Aposto que ela vai embora agora.*

Em algum momento durante sua bebedeira de uísque, ele voltou para o chalé. Donna o seguiu, tagarelando, tocando e esfregando. Ele não se lembrava das palavras dela, pois não passava muito tempo prestando atenção nela. Ele a achava irritante na maioria das vezes, e sua busca constante por ele era irritante para dizer o mínimo.

Mas esta noite ele estava bêbado e ela estava disponível. No minuto em que ela abriu sua calça jeans e puxou seu pau, ele cedeu e se chocou contra ela na mesa de sinuca na sala principal. Ele sabia que a estava usando apenas para gozar, sua cabeça cheia de Kat enquanto ele batia em seu corpo, e agora ele estava se arrependendo. Mesmo que Donna fosse uma coelhinha do clube, ainda não era certo transar com ela quando desejava que fosse outra pessoa.

Quando ele viu Kat assistindo, ele ficou emocionado que talvez ela visse o quanto não pertencia à vida do clube, quase feliz.

Porra! ele pensou novamente. Se ele estava tão feliz com isso, por que se sentia um merda?

CAPÍTULO 7

O dia do churrasco de Halloween dos Dragon Runners estava tão perfeito quanto um dia de outono nas montanhas poderia ser. O sol estava alto e brilhante em um céu azul claro e vívido. As árvores estavam repletas de cores terrosas, e o acampamento onde o evento era realizado estava cheio de pessoas, tanto motoqueiros quanto moradores da cidade. Os artesãos estavam vendendo um ano de mercadorias feitas à mão. Crianças gritando e rindo corriam pela área de jogos, algumas exibindo pintura facial e carregando prêmios de plástico. O aroma amadeirado e de dar água na boca de carnes assadas vinha de uma fila de enormes churrasqueiras pretas que haviam sido montados na área de piquenique do pavilhão.

Betsey fez tudo funcionar como um relógio. Quatro homens estavam cuidando das churrasqueiras que estavam funcionando desde antes do amanhecer. Pratos de papel, talheres de plástico e guardanapos, todos em caixas enormes, estavam dispostos e prontos para uso. Mais de vinte grandes coolers alinhavam-se no topo das mesas de piquenique, armazenando todos os pratos que as pessoas trouxessem para compartilhar, um lado para frio e outro para quente. Minha tarefa era receber aqueles que traziam comida, colocar um rótulo no prato com seu nome para que nada se misturasse e colocar tudo em uma caixa térmica quente ou fria. Nunca pensei em usar um refrigerador para manter as coisas quentes, mas funcionava. Molly pegava sacos doados de doces de Halloween para “travessuras ou gostosuras” que passavam pelas tendas e cabines ao anoitecer. O trabalho de Tambre era evitar que Betsey entrasse em pânico.

— Não sei! — Betsey exclamou pela enésima vez naquela manhã. — Temos churrasco suficiente? Não temos tempo de fazer outro porco. Deveria enviar alguém ao Inglês e pegar alguns produtos prontos.

Tambre suspirou e repetiu pela enésima vez naquela manhã: — Estamos bem, Betsey! Fizemos muito, e todo ano acabamos com

sobras suficientes para alimentar mais dois festivais. Calma, irmã! Todo mundo está feliz! É tudo de bom!

Todo mundo estava feliz, até eu. Mute e eu havíamos estabelecido outra trégua, com sorte uma que durasse. Ele não se comunicava diretamente comigo a menos que fosse necessário, mas ainda tinha esse desejo de cuidar de mim. Eu trabalhei no Lair várias vezes desde a noite em que o vi com Donna, mas ninguém me incomodou em nada mais do que um flerte amigável. A ordem de Brick cumpriu seu dever, e Mute agia como um guarda-costas, seu olhar ardente cortando qualquer um que se aproximasse demais. Stud falava muito comigo no Lair e se certificava de que eu tinha o que precisava caso tivesse que passar a noite no quarto que agora era conhecido como meu. Normalmente ele me emprestava uma camiseta, embora eu levasse algumas minhas.

— Tire essa maldita coisa daqui! — O grito de Betsey cortou meus pensamentos. Brick havia pilotando até a cobertura do pavilhão e o barulho de sua moto era ensurdecedor.

— Quando a comida vai ficar pronta, mulher? — ele gritou de volta com igual volume. — Trabalhei a manhã toda, conduzindo crianças para cima e para baixo na Tail. Você precisa alimentar o seu homem! — Ele piscou para nós. Claramente, ele gostava de irritar sua old lady.

— Vou alimentá-lo com a minha bota se não sair da minha frente! Já está pronto, só preciso retirá-lo. Você pode anunciar e começar. Eu preciso... Brick! — ela gritou.

Ele a envolveu em um abraço de urso e fez ruídos rápidos de estalidos com a boca contra o pescoço dela. Ela riu e fingiu lutar para se afastar dele.

— Pare com isso, sua cabra velha com tesão! Tenho coisas para fazer!

— Mmmm... melhor mulher maldita do estado. Amo você, baby.

— Também te amo, querido. Agora saia do meu caminho!

Ele saiu com uma gargalhada e o estrondo de sua moto.

Os irmãos do clube trabalhavam em vários serviços no acampamento. Os prospectos faziam os menores, como esvaziar latas de lixo e garantir que os banheiros do campo fossem abastecidos com papel higiênico e sabonete. Alguns controlavam os jogos, e a maioria dos membros mais antigos levava as crianças em passeios de motocicleta em uma curta corrida na Tail. Eu tinha visto Brick, Taz, Stud e Mute com crianças em suas motos. Apenas crianças com 12 anos ou mais, que sabiam montar e tinham que usar capacetes que faziam com que suas cabeças parecessem quatro vezes maiores do que seus corpos. Sem capacete, sem passeio de moto. Mute levava as crianças mais velhas, pois a comunicação era uma questão de segurança. Mute podia ouvir as crianças nos microfones do capacete, mas só conseguia se comunicar com sinais. Isso poderia ter sido uma grande frustração para ele, mas ele parecia lidar bem com isso. Na verdade, fiquei muito impressionada com sua paciência e comportamento tranquilo nos poucos vislumbres que tive dele com um adolescente de olhos brilhantes e animado na garupa de sua moto. Este não era o Mute que eu conhecia do bar.

Brick anunciou a bênção por meio do sistema de auto falante do acampamento. Foi bom ver que ninguém discutiu ou ficou ofendido, ou mesmo se ficou, ninguém disse nada. As pessoas baixaram a cabeça e os homens tiraram os chapéus.

Pelas próximas horas, Betsey, Tambre, Molly e eu ajudamos a controlar o caos que acontecia ao redor das barracas de comida e áreas de piquenique. Era self-service, mas nós quatro continuamos reabastecendo os pratos de comida, refrigeradores de bebidas, verificamos barris de cerveja, enchemos dispensadores de guardanapos, mantivemos as filas de comida em ordem e em movimento, ajudamos algumas pessoas que estavam em cadeiras de rodas e cuidamos de qualquer outra coisa que surgisse. Eu estava exausta pelo tempo que a maioria das pessoas tinha passado pelas filas, mas também estava em êxtase e feliz. Eu tinha sido uma parte necessária de uma máquina bem oleada e fiquei emocionada por ser

incluída. Fui tratada como se pertencesse a esse lugar. Este era o meu lugar, onde me encaixava. Os habitantes da cidade me cumprimentaram como se eu fosse membro do clube. Eles sorriram e acenaram com a cabeça, alguns me chamando pelo nome, lembrando-se de mim do bar.

— Ei, Kat, como vai à escola?

— Está indo bem, devo concluir em breve.

— Continuará na casa de Mute quando você terminar?

Casa de Mute?

— Eu não sei ainda. Depende de quando for contratada e onde meu trabalho será.

— Kat! Traga sua bunda aqui e pegue um pouco de comida! — Eu ouvi Betsey gritar, sem querer me resgatando.

O sabor de fumaça de noqueira do churrasco era fantástico. Havia uma infinidade de pratos de vegetais, caçarolas, pães, ovos cozidos e saladas, com muitos bolos, tortas e outras sobremesas nas mesas rangentes.

Os pilotos pararam de cuidar das crianças e se juntaram a todos na mesa de piquenique reservada para os membros do clube. Brick, Taz, Mute, Cutter e Stud vieram e sentaram-se conosco enquanto nós, mulheres, conversávamos sobre a próxima rodada de trabalho e o passeio que viria no final da tarde. Stud sentou-se ao meu lado com um prato de comida empilhado. Brick e Taz sentaram-se à minha frente, ao lado de Betsey e Tambre. Cutter se sentou do outro lado de Molly, e Mute se sentou ao lado de Brick, não exatamente na minha linha de visão, mas ainda na minha frente. O barulho do mundo diminuiu enquanto eles nos cercavam em uma proteção silenciosa. A sensação de pertencer a este grupo fantástico de pessoas era mais forte do que nunca, algo que nunca tive antes na minha vida e agora me descobri precisando.

Brick estava falando entre mordidas na comida. — Ainda bem que enviamos Dodge e Bruiser aqui na semana passada. Algum idiota

decidiu que precisava de lenha e começou a tirar pedaços do pavilhão para isso. Eles disseram que parece que um machado foi usado. A única razão pela qual ainda está em pé é que a estrutura é toda de metal e tubos. Aposto que aquele filho da puta se sentiu bem quando se lançou e atingiu o aço.

As pessoas ao seu redor riram e balançaram a cabeça. Ele carregou o garfo e continuou: — Os prospectos farão uma coleta de lixo às cinco e levarão a maior parte para o aterro sanitário, caso contrário, as lixeiras transbordarão. Eles virão lavar tudo amanhã, quando o pavilhão estiver vazio. Não adianta fazer isso hoje. A casa da comunidade precisa ficar aberta até tarde.

Ele divagou vários outros comentários e ordens. Eu me senti sumindo da conversa e entrando em coma alimentar. Eu estava pronta para estourar de tão cheia, e minha mente estava vagando tanto que não percebi quando comecei a me inclinar para o corpo quente ao meu lado até que um braço me envolveu e me puxou para ele. Acordei assustada e olhei para o rosto divertido de Stud.

— Então, o que você me diz, menina?

— Desculpe... hum... o quê? — Eu gaguejei, ficando totalmente acordada.

Molly entrou na conversa: — Basta dizer sim, Kat. Você vai se divertir muito!!

— Sim? — Eu respondi. — Para quê?

— A corrida divertida, dorminhoca! Stud disse que você pode andar com ele.

A corrida divertida era a última do dia, quando apenas os membros corriam no Tail. Era um show de irmandade, mas em vez de coletes e cores, todos usavam fantasias. As Old Ladies incluídas, assim como quaisquer outras mulheres convidadas. Nem todo mundo conseguiu se divertir, e entendi que era muito importante fazer parte disso. — Eu nunca andei na garupa de uma moto antes. É difícil? — Eu perguntei.

— Não, só tem que ter uma boa pegada e segurar firme, — Stud respondeu com o braço ainda em volta de mim. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Olhei para Mute. Seu rosto estava em branco, mas ele estava olhando nos meus olhos com um olhar direto.

O que mais eu posso dizer? — Acho que posso fazer isso.

— Excelente! — Molly gorjeou. — Vamos terminar aqui, trocar de roupa na cabana e nos encontrar aqui por volta das cinco e meia. Vão em frente! Temos coisas para fazer.

Os homens foram rapidamente enxotados e nós quatro fomos para a cabine reservada do clube, onde descobri o que significava “trocar de roupa”. Este era o máximo em tempos de garotas, parecia que o salão de beleza de Tambre havia explodido. Molly e Tambre ignoraram meus protestos e, em pouco tempo, meu cabelo estava preso em uma auréola de rolos quentes. Betsey trouxe uma garrafa de tequila e quatro copos de shot. Ela colocou um na minha mão.

— Um brinde, senhoras! — ela exclamou, antes de tomar a bebida. Todas nós seguimos seu exemplo. A queimadura tirou meu fôlego, mas consegui engoli-la sem engasgar.

— Confie em nós! Você vai gostar! — Molly estava se divertindo brincando com sua boneca adulta e Tambre estava gostando de trabalhar no meu cabelo também. Betsey se recostou, seu próprio cabelo enrolado em cachos quentes, acrescentando aos comentários divertidos. Ela serviu outra rodada de doses para nós e, na verdadeira forma de Betsey, encheu o ar de palavras.

— Você tem dois dos meus meninos fígados e nem sabe disso, não é?

— Huh? — Eu disse, mantendo minha cabeça parada enquanto Tambre fazia sua mágica. — Do que você está falando, Betsey?

— Stud e Mute, amiga! — ela disse, pegando um frasco de esmalte vermelho. — Os dois garotos gostam de você. Você não sabe?

Stud talvez eu pudesse perceber, pois ele tinha sido tão gentil

comigo, mas nunca me tocou de nenhuma outra forma além da amizade. Mute? Definitivamente não, depois de vê-lo com Donna.

Eu comecei a rir, principalmente para encobrir meu desconforto sobre o assunto. — Mute não está interessado em mim, Betsey! Ele mal consegue ficar perto de mim! E Stud está apenas sendo gentil.

— Um deles terá que agir em breve, especialmente quando te virem com sua fantasia hoje à noite! Voilà, baby!

Molly sacou uma coisa elástica preta e brilhante, junto com uma máscara e uma faixa para a cabeça. — Eu estou... ah... oh meu, — eu gaguejei. Betsey me deu um terceiro shot. Ou era o quarto? Estava ficando cada vez mais fácil tomá-los.

O macacão de gato era uma peça, encaixava bem no meu corpo, abraçando cada curva e não deixando nada para a imaginação. Era como estar nua em público. Molly também tinha feito uma máscara preta, cauda e faixa para a orelha para acompanhar o macacão.

— Vá colocá-lo! Eu quero fazer a sua maquiagem a seguir!

Molly estava praticamente espumando. Eu realmente não queria colocar essa roupa, mas Molly havia trabalhado muito para fazê-la e eu não queria estragar a noite para ela. Entrei na única outra sala e lutei para vestir o macacão apertado. O material parecia couro, mas elástico como lycra. Ele colou na minha pele, mostrando meu corpo de ampolheta. Isso me fez parecer elegante, misteriosa e sexy. Descobri-me gostando disso, gostando da sensação de ser uma mulher desejável. A máscara acrescentou um pouco de ambiguidade, e eu poderia fingir ser um pouco invisível nela, mas tinha certeza de que era óbvio quem estava no traje. Eu pensei que ficaria desconfortável em algo tão vistoso, mas me encontrei ansiosa para ser vista nele. Claro, eu também estava um pouco bêbada, então talvez a agitação quente em meu estômago fosse realmente o álcool.

Caminhamos como um grupo para a área de teste onde os motoqueiros estavam se preparando para a corrida final do dia. As crianças já estavam no “travessuras ou gostosuras” de barraca em barraca e de carro em carro, e as famílias estavam se acomodando. O

cheiro das fogueiras flutuava na brisa leve. Era pacífico.

Betsey estava vestida como uma mulher demoníaca, Tambre deveria ser a deusa Hera em sua toga grega, Molly era uma bruxa sexy em roxo, preto e verde, e eu era seu gato. Fomos tratadas como realeza, pessoas agradecendo por um grande dia e pela comida. Eu sorri também, cumprimentando as pessoas e aceitando sua gratidão como se fosse parte desta família de motoqueiros.

Betsey correu até Brick enquanto ele assobiava para sua fantasia de diaba sexy. Ele próprio estava vestido como um demônio combinando com um forcado, e uma longa capa vermelha voando atrás dele. Taz vestia uma toga grega como Zeus e cumprimentou Tambre com um abraço caloroso. Molly deu um salto voador sobre Cutter, que estava com uma fantasia de feiticeiro de capa roxa. Stud estava vestido como Thor e parecia muito com um deus Viking. Ele também usava uma capa vermelha que ficava atrás dele e um martelo falso que pendia de seu cinto. Seus olhos brilharam quando ele me viu.

— Tem certeza de que deseja fazer esse passeio comigo, Kat? Do jeito que está, posso não parar até chegarmos a Vegas. Você está fantástica.

Eu me senti corar com o elogio, mas também me exibí um pouco. Ter a atenção desse homem era tão inebriante quanto a bebida de antes. — Obrigada, Stud.

Uma rotação forte da moto cortou o ar e olhei para ver Mute. Eu perdi meu fôlego. Ele parecia o Fantasma da Ópera todo vestido de preto. Calça justa enfiada em botas de couro com punho, uma camisa larga amarrada na frente e presa por uma faixa preta. Luvas pretas cobriam suas mãos e uma meia-máscara preta cobria seu rosto. Senti seus olhos me fitarem através dos buracos. Mackie estava parado atrás dele, dois capacetes em uma das mãos. Aparentemente, Donna não andaria com Mute.

— Acho que acabei de morrer e fui para o céu! — o homem mais velho declarou, agarrando o peito e quase deixando cair o capacete. —

Eu consigo andar de moto e olhar uma linda mulher no mesmo dia!
Deus deve me amar!

Eu ri de suas travessuras. Ele era uma das minhas pessoas favoritas, sempre alegre e livre com seu humor. Ele foi uma das primeiras pessoas a me aceitar na família do clube. Mesmo que não usasse um colete, ele era uma grande parte disso.

— Monte! — Brick gritou e eu me virei para Stud. Ele me entregou um capacete completo e uma proteção facial.

— Você terá que remover as orelhas de gato, menina. Um capacete é um mal necessário. Eu não gostaria que nada acontecesse com essa sua linda cabeça. — Ele passou a mão pelo meu cabelo, levando as orelhas com ele, e seus olhos ficaram intensos. Eu senti uma vibração na minha cintura. Esse toque era mais do que amigável. Eu não tinha certeza de como lidar com isso, e meu primeiro instinto foi correr. Meu segundo foi me deleitar com isso. Decidi que era a bebida falando. De jeito nenhum isso seria real se eu estivesse completamente sóbria.

Ele colocou o capacete na minha cabeça e prendeu as correias, em seguida, explicou como subir na moto atrás dele. Subi e timidamente coloquei minhas mãos em sua cintura, segurando levemente. Ele riu enquanto colocava seu próprio capacete.

— Você vai precisar de um aperto melhor, menina. Aproxime-se. Eu preciso senti-la nas minhas costas. Este passeio pode ficar um pouco frio, então se aconchegue bem e vou mantê-la aquecida.

Ele me puxou até que eu estivesse totalmente pressionada contra ele, meus seios esmagados em suas costas, meus braços em volta de sua cintura. Eu podia sentir seus músculos trabalhando enquanto ele se mexia na moto, e a vibração no meu meio aumentou. Eu me sentia atraída por Stud, mas homens como ele geralmente não se sentiam atraídos por mim. Ele era inteligente, incrivelmente bonito, super masculino, e eu era, bem, apenas eu. Era assustador querer mais do que amizade.

Quando ele ligou a máquina de chamas em que nos sentamos, eu

pude senti-la por todo o meu corpo. A vibração poderosa fez algo comigo. A moto era como uma besta ganhando vida, e eu podia senti-la ronronando embaixo de mim. Ela enviou sua mensagem de aceitação através de mim, e a vibração no meu meio se transformou em uma dor. Eu podia sentir o lugar entre minhas pernas formigando, e não queria nada mais do que pressionar para baixo no assento estrondoso. Meus mamilos endureceram em pequenos pontos onde estavam pressionados nas costas de Stud. Ele deve ter sentido, quando colocou uma das mãos nas minhas e acariciou meus dedos. Eu gemi um pouco, mais excitada do que nunca.

— Espera aí, garotinha, — eu sonhadamente ouvi Stud me dizer. — Faremos um bom passeio esta noite.

Ponderei por uma fração de segundo se ele quis dizer um tipo diferente de passeio, então ele decolou e eu não consegui pensar em mais nada.

Foi impressionante. Apavorante. Hilariante. O vento era frio passando ao meu redor, e fiquei feliz com a proteção do capacete. As motos se espalharam quando o clube Dragon Runners se abriu e voou. Stud saiu na frente de todos e aumentou sua velocidade. Fizemos a primeira curva na estrada e senti a inércia da curva em minha cabeça e barriga. O homem e a moto trabalhavam como um só, dançando na estrada. Eu podia sentir a pressão de cada curva, seguida por uma sensação de flutuação enquanto nos preparávamos para a próxima, e então a pressão novamente na direção oposta. A besta poderosa entre minhas pernas, o vento frio, o homem quente ao qual me agarrava, era demais, e uma necessidade surgiu em mim que eu não tinha prestado atenção há muito tempo. Eu queria isso. Eu queria tanto fazer parte disso.

Eu gemi novamente em uma curva particularmente difícil e agarrei a cintura de Stud. Ele soltou uma mão do guidão e acariciou minhas mãos novamente, me acalmando. Eu estava começando a acreditar que isso poderia ser possível. Que este homem estava realmente interessado em mim. Que mais tarde esta noite eu teria uma experiência que nunca realmente tive antes. Eu estava pronta para

isso? Eu confiava nisso?

Não consegui responder a essa pergunta, porque na próxima curva um cervo correu na frente da moto, seguido por mais dois. O farol fez seus olhos brilharem dourados enquanto eles saltavam pelo asfalto. Eu ouvi Stud praguejar e ele desviou para evitá-los. A moto derrapou perigosamente perto da beira da estrada e ele tentou compensar, mas a força era demais e fomos jogados.

Eu gritei enquanto saíamos voando, a moto indo para um lado e nós indo para o outro. De alguma forma, Stud conseguiu me agarrar antes de atingirmos o chão e rolou até que seu corpo ficasse entre o meu e o chão. Batemos contra uma árvore e ouvi Stud praguejar alto de dor.

— Droga!

Tudo ficou quieto e silencioso agora que a moto não estava funcionando. Apenas o leve zumbido da floresta penetrou no capacete. Eu estava deitada ao lado de Stud enquanto ele descansava contra a árvore. Nós dois estávamos respirando com dificuldade. Qualquer que fosse o estado induzido pelo álcool em que estive antes, se foi. Eu estava completamente sóbria. Stud estava com dor, eu podia ouvir em sua voz.

— Você está bem, menina? — ele ofegou.

— Eu acho que sim. Nada quebrado. Você? — Eu suspirei.

— Meu braço. Definitivamente quebrado. Eu o senti quebrar. Maldito cervo! — ele cuspiu, sem se mover.

O barulho de outras motos se aproximou e, alguns minutos depois, Taz e Mute estavam deslizando pelo curto barranco até nós. Eu podia ver Tambre e Mackie espiando pela lateral.

— Alguém está ferido? — Taz perguntou em um rosnado profundo. Mute se curvou e puxou suavemente o capacete da minha cabeça. Ele começou a passar as mãos sobre mim, sentindo meus braços e pernas. Eu estava muito chocada com o acidente para pensar muito sobre isso.

— Quebrei a porra do meu braço. Acho que torci o tornozelo também. Kat diz que está bem. Provavelmente machucada. Ela vai sentir amanhã, — Stud conseguiu dizer, mordendo as palavras. — Maldito rebanho de cervos na estrada! Como está minha moto?

— Vai precisar de um pouco de tinta; o resto está bem, pelo que posso dizer. Bem posicionada para que o quadro não dobrasse, talvez a roda dianteira só um pouco, mas poderia ser pior. Mute, você leva Kat colina acima. Sinalize para a rede de apoio abaixo. Deve estar aqui em alguns minutos. Então venha me ajudar a levar o Sr. Exibido para o topo da colina. Parece que o resto da nossa corrida é para o hospital.

Mute me pegou e eu automaticamente coloquei meus braços em volta do pescoço dele. Eu gritei com a dor aguda em meu lado e nas costas. Ele parou e olhou para mim, seus dentes rangendo e os olhos brilhando.

— *Onde você está ferida?* — Eu podia ouvi-lo perguntando.

— Eu não acho que quebrei algo, apenas ferida. Stud é quem está realmente machucado.

Ele subiu a colina íngreme e me colocou no chão suavemente. Mackie se arrastou e se sentou sem jeito ao meu lado. Tambre estava do outro lado, procurando a caminhonete.

— Como está sua cabeça, querida? Tonta? Vendo em dobro? — ela perguntou baixinho. Ela tinha um pequeno kit de primeiros socorros nas mãos e estava remexendo nele.

— Não, eu estou bem. Apenas trêmula.

— Uma grande queda. Vocês tiveram sorte. Poderia ter sido pior. Muito pior. Há pessoas que não sobrevivem de uma queda na Tail, — Mackie entooou.

Eu podia ver a mandíbula de Mute trabalhando na luz fraca. Ele estava agitado, seus movimentos bruscos enquanto movia a moto quebrada de Stud da estrada e voltava para os homens que esperavam. Mackie continuou falando sobre outros acidentes, como dirigir uma motocicleta, os hábitos dos cervos e outras coisas triviais nas quais

não prestei muita atenção. Minha mente estava totalmente ocupada com meus próprios pensamentos quando a caminhonete parou. Mute e Taz apareceram em ambos os lados de Stud enquanto caminhavam lentamente sobre o barranco. A boca de Stud estava tensa de dor enquanto ele mancava, o braço bom em volta dos ombros de Mute, o outro braço embalado contra o peito. Sangue estava em sua camisa de vários arranhões. Eu me encolhi quando percebi que ele se machucou para me proteger.

Eu não tinha certeza do que fazer. Tentei me levantar e ajudar, mas Mackie colocou a mão no meu ombro e me empurrou de volta.

— Não, não, querida, você fica quieta. Você está cheia de adrenalina agora e não consegue sentir se algo mais está errado. Deixe os meninos cuidarem das coisas e você apenas fique quieta. — Eu fiquei parada.

Taz classificou todos e deu ordens.

— Carregue a moto e coloque Stud no caminhão. É mais rápido chegar ao hospital daqui em vez de voltar para o acampamento. Tambre e eu seguiremos o caminhão. Vou ligar para Brick e informá-lo do que aconteceu. Vamos cuidar disso e ele pode terminar a corrida, mas vai me pegar se eu esperar para lhe contar.

Ele se virou para Mute. — Mackie deveria voltar na caminhonete, porque ele só pode andar até certo ponto antes de se tornar muito para ele. Isso não mudou. Vou colocá-lo na caminhonete para ir ao hospital com Stud e os dois prospectos. Não há espaço suficiente para Kat, a menos que um dos outros vá atrás com as motos.

Ele olhou para mim e colocou a mão no rosto enrugado. — Kat, eu sei que é pedir muito, mas você está bem para ir de moto ao hospital? Mute te levará e nós precisamos ter certeza de que está bem. Se você não pode, diga. Não é nenhuma vergonha ou problema, mas isso significa que Mute ficará aqui com você até que eu mande alguém de volta com um caminhão. Pode levar algum tempo. Você está estudando para ser enfermeira, então deve saber o que é melhor e mais seguro para você. Você também sabe que a condição de Stud é a

prioridade.

Eu tinha muitos arranhões. Alguns eram profundos e sangravam, mas não eram graves. Minhas costelas doíam, mas eu conseguia respirar bem. Nada parecia quebrado. Eu estava tremendo da adrenalina e sabia que diminuiria em breve e amanhã estaria incrivelmente dolorida, mas não havia nada que fosse um problema para eu voltar de moto. Só não queria subir na moto com Mute. Ele estava olhando para mim e respirando com dificuldade. Eu poderia dizer que ele me culpava por este fiasco.

Mesmo que isso me deixasse bem perto dele, ir para o hospital na garupa de sua moto seria a maneira mais rápida de sair de sua companhia e também não ficar sozinha com ele por um longo período de tempo.

— Estou bem, posso montar. — Minha voz estava surpreendentemente firme. Eu estava tremendo como uma folha e me segurando com força para me controlar. Eu realmente queria ficar invisível, me tornar a incrível mulher encolhida e desaparecer. Mas, nesse momento, outras pessoas eram mais importantes.

— Stud precisa do braço estabilizado o máximo possível. Existe algo que podemos envolver em torno disso? Se ninguém tirou a bota no tornozelo, deve fazer isso agora, antes que o tornozelo inche tanto que não consiga tirá-la depois.

— Já está feito, — disse Tambre calmamente, caminhando até nós e trazendo meu capacete amassado e arranhado com ela. Ela sorriu com uma serenidade clássica. Eu sempre pensei que Taz e Tambre eram um casal estranho, ele sendo tão rude e ela sendo um anjo doce e quieto, mas era muito óbvio depois de um tempo como eles eram devotados um ao outro. — Não sou enfermeira, mas passei a vida toda remendando meus quatro meninos, esse velho e muitos outros do clube. Mesmo quando você é cuidadosa, acidentes acontecem.

Ela olhou fundo nos meus olhos e pegou minhas mãos. — Esta noite foi só isso, um acidente. Não foi sua culpa, não foi culpa de Stud,

então não pense que foi algo que vocês fizeram. O melhor que podemos fazer é cuidar dos negócios. Sim?

— Estou bem, Tambre, e obrigada, — respondi.

— Tudo bem, vamos partir! — Taz gritou.

Coloquei o capacete na cabeça e fui até onde Mute estava sentado em sua moto. Era maior do que a de Stud, o rosnado mais profundo. Pensei na moto de Stud como uma besta, enquanto a moto de Mute era um predador. Ele não olhou para mim enquanto eu dolorosamente subia, segurando levemente seu ombro. Sua mandíbula estava cerrando e abrindo, sua boca fina e apertada. Ele odiava ter que fazer isso, mas odiaria por Mackie e Stud. Ele era maior do que Stud, mais duro, e hesitei em colocar meus braços em volta dele, agarrando apenas sua cintura. Ele quase rosnou quando agarrou minhas mãos e me puxou para suas costas, envolvendo meus braços em volta de sua cintura e cruzando minhas mãos. Ele saiu rugindo e eu o agarrei para me manter no lugar.

Fui pressionada contra ele como em Stud antes, e não pude deixar de comparar os dois. Mute era maior, mais forte e mais áspero. Calor derramava de suas costas, e eu me encontrei aninhada nele, tendo esse conforto enquanto o vento frio da noite soprava ao nosso redor. Stud controlava sua moto como se estivesse montando um cavalo, suave e fácil, mudando com apenas um toque. Mute andava como se a moto fosse uma parte dele, como se fossem uma unidade em vez de duas. Eu podia senti-lo se mover pelas curvas com apenas uma contração. Ele não tinha que dirigir a moto, apenas pilota-la. Minha adrenalina começou a diminuir e estava batendo forte. Sem pensar, o abracei com mais força e coloquei minha cabeça em suas costas, tirando o que podia dele, e esperando que ele não ficasse chateado e me jogasse no chão.

Minha mente estava vagando naquele lugar entre acordar e dormir, quando a próxima coisa que eu sabia é que estávamos parando na frente da sala de emergência do hospital. Stud estava lá, mal andando com o braço bom em volta dos ombros de Taz,

discutindo com uma enfermeira sobre sentar em uma cadeira de rodas. Eu estava confortável e grogue, então não me movi muito rápido para sair da moto e me afastar de Mute. Stud parou seu discurso quando me viu ainda enrolada contra as costas de Mute.

Mute largou um dos guidões e, por um momento, cobriu minhas mãos onde seguravam sua cintura. Stud tinha feito o mesmo gesto antes. Havia algo que eu estava perdendo? Stud viu e ficou quieto. Ele se sentou abruptamente na cadeira de rodas e gesticulou para que a enfermeira o empurrasse para dentro do prédio. Mute me ajudou a sair, pois minhas costas estavam travadas com força.

Uma garota que eu conhecia da escola, Jessica, estava de plantão esta noite. Ela era uma loira fofa, com corte de fada, baixa e rechonchuda mãe de dois filhos. O marido dela fazia algo na ferrovia saindo de Dillsboro, mas eu não tinha certeza do que era. Ela piscou como uma coruja quando me viu.

— Kat! É realmente você? O que na Terra? O que você está vestindo?

— Longa história, Jess. — Eu gemi quando Mute meio ajudou, meio me carregou até as portas. Jessica correu para pegar outra cadeira de rodas e levou Stud e eu imediatamente, sem desvio para a sala de espera. O Halloween era tipicamente uma noite movimentada no pronto-socorro, mas eu evitei a triagem por ser conhecida ou o MC tinha prioridade.

Algun tempo depois, saí com vários dias de amostras de analgésicos e relaxantes musculares e outra grande conta a pagar. Posso ter conseguido os primeiros cuidados, mas os alunos de enfermagem não tinham descontos, infelizmente.

Aparentemente, Mute já havia partido para levar Mackie para casa. Betsey estava lá esperando por mim quando fui trazida para fora.

— Pssht! Calma, querida. Aqui, deixe-me ajudá-la. Você quer ir para sua casa? Os quartos estão lotados na sede do clube, mas posso abrir espaço se você quiser.

Eu relaxei em uma posição de pé. — Estou bem com a minha casa. Não é tão longe. Como está o Stud? Mackie voltou para casa bem?

— Stud estará de volta na sede do clube em breve. Ele está ganhando um belo gesso no braço e uma bota chique. Ele vai ficar deitado por um tempo, com certeza, e recebendo muita atenção das garotas. Ele não está sofrendo com todas as pílulas de felicidade que recebeu. Você também recebeu, eu vejo. Mute levou Mackie para casa e foi até o Lair para me ajudar em alguma coisa.

Ela me carregou até seu Mustang e me levou ao meu apartamento, fazendo planos para que meu carro fosse trazido para mim. — Os prospectos estão limpando o festival. Eu disse as outras vadias do clube para trabalharem também. Se elas vão ficar no acampamento, podem ajudar.

Subi as escadas rigidamente com a ajuda dela e entrei no meu apartamento. Sheila e Chip ainda estavam fora para onde quer que tivessem ido à noite, e eu estava grata por não ter que lidar com eles. Betsey vagou na minha pequena cozinha. Eu podia ouvir a água correndo enquanto ela enchia um copo para mim.

— Tire alguns dias de folga para se curar, e então eu vou precisar de você no bar. Recebi uma ligação de Blue. Ele também foi atingido por uma bagunça pesada na noite passada. Levou seus filhos ontem à noite no festival, levou-os para casa e encontrou Jonelle desmaiada no chão da cozinha. Ele estava no hospital com ela quando trouxeram Stud. Mute os levou para a sede do clube, então eles estão no quarto de hóspedes em nossa suíte.

Ela revirou os olhos e sibilou: — Aquela vadia estúpida precisa colocar a cabeça no lugar ou Blue precisa colocá-la para fora permanentemente. O idiota continua aceitando-a de volta, jura que faz parte de seus votos de casamento. Estou feliz por ele levar essas promessas a sério, mas guarde minhas palavras, um dia desses, ela vai realmente machucar alguém.

Consegui tirar a roupa de gato arruinada e vestir uma camisola

antes de rastejar dolorosamente para a cama. Betsey me entregou a água e dois pequenos comprimidos brancos. Eu os tomei e recostei nos travesseiros.

— Vou trabalhar amanhã à noite. Não posso me dar ao luxo de tirar uma folga e, francamente, parece que você também não pode se dar ao luxo de me dar um tempo.

Ela me ignorou.

— Brick está fora de si por causa do acidente. Stud vai ficar bem e você vai ficar bem, mas muitas outras coisas estão acontecendo nos negócios do clube. Mais do que ele está demonstrando. — Ela suspirou. — Eu sei que algo está acontecendo entre você, Stud e Mute, e não vou fingir que sei em que direção você deve ir. Aposto que você também não sabe, mas, por favor, por agora, deixe desenrolar. Eu amo os dois meninos como se fossem meus, e adoraria vê-la com qualquer um deles, mas direi o seguinte: Mute é único.

Fiquei atordoada. — Eu não sei sobre isso, Betsey. Achei que Stud pudesse estar interessado em mim no início desta noite, mas realmente acho que ele apenas flerta com todo mundo. Ele está fora do meu alcance, de qualquer maneira. Mas você errou sobre Mute. Ele não gosta muito de mim e mal tolera minha presença.

— Você ficaria surpresa, querida. Os dois meninos estão amarrados em nós por você. Se você não quer nenhum deles, vai precisar deixá-los ir.

As pílulas estavam fazendo efeito e eu estava batendo forte.

— Faça o que você precisa fazer, querida. Voltarei para verificá-la mais tarde. — Ela deu um tapinha no meu ombro e saiu. Eu mal registrei o som da porta do meu quarto fechando antes de cair em um sono profundo.

* * *

Mute sentou-se no bar dos fundos, assistindo Michelle e Cody

jogarem algum tipo de jogo de corrida no PlayStation do clube. Seus gritos de alegria encheram a cabana. Poucas pessoas estavam acordadas, a maioria já em seus quartos ou cabines para passar a noite. Alguns estavam andando por aí, jogando sinuca ou sentados nos sofás, se divertindo e recapitulando a emoção do dia. Donna estava lá, ainda vestindo sua roupa de empregada francesa minúscula de antes e sentada com Hammer, um dos membros mais novos do clube. Ela estava deitada em seu colo, seus seios carnudos em seu rosto. Ela conhecia o placar, mas ainda assim lhe lançou olhares de saudade.

Merda. Ele prometeu a Betsey que ficaria de olho nas crianças, mas agora estava morrendo de vontade de sair para fumar um cigarro. Ele continuava vendo em sua mente a visão de Kat sangrando na beira da estrada. No que dizia respeito a um sangramento, não era ruim. Poderia ter sido muito pior, mas quando ele repetiu a cena em sua cabeça, não pôde evitar que seu coração batesse no estômago. Ele se lembrou de como ficou furioso quando viu o que Kat estava vestindo. Se ele fosse verdadeiro consigo mesmo, não estava bravo com ela, mas sim como reagiu a isso. Um olhar para aquele corpo firme e ele estava lutando para evitar que seu pau ficasse duro. Ele não queria nada mais do que ir até a moto de Stud, socar seu irmão bem na boca, arrancar Kat das costas e colocá-la em sua própria máquina.

Mute se mexeu na banquetta do bar, a parte inferior do seu corpo se contraindo. Ele teve que lutar contra a reação de seu corpo antes, quando passou as mãos sobre ela, procurando por ferimentos. Ele queria continuar correndo as mãos sobre ela repetidamente, sentindo a elasticidade de seus músculos e a suavidade de sua pele. Ele conseguiu colocá-la na garupa de sua moto. Quando ela se envolveu em torno dele, a aura ao redor deles se equilibrou como se ela devesse estar lá.

Stud tinha chegado cheio de analgésicos felizes, sorrindo de orelha a orelha. Nikki já havia decidido brincar de enfermeira e estava com ele em seu quarto. Mute bufou. Mesmo que Stud estivesse realmente interessado em Kat por mais do que sexo, ele duvidava que o homem pudesse parar de trepar com outras mulheres. Nikki estava

alagando que ela seria sua Old Lady em breve, mas isso também era improvável, já que ele duvidava que ela pudesse parar de trepar com outros homens. Toda semana Stud tinha uma ou duas peças secundárias de seu fã-club, e Kat ainda não tinha percebido.

Ela não merece isso, pensou Mute enquanto olhava para a TV sem ver. Michelle acabou de ganhar o jogo de corrida e Cody estava fazendo beicinho. *Garotinha esperta. Kat também é inteligente. Muito inteligente para este lugar. Boa demais.*

— O que vocês ainda estão fazendo acordados? Subam e vão para a cama! — Betsey anunciou ao entrar no chalé. As duas crianças subiram os degraus, rindo enquanto se apressavam. Ela caminhou até Mute e colocou sua bolsa enorme no balcão do bar.

— Longa noite, hein? — disse ela, encostando-se a uma banqueta.

Mute não respondeu, tentando manter o rosto e os pensamentos neutros. Ele se levantou para ir embora, encerrando suas funções de babá durante a noite.

— Ela vai ficar bem, Mute, — Betsey comentou enquanto tirava as botas de salto alto e esticava os dedos dos pés. Eles estalaram e estouraram, e ela suspirou de alívio. — Senhor, tenha misericórdia, que dia!

Mute cerrou os dentes, desejando cada vez mais aquele cigarro. Betsey ainda não estava pronta para deixar isso passar.

— Ela é uma boa garota. Mais resistente do que parece! Inteligente. Trabalha duro. A funcionária mais confiável que o bar teve em muito tempo. Não achei que ela curtiria a vida do clube, mas ela está presa. Boa para Mackie também.

Mute se recusou a olhar para ela, pensando que isso a encorajaria a listar mais das melhores qualidades de Kat. Ele concordou com parte do que Betsey disse, mas ainda achava que Kat era muito mole. Ela era muito gentil, e este mundo tinha o potencial de pegar esse tipo, mastigar e cuspir. Ela precisava ser protegida disso, mesmo que isso significasse ela deixar o clube e seguir seu próprio caminho. Mas se

ela fosse embora, quem a protegeria?

Ele precisava sair dali, tomar uma dose de nicotina e dar um longo passeio noturno. Talvez fazer uma patrulha pela cidade. Ver se conseguia encontrar um traficante de drogas renegado e espancá-lo. Mute quase sorriu. Isso o faria se sentir melhor por um tempo.

Betsey percebeu o sorriso e deu outro. — Bem, estou indo para a cama. Tenho os capetinhas de Blue para cuidar durante a noite. Até amanhã, Mute. Mantenha os bons pensamentos, querido.

CAPÍTULO 8

Estava muito frio e a neve estava no ar com seu cheiro forte, pronta para cobrir tudo de branco. Normalmente eu gostava do clima de inverno, sua aparência, os pingentes decorando toldos e sarjetas, fazendo tudo brilhar, mas agora nem tanto.

Durante semanas após o acidente, fiz o possível para evitar Stud e Mute. Stud era fácil de evitar, pois ele passava a maior parte de sua convalescença na sede do clube fazendo os livros. Nas poucas vezes que o vi quando trabalhei no Lair, ele estava com o braço engessado e o pé apoiado, sendo mimado por Nikki. Ele não parecia se importar com a atenção e raramente reconhecia minha presença. Algo havia mudado entre nós na noite do acidente. Isso doeu, mas nunca acreditei totalmente que um homem como Stud viria atrás de alguém como eu.

Mute era mais difícil de evitar, pois eu ainda tinha que trabalhar com ele. Eu tentei como o inferno ficar invisível novamente, usando meu cabelo em seu rabo de cavalo normal, vestindo jeans e camisetas simples. Ele era mais rude, mais rude comigo e constantemente de mau humor quando eu estava por perto. Até Mackie fez comentários sobre sua atitude.

— Quem diabos mijou nos seus flocos de milho, garoto? — ele havia deixado escapar para Mute apenas algumas noites atrás. Mute apenas olhou para ele e rosnou antes de sair pisando duro.

— Maldito teimoso precisa de uma boa luta! Tire qualquer merda que o esteja incomodando, batendo em alguma carne! — Mackie murmurou baixinho.

Normalmente, eu poderia deixar as coisas irem, deixá-las rolar pelas minhas costas. Eu era boa nisso. Esta noite, porém, estava tendo problemas para fazer isso. Eu passei por várias semanas de puro inferno.

O momento não poderia ter sido pior. Minha colega de quarto havia se mudado repentinamente há vários dias, simplesmente

levando tudo do apartamento e deixando um bilhete que ela e seu namorado estavam indo para a Califórnia. Porque, eu não sabia. O que soube foi que quando disse que ela tirou tudo, eu quis dizer tudo! Meu lamentável telefone, meus pratos, meus móveis, até mesmo algumas das minhas roupas, incluindo minha boa jaqueta de inverno. A razão pela qual eu ainda tinha um laptop era porque o tinha comigo para os trabalhos escolares, caso contrário, ela o teria levado também. Para piorar, descobri que o aluguel estava atrasado três meses. Eu não tinha ideia do que ela tinha feito com o dinheiro que lhe dei pela minha metade, só que o proprietário me deu até meados de dezembro para me mudar. Isso seria daqui a alguns dias, e eu estava totalmente falida. Eu tinha acabado de pagar a minha última mensalidade e não tinha mais dinheiro para substituir nada, e não teria por mais algumas semanas. As gorjetas cobririam a comida dos próximos dias, mas não tinha como ter dinheiro para pagar o aluguel, nem encontrar um novo lugar e pagar por ele. Meu nível de ansiedade estava alto. Eu estava tentando ficar invisível e tentando descobrir onde morar, ou pelo menos ficar até que pudesse me recuperar.

Foi depois do meu turno em River's Edge, escuro como breu e ficando mais frio que entrei no carro. Eu não tinha que trabalhar no Lair naquela noite, então estava planejando ir para casa enquanto ainda tinha uma. Eu não estava com minha jaqueta e o aquecedor não funcionava em meu fiel Fred há anos. Estremeci no assento frio. No meio do caminho para a cidade, o motor estalou e tossiu. Comecei a implorar: — Por favor, Fred, agora não! Por favor, me leve para casa e você pode morrer mais tarde! — Fred não deu ouvidos. Ele tossiu mais algumas vezes, os faróis diminuíram e o motor morreu. Com o carro morto de repente, a direção ficou rígida, e xinguei enquanto levava o carro para o acostamento.

Virei a chave e ouvi um clique, depois nada.

— Não, não, não, não! — Eu chorei, implorando para o carro dar a partida apenas uma última vez. — Por favor, por favor, por favor!

Fred deu uma gargalhada corajosa e ficou em silêncio. Bati minha testa no volante algumas vezes e lutei contra a vontade de gritar. Não

faria nenhum bem. *Pense, Kat, pense.* Abri minha carteira e contei os cinquenta e poucos dólares que recebi de gorjetas. Havia um posto de gasolina a alguns quilômetros adiante que poderia ter um telefone público externo. *Essas coisas ainda existem?* Eu vasculhei no copo entre os assentos por um pequeno punhado de moedas e rezei para que um telefone estivesse funcionando. Um táxi provavelmente comeria a maior parte do dinheiro que eu possuía, mas que outra escolha eu tinha? Acho que Miojo estaria no menu por mais um tempo.

Saí do carro e o frio me atingiu com força, perfurando minhas roupas como uma faca. A única roupa parecida com uma jaqueta que tinha me sobrado era um tipo fino de zíper. Enrolei-o com mais força e soltei meu rabo de cavalo, deixando meu cabelo solto. Isso aqueceria um pouco meus ouvidos. Eu tranquei o carro e enfiei minhas mãos congeladas no fundo dos bolsos para aliviar um pouco da dormência que já estava se instalando. Alguns flocos de neve começaram a cair. Esta *não* seria uma caminhada divertida.

Eu mal tinha dado o primeiro passo quando faróis cortaram a escuridão e uma enorme caminhonete preta parou ao meu lado. Eu estava com tanto frio que não me importava muito com quem era até Mute sair com sua carranca perpétua para mim.

— *Que diabos você está fazendo?* — seu rosto me disse.

— Mmm... meu ca... ca... carro morreu, — eu gaguejei, meus dentes estalando, — eu a...acho que é a bateria.

Mute gesticulou para que eu abrisse o capô. Ele fez sinal para que eu girasse a chave e franziu a testa ainda mais quando ouviu o clique. Fechando o capô com força, ele voltou para o meu corpo trêmulo e ergueu a mão, polegar e dedo mindinho para fora para parecer um telefone.

— Eu n... não tenho u... um agora, — comecei, mas ele me cortou. Seus olhos saltaram para mim e começaram a gesticular descontroladamente e com raiva. Eu podia ouvi-lo em minha cabeça.

— *O que diabos você quer dizer com não tem telefone agora? O que diabos aconteceu com ele? Você está sozinha, no meio da noite e trabalha*

em um bar de motoqueiros!

Ele apontou para o meu carro e jogou as mãos nele. — *Seu carro é um pedaço de merda, e mesmo se não fosse, você poderia ter evitado que ele a deixasse presa prestando atenção nele e fazendo a porra da manutenção.*

Estava ficando cada vez mais frio. A neve estava caindo mais rápido agora. Meus seios da face estavam formigando e lutei contra as lágrimas o melhor que pude, mas estava perto de perder o controle. Ele se aproximou de mim e eu dei um passo para trás, batendo na moldura gelada do meu carro. Ele entrou no meu rosto e ficou sobre mim, puxando minha jaqueta fina, sacudindo minha cabeça e sacudindo as mãos no ar.

— *Você não está vestindo uma jaqueta de inverno, luvas, cachecol, nada! E você vai fazer o quê? Caminhar? Nesse tipo de frio? VOCÊ ESTÁ LOUCA PORRA?*

— Pare de gritar comigo! — Eu chorei e tentei empurrá-lo para longe de mim. Era como empurrar uma parede de tijolos. Lutei o melhor que pude, mas era demais, estava cheia demais. O acidente, o fato de eu ser ignorada, minha invisibilidade, minha merda de vida, eu derramei tudo. Gritei e chorei porque minha colega de quarto roubou todas as minhas coisas, o pagamento das minhas mensalidades e falta de dinheiro, meu estado sem-teto em breve, tudo saiu. Meus olhos estavam cegos pelas lágrimas, minhas emoções cruas e vulneráveis. Eu tinha chegado ao fim do meu limite, e adicionar meu carro agora morto à lista de merda que era a minha vida era mais do que eu poderia suportar.

Eu engasguei com o meu choro enquanto era envolvida em calor. Mute havia tirado sua pesada jaqueta de couro e a enrolado em volta do meu corpo gelado. Então ele me envolveu em si mesmo, me puxando para perto, pressionando meu rosto em seu peito enorme, me envolvendo com seus braços fortes, colocando sua cabeça em cima da minha. Eu ainda estava chorando e encharcando sua Henley preta com minhas lágrimas, mas era libertador. O calor estava maravilhoso, e eu

queria me enterrar mais fundo nele. Uma grande sensação de segurança passou por mim e, gradualmente, fui capaz de controlar minhas lágrimas. Eu me senti protegida por seu corpo rígido, como se ele fosse me defender e ficar entre mim e o perigo. Ele era um homem em quem eu poderia me apoiar e deixar um pouco da minha carga repousar sobre seus ombros fortes. Abri meus braços e os deslizei ao redor de sua cintura, pressionando o mais perto que pude, e deixei sua força sólida me segurar e fluir para dentro de mim.

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos no frio, mas em algum momento percebi que ele era um homem. Seu corpo duro, músculos pesados, seu perfume masculino provocando meu nariz.

Eu ouvi um som estranho de tosse e o senti estremecer levemente. Parecia que ele estava sufocando. Eu me afastei o máximo que pude para ver se ele estava bem. Seus braços não afrouxaram.

A cabeça de Mute foi jogada para trás, a boca escancarada, fazendo aquele som de tosse. Eu só conseguia olhar. Mute estava rindo. Rindo! Este homem que eu nunca tinha visto abrir um sorriso, estava rindo! Fiquei pasma.

Mute olhou para mim, sua boca sorrindo e seus olhos brilhando. Ele apontou para si mesmo e ergueu uma sobrancelha. — *Eu? Gritando?*

Mordi meu lábio inferior, sem saber como lidar com esse lado do homem brutal que eu conhecia.

— Bem, você meio que estava.

Isso o despertou novamente, sua mão se movendo para a parte de trás da minha cabeça, pressionando-me novamente em seu peito. Eu sorri um pouco e relaxei nele, me divertindo com a ironia não intencional. Então tudo mudou.

Ele me empurrou um pouco para trás e cobriu minha boca com a dele.

O choque que senti antes quando o vi rindo não era nada comparado ao que eu estava sentindo agora. Eu podia sentir do topo

da minha cabeça até as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Para um homem tão duro, seus lábios eram incrivelmente macios. Ele puxou meu lábio inferior entre os dele, chupou suavemente e acariciou-o com a língua. Eu gemi com o contato caloroso, e ele interpretou isso como um convite. Ele inclinou a cabeça um pouco mais, mergulhando mais fundo em minha boca, acariciando, explorando e tomando vagarosamente. Ele tinha um leve gosto de café, e todo homem. Eu esperava que ele fosse mais rude, pegando o que queria do jeito que fez com Donna. Mas comigo naquele momento, ele foi suave, gentil e persuasivo.

Eu deixei acontecer. Eu o beijei de volta. Já não sentindo o ar frio da noite. Em vez disso, estava em chamas, meus mamilos duros onde pressionavam contra ele, e o lugar entre as minhas pernas latejando com necessidade repentina. Ele rosnou na minha boca e pude sentir a fome nele. Fome por *mim*! Eu puxei seus ombros, tentando me aproximar. Suas mãos percorreram minhas costas, e ele me puxou com mais força em seus quadris; a crista dura de sua ereção empurrada na parte inferior do meu estômago era inconfundível. Eu me contorci contra ele, sentindo sua dureza.

Ele terminou o beijo e se afastou um pouco, seus lábios ainda próximos o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração nos meus. Ele mordeu meu lábio inferior antes de liberar minha boca completamente. Eu estava tremendo de novo, desta vez de desejo. Eu não sabia como lidar com isso, então apenas fiquei lá, envolta em seus braços, compartilhando respirações.

Então foi quase como se não tivesse acontecido. Seu rosto se fechou e voltou à sua carranca familiar, e ele me soltou abruptamente. Se meus lábios ainda não estivessem formigando com seu toque, eu nunca teria sabido que ele me beijou. Ele apontou para sua caminhonete, me dizendo sem palavras para entrar.

— Eu preciso pegar meu laptop e outras coisas, — eu disse, tirando sua jaqueta de mim para devolvê-la. Ele empurrou a jaqueta de volta para mim e estendeu a mão para pegar minhas chaves. Eu as joguei em sua palma estendida e ele chicoteou a mão novamente em

direção ao caminhão, carrancudo. Eu não estava pronta para aceitar seu blefe idiota. Eu me virei e fui até a caminhonete, subindo no banco do passageiro sem jeito. Um momento depois, ele estava abrindo a porta e jogando minha bolsa e computador no meu colo. A porta bateu com força, balançando a caminhonete sobre as rodas. Eu afivelei meu cinto, sem saber o que fazer com sua reviravolta repentina. Ele subiu, apertou o cinto e deu partida no caminhão com um ronco baixo. O calor derramou das aberturas e eu me deleitei com o ar quente. Ele me fixou com um olhar penetrante e ergueu uma sobrancelha em questão.

— Para *onde*?

Dei meu endereço a ele e dirigimos por uma chuva de flocos de neve brancos e fofos. Achei que eram bonitos porque cintilavam sob os faróis, mas não disse nada. O Mute idiota estava de volta e eu esperava que ele simplesmente me deixasse e fosse embora. Em vez disso, ele saiu e me seguiu até o apartamento do segundo andar, carregando minhas coisas para mim.

— Obrigada, Mute, mas estou bem agora. Você não precisa ficar por aqui, — eu murmurei, lutando com minhas chaves.

Sua resposta foi simplesmente pegar as chaves da minha mão e abrir a porta.

Meu apartamento não era grande para começar, e era basicamente nada agora. Uma única lâmpada iluminava a sala, mas nada podia esconder sua nudez sombria. Havia apenas um cômodo, além dos quartos pequenos, que servia de sala / cozinha e tudo o mais que precisasse ser. Sheila havia deixado o sofá surrado coberto por um lençol velho e uma mesinha de canto com uma perna quebrada e torta. Minha velha TV se foi, junto com meus CDs, o sistema de jogo de seu namorado e o resto da mobília incompatível. A área da cozinha ficava em um canto com uma geladeira, forno, pia e alguns armários. As portas do armário não se encaixavam direito e estavam abertas, mostrando prateleiras quase vazias. Ela pegou a mesa e as cadeiras da cozinha também.

Entrei no pequeno quarto que era meu, Mute me seguindo. Eu tinha uma cama de casal, apenas colchão, que ocupava a maior parte do espaço. Havia uma cômoda surrada, atualmente com suas três gavetas abertas e vazias, e um armário minúsculo vazio sem porta. Mesmo assim, tentei fazer o melhor com o que tinha. Meus lençóis e edredom eram de cores pastel quentes de rosa, cinza e azul. Felizmente, o gosto de Sheila era mais para vermelhos e pretos, então ela deixou minha cama em paz, mas pegou o pequeno tapete branco que cobria o piso de madeira. A lâmpada do meu quarto que encontrei na loja Goodwill era pequena, feita de vidro branco irregular e parecia muito feminina e antiga. Ele se sentou na cadeira dobrável torta que eu usava como mesa de cabeceira. Eu coloquei um lenço rosa no topo da cortina para dar ao quarto um pouco de brilho. Mute ficou parado na porta, seus olhos escuros olhando ao redor, absorvendo tudo.

— Eu sei que não é muito, — eu comecei, soando na defensiva até mesmo para meus próprios ouvidos. — Mas é meu. Comecei sem nada e posso fazer de novo.

Seus olhos encontraram os meus. Não consegui lê-lo, mas não desviei o olhar desta vez. Eu o encontrei de frente em vez de baixar os olhos como sempre fazia. Ele continuou olhando, profundamente em mim. Por um breve momento, desejei que ele me abraçasse novamente. Então ele se virou e foi até a porta, suas botas ecoando no espaço vazio. Ele tocou a fechadura barata e a corrente frágil e olhou para mim, ainda ilegível.

— Não há nada aqui que valha a pena roubar agora, se essa é a sua preocupação. — Tentei amenizar tudo, só para ver se conseguia outro sorriso ou pelo menos um vislumbre de um. Ele simplesmente olhou por mais tempo e mais forte. Eu me contorci um pouco sob seu escrutínio inabalável. Sua voz silenciou na minha cabeça.

— Já passei por coisas piores, Mute. Vou sobreviver. São apenas coisas.

Seus olhos eram tão profundos. Ele bateu na fechadura e eu o ouvi alto e claro.

— *Tranque atrás de mim.*

— Eu vou. Muito obrigada, Mute. Eu realmente... hum... eu... apenas, obrigada, — eu gaguejei.

Ele bateu no relógio e apontou para o meu laptop. — *Que hora é a aula amanhã?*

— Tenho aula às dez, e preciso estar no bar por volta das seis. O ponto de ônibus da cidade fica bem perto, então devo conseguir chegar a tempo. Você não precisa se preocupar em me buscar para o trabalho. Tenho que ir para o Lair amanhã à noite, depois do bar, lá pelas onze, eu acho. Betsey vai cuidar dos filhos de Blue na casa dele, então vou trabalhar no bar do clube também.

Ele acenou com a cabeça uma vez, virou-se e saiu. Fiz o que ele disse e tranquei a escassa proteção que a barra de latão barata e as fechaduras ofereciam. Enrolada na minha cama, repassei alguns dos acontecimentos da noite, tocando minha boca com a ponta dos dedos, antes de finalmente adormecer.

* * *

Mute deixou o apartamento sombrio de Kat e esperou até ouvi-la deslizar a frágil fechadura. Sua cabeça e coração estavam em guerra, colocando-o em território desconhecido. Desde Maya, ele não sentia nada por uma mulher além da necessidade de levar uma para satisfazer à vontade. Ele sabia o que Maya era antes de lhe dar seu coração e remendá-la como sua. Só achou que eles eram felizes juntos e isso duraria uma vida inteira. Ele estava tão apaixonado que a história dela como coelhinha do clube não o incomodava, e também foi capaz de ignorar a história dela com as drogas. Ela o amava também, apesar de sua deficiência, ou assim ele pensava. Era para ser a vida perfeita, e foi até *aquele* dia acontecer. O dia em que ele veio ao clube e encontrou Maya, com o traseiro nu, vestindo apenas o colete de propriedade que ele deu a ela com Joker fodendo-a por trás.

Ele ficou na porta, observando-os em silêncio por vários minutos, tocando a pequena caixa que tinha no bolso e se perguntando se mais alguém sabia que não havia som quando um coração se partia em mil pedaços. Joker deve ter ouvido algo, pois olhou para cima enquanto bombeava em Maya gemendo e se contorcendo, e notou Mute na porta. Em vez de ficar chocado ou horrorizado, ele zombou e se chocou contra Maya com mais força, acariciando com a mão o patch de Propriedade do Mute.

Foram necessários quatro irmãos para retirá-lo de cima dele. Mute mal se lembrava de acertar o punho naquele rosto sorridente, apenas vendo vermelho e sentindo uma raiva avassaladora pela traição do homem que deveria ser seu irmão e da mulher que deveria ser sua companheira. Ele estava tão distante de sua cabeça que ouvira a voz de Brick como se viesse de um poço profundo: regras, Joker sendo forçado a se tornar nômade e Maya sendo expulsa. Ele não sabia o que tinha acontecido com ela, exceto que tinha sumido completamente no dia seguinte, fora da cidade para sempre. Mute não sentiu nada depois disso. O anel que carregava no bolso foi jogado no rio, e junto com ele os pedaços de seu coração morto e a promessa de nunca mais amar.

Isso foi até que ele veio ao bar uma noite e encontrou Kat.

Mute alisou a mão sobre seu torso, onde ainda sentia o choque que experimentou no início desta noite. Encontrar Kat na beira da estrada tremendo de frio ao lado de seu carro tinha feito algo com ele. Sentiu uma dor no peito que ele não conseguia explicar e não entendia. Suas emoções tinham percorrido toda a gama de raiva por ela estar naquela situação, mesmo que não fosse completamente sua culpa, medo por seu bem-estar e diversão por ela realmente ter gritado com ele por “gritar” com ela. Cristo! Ela até o fez *rir*! Seu corpo se agitou, e ele desejou poder se encontrar com a colega de quarto dela e o namorado nojento apenas uma vez. Ele desceu para sua caminhonete, a neve já se acumulando no para-brisa. Ignorou, entrou e sentou-se no banco do motorista, olhando para os flocos brancos dançantes. Ele lambeu os lábios lentamente, lembrando-se de

seu sabor doce e lutando contra o aperto repentino em sua calça jeans.

Porra. Eu não deveria tê-la beijado. Não preciso lidar com outro tipo de Donna.

Ele sabia que estava se enganando. Kat nunca seria um tipo Donna. Donna finalmente entendeu a indiferença de Mute e seguiu em frente, colocando Hammer em sua mira. Kat não teria ido atrás dele em primeiro lugar, não sendo o tipo de pessoa que usava seu corpo para conseguir o que queria.

Muito suave. Permite que todos passem por cima dela. Incluindo eu.

Mute sentou-se por mais um momento e tomou sua decisão. Gostasse ou não, Kat fazia parte do clube. Ela ganhou seu lugar com seu trabalho no bar, no Lair, e com a ajuda que deu a Betsey e a outros membros. Ele cuidaria dela como faria com qualquer outra pessoa do clube. Era seu trabalho proteger o clube, e já que ela fazia parte dele, ele seria seu protetor também, mas isso era tudo. Qualquer outra coisa era pedir muito a ele, ou a ela.

O problema é: posso protegê-la de mim mesmo e me proteger dela?

CAPÍTULO 9

Saí da minha aula de fisiologia e encontrei Mute encostado na parede em frente à sala de aula. Ele parecia um motoqueiro durão, vestido com jeans desbotado, botas pretas e uma pesada jaqueta de couro preta. Usava seu colete sobre a jaqueta para que todos pudessem ver os patches que o declaravam tão durão. Seus braços estavam cruzados, seu rosto duro e intimidante para qualquer um que olhasse para ele. A corrente de prata em seu pescoço piscou sob as luzes fluorescentes.

— OMG, *Katwoman*! Esse é o seu namorado? — Jessica sussurrou para mim. — Foi ele quem te levou ao hospital! OMG, ele é tão grande!

Eu me encolhi um pouco com o apelido de *Katwoman* que ela me deu na noite em que apareci no hospital vestindo aquela fantasia.

— Não é um namorado. Colega de trabalho, mais ou menos, e está me ajudando desde que meu carro morreu, — eu disse, tentando soar irreverente. Ele apareceu na minha casa esta manhã em sua caminhonete e me levou para a aula. Ele havia voltado ao seu jeito desagradável e grosseiro. O homem atencioso que me abraçou, riu alto e me beijou tão profundamente se foi. Isso não era completamente inesperado, mas ainda assim, ele apareceu sem ser solicitado a me ajudar. Eu não tinha certeza do que esperar dele neste momento, mas pensei que algo havia mudado entre nós. — Tudo bem, Mute?

Ele saiu da parede e sacudiu a cabeça para as portas externas.

Jessica engasgou e *ooh*. Achei que ela fosse derreter em uma pequena poça ou tentar escalá-lo como uma árvore.

Chegamos à caminhonete e ele abriu a porta do passageiro para eu entrar. Subi, um pouco confusa, mas não recusaria uma carona. Ele entrou, fechou a porta, se virou para mim e colocou uma caixa branca no meu colo.

Meus olhos se arregalaram. — Isso é para mim?

Ele fez uma careta e gesticulou para eu abrir a caixa. Era um smartphone top de linha, carregado e pronto para o uso. O número estava escrito em um pedaço de papel dentro da caixa.

Engoli em seco. — Eu... eu... eu... é demais, Mute! Não tenho dinheiro para te pagar de volta.

Mute suspirou, pegou seu próprio telefone e começou a enviar mensagens de texto. Um momento depois, o novo telefone em minhas mãos apitou.

Mute: Não é grande coisa. Recebo duas linhas extras no meu plano. Mackie tem uma e você tem a outra.

Estávamos realmente conversando agora. Não apenas palavras que inventei na minha cabeça. Eu tinha razão. Algo grande mudou entre nós.

Ele continuou mandando mensagens.

Mute: Arrume suas merdas para se mudar hoje.

— O quê?

Mute: Eu não gagueiei.

Ele sorriu.

Revirei os olhos e observei enquanto seus dedos largos voavam sobre o minúsculo teclado.

Mute: Sua casa é uma merda e muito cara. Você não tem dinheiro para isso. Fechaduras ruins. Não é seguro. Você vai

morar com Mackie. Ele poderia aproveitar a ajuda na casa.

Fiquei atordoada e calada. Quem é este homem? Ele continuou digitando.

Mute: Mackie, mora numa grande casa cinza a meia milha do bar. O andar de cima é para alugar. A casa dele é no andar de baixo. Ele recebe dinheiro do governo por causa de seu braço perdido, mas o que ele precisa é de alguém que o ajude em torno da casa. Ele não se dá muito bem com as pessoas. O Parkinsons está ficando pior. O aluguel é cozinhar um pouco, limpar, fazer compras, dar-lhe seus comprimidos, esse tipo de coisa.

Eu relaxei. Este era o lado protetor de Mute indo para Mackie. Isso não tinha nada a ver comigo.

Mute: Mackie tem um velho Dodge Intrepid. Coisa feia e bege, mas funciona bem. Seu carro está morto. Vale apenas algumas peças que ainda podem funcionar. Você usa o carro de Mackie por um tempo. Ele não pode dirigir mais. O mal de Parkinson está piorando.

Fiquei maravilhada. Boa sorte como essa raramente acontecia comigo, mas desde que entrei neste clube, a vida tinha melhorado. — Eu não sei nem o que dizer. É muito.

Mute: Você simplesmente continua fazendo o que está fazendo. Você faz parte do clube. Eu protejo o clube. Eu te protejo. A recompensa é você cuidar de Betsey e Mackie.

— Ok. Eu posso fazer isso, — eu disse a ele, sorrindo de orelha a

orelha. A vida de repente parecia um pouco mais brilhante. Talvez meu azar tenha acabado.

Mute: Quanto à outra coisa, não faça muito alarde. Aconteceu. Acabou. Não acontecerá novamente.

A vida ficou um pouco mais turva. — Hum... acho que você quer dizer quando me beijou?

Ele quase rosnou para mim e acenou com a cabeça. Sim, foi isso que ele quis dizer. Talvez nada tenha mudado entre nós, afinal.

Mute: Eu disse para não dar muita importância a isso. Sou apenas eu te ajudando a ajudar Mackie e o clube. Nada mais. Não vai acontecer novamente.

— Entendo, — eu disse a ele em voz baixa. Por dentro, meu coração se partiu um pouco. Por um breve momento na noite passada, eu me senti especial. Como se *eu* importasse. *Eu*. Mas o que realmente importava era o que eu poderia fazer pelo clube. Eu acho que poderia ser pior. Mute era difícil, mas ele se importava com Mackie e o clube o suficiente para me incluir. Eu poderia me sentir bem sob essa aba de proteção, contanto que fizesse o que ele dizia. Ninguém me devia uma vida, então cabia a mim fazer o melhor com qualquer alegria que recebesse.

Ele dirigiu até meu apartamento e observou enquanto eu juntava e empacotava as poucas coisas que eram minhas. Ele me fez deixar o sofá e o colchão surrados, dizendo que Mackie tinha coisas melhores para eu usar. Suas palavras exatas foram “Nem a Goodwill quer suas coisas”.

Ele me levou até a casa de Mackie. Fiquei um pouco surpresa ao ver o quão grande era. Ficava a cerca de quinhentos metros da estrada, no final de uma longa entrada de automóveis em cerca de um

acre de terreno bem aparado. Era uma antiga casa de fazenda de dois andares que parecia ter sido modificada e tinha alguns anexos interessantes. O revestimento cinza parecia instalado recentemente; havia uma grande varanda frontal e um deck lateral com uma grande churrasqueira engatada. Havia vários anexos, incluindo uma garagem e oficina bem construídas, uma pequena estufa, um galpão de armazenamento com uma grande pilha de lenha ao lado e uma cabana de hóspedes nos fundos. O enorme quintal estava cheio de grama verde e a propriedade cercada por árvores. Você podia ver a estrada principal, mas a casa seria difícil de localizar, a menos que estivesse procurando por ela.

Mackie estava na varanda e aparentemente me esperando.

— Bem-vinda ao lar, querida! — ele me cumprimentou com seu entusiasmo habitual. — Você fica com a cama de cima, eu fico com a de baixo. Tudo deve estar pronto para você.

Mute agarrou as duas caixas que continham minhas coisas e subiu as escadas íngremes e estreitas. A madeira rangeu a cada passo. Havia quatro grandes quartos lá em cima, dois de cada lado, e um grande banheiro no topo da escada. Dois dos cômodos era obviamente um depósito, e os outros dois foram mobiliados como um quarto e uma sala de estar conectada. Entrei primeiro na sala de estar, pois era a primeira à direita. Ele continha um sofá futon simples coberto de marrom liso, com um tapete com estampa nativo americano verde, azul e vermelho no piso de madeira. Havia uma TV de tela plana instalada em um canto, junto com um reproduutor de Blu-ray e algumas prateleiras vazias. Uma escrivaninha antiquada com tampo móvel ficava em um canto, a parte superior revelando muitos pequenos buracos no cubículo. Uma nova linha de energia no topo, obviamente colocada lá para o meu laptop.

Segui Mute pela porta de comunicação para o quarto.

Era bonito. O quarto foi pintado de cinza claro com detalhes em branco. O piso de madeira estava coberto com vários tapetes brancos grossos e felpudos. A cama era uma estrutura de latão antiquada com

vários travesseiros fofos, o edredom colorido em listras de diferentes tons de azul, branco e cinza. Havia uma cômoda antiga de madeira mais escura, uma mesinha de cabeceira combinando e uma penteadeira. Os dois quartos eram maiores que meu apartamento. Não precisei ver o banheiro para saber que também era fabuloso.

— Eu não posso acreditar que tudo isso é para mim. — Lágrimas encheram meus olhos com a generosidade do homem mais velho.

Mackie pigarreou do pé da escada.

— Eu não fiz nada. Foi Mute indo ao Walmart, transportando e arrumando suas coisas. Eu não consigo mais subir esses degraus. Todo o segundo andar é seu.

Eu me virei para Mute surpresa e um pouco confusa. Ele tinha sido tão inflexível sobre o beijo que compartilhamos não significar nada para ele. Talvez apenas um impulso na hora, já que ele estava rindo naquele estranho barulho de grunhido.

Se ele me beijou por causa do momento, então por que fazer tudo isso por mim?

Mute não gostou do anúncio de Mackie e ficou claro. Seu rosto estava sombrio e ele olhou para mim com seu olhar de Hulk zangado. Eu podia ouvir sua voz em minha cabeça me avisando.

— *Não comece nada!*

Eu soube então que ele estava fazendo isso principalmente para o benefício de Mackie. Mackie teria ido ao Walmart e criado esses quartos para mim se pudesse fazer isso, mas sua doença estava progredindo rapidamente e se locomover estava cada vez mais difícil para ele. Mesmo que isso não fosse realmente sobre mim, eu ainda consegui colher algumas recompensas maravilhosas.

Ignorei a voz hostil silenciosa e me movi, colocando meus braços ao redor do corpo de Mute. — Entendi, Mute, mas obrigada por tudo isso. Eu vou te pagar de volta assim que puder.

Sua mandíbula cerrou e abriu como se ele estivesse rangendo os dentes. Ele deu um aceno rápido e passou por mim para descer os

degraus, seus passos pesados ecoando por toda a casa. A porta de tela bateu contra o batente. Um momento depois, ouvi o rosnado de sua caminhonete enquanto ele decolava.

Uma mensagem de texto buzinou no meu telefone.

Mute: Sem retribuição por presentes. Apenas faça seu trabalho e cuide de Mackie.

— Bastardo rude! — Mackie comentou. — Babaca, sua perda é o meu ganho! Você tem dever de cozinhar esta noite, querida. O que tem para o jantar?

Eu ri e desci as escadas para a cozinha moderna para arranjar algo para alimentar meu amigo e novo colega de quarto.

CAPÍTULO 10

Um baque alto soou do lado de fora, e olhei pela janela da cozinha acima da pia. Mute estava cortando lenha, suas costas nuas para mim e o vapor subindo de seu corpo no ar frio do inverno. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo curto na base do pescoço, e eu podia ver claramente sua tatuagem do clube. Um dragão colorido verde, dourado e negro, asas estendendo-se por seus ombros largos, longas garras com pontas vermelhas e cuspidor de fogo. Era uma bela obra de arte, uma entre várias. Ele tinha outras tatuagens coloridas no peito e nos braços.

Nós três morávamos juntos, por assim dizer, e tínhamos estabelecido uma rotina. Mute estava alugando a cabana de hóspedes de um quarto nos fundos da propriedade. Seu aluguel era manter o jardim e o paisagismo em bom estado, fazer reparos na casa quando necessário e manter a madeira empilhada para a lareira e o fogão a lenha. Mackie passava os dias vagando pela estufa ou assistindo TV em sua grande poltrona reclinável. Eu ia às aulas, trabalhava no bar, fazia faxina para Mackie e cozinhava para nós três. Tornou-se rotina para Mute entrar na casa mais ou menos na hora em que colocava o jantar na mesa. Na primeira noite, quando coloquei um frango assado inteiro, feijão verde fresco, purê de batata com molho e biscoitos caseiros na mesa, Mackie ficou fora de si e mandou uma mensagem para Mute, insistindo que ele viesse se juntar a nós. Ambos os homens haviam se empanturrado e Mackie estava em uma forma rara.

— *Oh, querida, acho que acabei de morrer e fui para o céu! Esses biscoitos são os melhores que já comi! Você deveria estar em um daqueles programas de culinária chiques, sabe, como aqueles que têm prêmio em dinheiro no final. O que você acha, Mute? Ela não é alguma coisa?*

Mute apenas olhou para ele com uma sobrancelha erguida e pegou outro biscoito. Acho que ele consumiu cerca de metade do frango sozinho, junto com uma quantidade generosa de feijão e batata. Eu esperava conseguir alguns dias de sobras, mas dei um beijo de despedida nesse

pensamento quando vi Mute levar o segundo e depois o terceiro. Foi bom ver os dois homens saboreando minha comida.

Mackie continuou a delirar sobre minha comida, até que fiquei com o rosto vermelho de vergonha.

— Quem te ensinou a cozinhar tão bem? Sua mamãe?

Eu enrijei um pouco, mas respondi com um sorriso. Eu me sentia confortável neste lugar com Mackie, e pensei que era um lugar seguro para mim. Não sei por que fiz isso, mas decidi abrir um pouco sobre a minha vida.

— Não. Não sei quem são meus pais verdadeiros. Nunca os conheci. Eu fui deixada quando bebê no hospital. Passei por muitas casas por um tempo, mas quando comecei a estudar, tive um lar adotivo no qual consegui ficar por cerca de seis anos. Isso foi com Millie. Ela parecia mais uma avó do que uma mãe, mas me ensinou muito sobre cozinhar, cuidar da casa e apenas cuidar das pessoas. Ela era uma enfermeira aposentada e uma pessoa maravilhosa e generosa. Eu tinha 12 anos quando as assistentes sociais decidiram que ela estava velha demais para cuidar de mim e me mudaram para outro lugar. Ouvi dizer que ela faleceu antes de eu me formar no ensino médio. Acho que ela é a razão pela qual decidi entrar na enfermagem. Ela era a melhor casa que já tive.

Parei por um minuto e depois sorri para o rosto sério de Mackie. — Sem contar esta, é claro!

Ele gargalhou alto e deu um tapa na coxa.

— Caramba, garota! Você é uma boa mulher! Não é verdade, Mute?

Mute acabara de erguer os olhos, depois de passar manteiga no pão branco fumegante. Seus olhos estavam nos meus, mas ele não estava carrancudo para variar. Havia uma expressão de compreensão ou mesmo camaradagem em seu rosto.

Eu me sacudi com a memória, levantei meu telefone e digitei uma mensagem para ele.

Eu: Não vou cozinhar esta noite por causa da festa de Natal. Posso fazer um lanche leve para você, se precisar de algo. Eu disse a Betsey que estaria no Lair às 6:00 para ajudá-la a se preparar. Isso funciona para você?

Observei Mute pousar o machado e verificar o telefone. Ele se virou para a janela, enxugando o suor da testa e me deu um aceno de cabeça e um polegar para cima.

Mute mudou muito em relação a mim desde a noite em que meu Fred foi para onde quer que os carros vão, e minha mudança subsequente para o domínio de Mackie e dele. Eu recebia mensagens aleatórias dele perguntando se eu precisava de alguma coisa do supermercado que ele pudesse comprar, o que cozinaria naquela noite, a que horas minhas aulas terminavam e a que horas eu estaria trabalhando. Se ele estivesse por perto quando eu voltasse da loja para casa, ele descarregaria os sacos de comida para mim. Ele começou a nos levar para o trabalho no bar, e Mackie costuma ir conosco nas noites em que ficava acordado para sair de casa e ficar perto das pessoas. Nas noites em que Mackie simplesmente não conseguia fazer muito, Mute saía do bar várias vezes durante o turno para ver como ele estava e depois voltava para me buscar quando o bar fechava. Mute sempre voltava para casa agora, abandonando seu quarto no Lair. Ele fazia a maior parte das refeições conosco e passava um tempo com Mackie na frente da TV. Fiel à sua palavra, ele nunca mais me beijou, nem mesmo me tocou, mas era tão solícito comigo como qualquer um já tinha sido.

Mackie tinha dias bons e dias ruins. Seus medicamentos às vezes funcionavam e às vezes o deixavam como um zumbi. Eu podia ver o velho descendo a ladeira, mas não havia muito que Mute ou eu pudesse fazer a respeito. Ele estava planejando ir à festa de Natal, mas podia ou não querer ficar muito tempo. Mute e eu tínhamos decidido que dirigiríamos o carro e a caminhonete. Assim, um de nós poderia trazer Mackie para casa quando ele precisasse ir.

O Lair foi iluminado com centenas de luzes coloridas de Natal.

Betsey tinha me dito que Brick era o único responsável. Ele adorava acender luzes, decorar a gigantesca árvore de Natal e todas as coisas que tinham a ver com o feriado. Ele se vestia de Papai Noel todos os anos para as crianças, enfiando-se em uma roupa vermelha e colando uma barba falsa. Eu nunca acreditei no Papai Noel na infância ou em ter muitos presentes debaixo da árvore. Millie chegou perto com uma pequena árvore artificial e decorações caseiras, mas não era um grande evento. Não pude evitar entrar no feriado desta vez, enquanto o entusiasmo de Brick e Betsey se espalhava por todos os negócios que o clube possuía.

O Lair ficou lotado rapidamente com todas as famílias e crianças. Havia tantas luzes dentro do chalé quanto do lado de fora, piscando em conjunto. Música de Natal estava tocando nos alto-falantes gigantes. Até mesmo a cabeça de veado que normalmente usava um boné de beisebol estava enfeitada com um chapéu de Papai Noel, barba e uma lâmpada vermelha no nariz. O aroma fresco do pinheiro coberto de fitas metálicas de três metros misturado com os aromas de dar água na boca de peru e presunto assados. Havia também vários pratos de carne de veado e um pato assado. Assim como o churrasco no Halloween, o clube fornecia carnes, e o resto era levado. Eu tinha feito três bolos com receitas que aprendi com Millie tantos anos atrás, bolo de cinco sabores, bolo de baunilha com noz e bolo de chocolate com cobertura de chocolate. Eu os adicionei à mesa de comida que rangia. Betsey dirigia a cozinha e andava ao redor sempre sendo uma ótima anfitriã. As pessoas riam, bebiam e comiam. Crianças corriam atrás umas das outras. Os homens jogavam bilhar ou dardos, e a cerveja corria livremente.

Fiquei atrás do bar a maior parte do tempo, servindo cerveja e preparando drinques. Eu me sentia mais confortável trabalhando do que não, e o bar me ajudava a me esconder. Também ajudava a ficar de olho em Mackie. Ele estava em um dos sofás, contando a um grupo de crianças algumas de suas histórias de guerra. Eu poderia dizer que ele estava ficando cansado, mas ele estava se divertindo muito para ir embora.

— BOOM! — ele gritou, esbugalhando os olhos e jogando a mão no ar. — A fumaça estava por toda parte! Pessoas gritando e xingando, correndo mais que galinhas com suas cabeças cortadas!

Mute veio atrás do bar carregando outro barril de cerveja. Ele bateu nele e trocou-o pelo vazio.

— Obrigada, Mute. Vou fazer uma rodada de vasilhames enquanto você está aqui.

Ele revirou os olhos e ergueu uma sobrancelha.

— *Sem trabalho esta noite*, — ouvi na minha cabeça. Estava ficando cada vez mais fácil ler seus pensamentos e eu estava ficando cada vez mais confortável fazendo isso. Mute não era tão assustador para mim quanto antes e, embora fizesse o possível para permanecer rude e indiferente, viver perto dele me mostrou sua verdadeira face.

Eu sorri para ele enquanto levantava a ponte do bar. — Eu sei, eu sei, mas um pouco de esforço fará menos trabalho amanhã, quando tivermos que limpar esta bagunça.

Levei uma cerveja fresca para Mackie para ver como ele estava e juntei um punhado de garrafas vazias e copos vazios para jogar nas latas de lixo que se enchiam rapidamente. Avistei Stud em um dos sofás do canto, assistindo vários dos irmãos jogando um jogo de corrida do Xbox. Ele ainda tinha um gesso macio no braço, mas seu tornozelo estava curado o suficiente para que dispensasse as muletas. Nikki estava aninhada contra ele usando um vestido curto de elfo verde e meias listradas vermelha e branco. Ela estava acariciando seu peito e seu braço bom estava ao redor dela. Senti uma pontada de arrependimento, me perguntando se poderia ser eu ali enrolada em seu corpo forte.

— Passado é passado, — Mackie havia entoado para mim mais de uma vez durante as conversas matinais do café, quando éramos apenas nós na mesa da cozinha. — Não adianta pensar nos “e se” nesta vida, querida. Temos que seguir em frente.

— Ho, Ho, Ho! Feliz Natal!! — A aparição do Papai Noel de Brick

foi anunciada pelos gritos das crianças animadas. Elas cercaram o homem de roupa vermelha com colete Dragon Runner com gritos de — Papai Noel! Papai Noel! — Os mais velhos avançaram mais devagar, mas com o mesmo entusiasmo.

— Quem foi desobediente este ano e quem foi legal? — Vários dos candidatos chegaram carregando caixas enormes cheias de meias de Natal vermelhas, brancas e verdes.

— Eu fui bom, Pai Noel!

— Eu também!

— Eu não fui ruim de jeito nenhum!

— Mama diz que sou bom *todo* o tempo!

Brick / Noel fez esse jogo por mais alguns minutos, levando as crianças ao frenesi.

— Bem, acho que todos foram bons o suficiente este ano. Vamos ver o que o Papai Noel tem na mochila, hein?

Cada criança tinha uma meia com seu nome. O refrão de — Eu fui bom— mudou para — Olha isso que eu ganhei! — enquanto retiravam bonecos, carros, Play-Doh, Lego e outros presentes.

— Brick adora essa merda, eu não disse? — Betsey se sentou no bar enquanto eu corria de volta para trás dele. Fiz para ela uma margarita com gelo, sem sal, como era sua preferência.

— Sim, eu posso dizer que ele adora. É maravilhoso que você e ele façam tanto pelo clube. As crianças estão se divertindo. Mackie também. — Eu balancei a cabeça em direção ao velho.

Ela tomou um gole da bebida e suspirou.

— Oh isso é bom! — Ela pousou o copo e bateu na borda com uma unha vermelha brilhante antes de agarrar minha mão e segurá-la com força. — As provas finais terminaram?

— Sim, e consegui tirar todos os A's desta vez.

— Bom para você, menina. É bom não ter esse estresse. Não foi

um ano ruim para ninguém. Os negócios estão todos no azul. Alguns problemas surgiram com os livros e estoques, mas até agora nada muito grande. Stud mantém essa bagunça sob controle, graças a Deus! Iria me deixar totalmente louca lidar com tudo isso!

Ela fez uma pausa longa o suficiente para tomar outro gole de sua bebida e recarregar para a próxima rodada de palavras.

— Brick, quero dizer, o Papai Noel, chegará às meias menores daqui a pouco para os adultos. Essas têm bônus para os meninos. Ganhos por seu trabalho e lealdade ao clube e uns aos outros. Este é um grande negócio para Brick, assim como para o clube. Você sabe que tivemos uma história difícil, e esta é uma forma de nos lembrar que passamos por alguns momentos difíceis, mas saímos por cima. Somos mais fortes como família e queremos manter as coisas assim.

Na verdade, Brick estava distribuindo meias menores para os membros do clube, abraçando cada um e dando um único tapa na parte de trás de seu colete.

Betsey sorriu, colocou sua bebida no balcão e bateu palmas.

— Esta é a minha parte favorita! As próximas meias são as do Papai Noel Secreto. Temos que escolher uma pessoa do clube para comprar e enlouquecer. Todo mundo ganha algo bom.

Eu olhei para cima com horror. — Oh merda, Betsey! Eu não sabia! Não comprei nada para ninguém!

Ela ergueu a mão e soltou um pshhhht!

— Não tem problema, querida. Você dá o suficiente cuidando de Mackie. No ano que vem, porém, é uma história diferente. Vou te enviar uma lista do que eu quero. — Ela sorriu e me deu um tapinha amigável no ombro.

As old ladies receberam meias cheias de joias, vales-presentes, bolsas e outras coisas. Mackie estava sorrindo de orelha a orelha com sua coleção de sementes de vegetais tradicionais. Até Nikki e Donna ganharam meias.

— Aqui, Kat, este é para você de mim e Betsey, mas não se

encaixa na meia.

Meus olhos se arregalaram quando Brick me entregou uma jaqueta de couro preta na altura da cintura com uma franja longa pendurada nos braços e nas costas e na frente.

— Mute, nos contou o que aconteceu com suas coisas. Achei que isso poderia ser útil. — A falsa barba branca falou solenemente e gentilmente comigo.

Meus olhos ficaram úmidos. — Eu... eu... não sei o que dizer!

— Pssht! Diga 'obrigada, Brick' e experimente! Veio de nossa loja de couro. Mute pediu especial. — Os olhos de Betsey também estavam um pouco úmidos.

A jaqueta foi lindamente feita. O cheiro de couro amanteigado fez cócegas em meu nariz quando o coloquei sobre os ombros. O corte e o ajuste eram perfeitos, e eu podia sentir seu calor pesado tomar conta de mim como um abraço profundo.

— É maravilhosa, — eu respirei, escovando a franja pendurada na frente com a ponta dos meus dedos. — Eu nunca tive nada parecido antes.

— Querida, isso não é tudo! Abra o resto da sua meia secreta do Papai Noel.

Eu limpei meus olhos para esconder que estavam lacrimejando, e fiz o que Betsey mandou. Dentro da meia havia um punhado de certificados de presentes da loja: Macy's, Kohl's, Harley-Davidson store e Victoria's Secret. Cada um no valor de quinhentos dólares.

— Wooo! Você fez bem, Mute! — Molly se aproximou e bateu palmas. — Nós vamos fazer compras, garota! Eu posso ouvir aquelas vendas pós-natal chamando nossos nomes!

Mute? Mute me deu dois mil dólares em vale-presentes de lojas de roupas. Eu me virei para ele, minha boca aberta de espanto. Mute era meu Papai Noel secreto? Ele estava segurando seu telefone e mandando mensagens de texto. Meu telefone tocou e eu olhei para sua mensagem.

Mute: Não compro muito. Foi o melhor que pude pensar. Feliz Natal, Kat.

Eu balancei minha cabeça, completamente oprimida. — Eu... eu... n-não posso acreditar que você fez tudo isso por m-mim! Você realmente não gostava muito de mim, mas nas últimas semanas...

— Feliz Natal, porra! — uma voz alta e rude interrompeu.

Meu estômago apertou. Joker estava de volta. Ele entrou pela porta da frente com Box, carregando uma mochila grande e usando uma engenhoca estranha na cabeça. Um elástico foi amarrado em torno de um boné de beisebol de Natal. Ele segurava uma vara flexível que parecia uma pequena vara de pescar que balançava para cima e para baixo com um ramo de visco na ponta.

Betsey pigarreou e balançou o dedo para ele. — É melhor você não estar aqui para causar problemas, Joker! Brick o perdoou pela última vez, mas se você começar a desrespeitar de novo...

— Betsey, meu único amor! Por favor, diga que você fugirá comigo esta noite! Beije-me, querida, — ele cantou para ela. — Olha! Eu trouxe meu próprio visco! — Ele balançou a cabeça e o raminho subiu e desceu.

Ela riu quando os lábios dele bateram ruidosamente em sua bochecha.

— Sem problemas, Joker! Falo sério! — Ela balançou o dedo para ele novamente quando ele saltou para Molly, que o empurrou.

— ECA! Afaste-se de mim com essas coisas!

— Aw! Molly, minha preciosa! — ele sussurrou.

— Achei que era sua favorita! — Betsey brincou.

— Há muito Joker para todas, meninas! — Ele abriu bem os braços, a imagem de um cara que gosta de se divertir.

A maioria das outras pessoas estava rindo de suas travessuras.

Alguns o olhavam com desconfiança. Stud estava olhando furioso para ele de seu lugar no sofá. Mackie estava balançando a cabeça. Virei-me para ver que Mute havia se movido logo atrás de mim.

Mute mal conseguia conter sua fúria, suas mãos abrindo e fechando, sua mandíbula travada em uma linha dura. Joker saltou para nós, sorrindo amplamente.

— Estou aqui para reparar meu comportamento da última vez que conversamos, querida Pussy Kat. Por favor, aceite minhas mais humildes desculpas! — Ele fez uma elegante reverência de cortesia, o ramo de visco flutuando livremente.

— Hum... desculpas aceitas, — eu gaguejei, incapaz de pensar em qualquer outra coisa para dizer. Senti o braço de Mute em volta de mim, me puxando para o lado e me arrastando atrás dele, colocando-se entre o Joker e eu.

— Ho, ho, ho! O que é isso? A bela e a fera, hein? Não tema, querida Pussy Kat! Eu vou lutar contra qualquer um que te chame de fera! — Joker declarou, dançando.

Eu me arrisquei e coloquei minha mão levemente no braço de Mute. Ele sempre usava um Henley preto sob o colete, e eu podia sentir a rigidez de seus músculos sob o pano macio. — Está tudo bem, Mute. Ele não causará problemas. Muitas pessoas ao redor.

Mute não tirou os olhos de Joker enquanto ele esvoaçava pela sala. Seu braço se moveu, envolvendo meus ombros e me puxando para perto de seu lado. A sensação de proteção e segurança floresceu quente em meu corpo enquanto eu sentia o calor de seu corpo me cercar. Ele me ajudou. Ele me pegou.

Eu não pude evitar. Eu estava sob seu braço pesado, me enrolando em seu corpo, então era natural que eu colocasse meus braços em volta dele, segurando-o perto e colocando minha cabeça em seu ombro.

— Obrigada por tudo, Mute. Não tenho palavras para dizer o quanto estou grata por tudo que você fez por mim.

Seus olhos brilhantes deixaram o Joker e encontraram os meus. Ele olhou para mim com uma profundidade que eu não tinha visto antes, e minha respiração me deixou. Algum dia, eu olharia para trás e saberia que esse foi o ponto de viragem. Foi quando eu, Katrina Vega, fui silenciosamente reivindicada por um Dragon Runner chamado Mute. Eu me tornei sua mulher, sua Old Lady ali mesmo, como uma peça de quebra-cabeça encaixada em outra, perfeitamente travada no lugar. Este era o meu lugar e me fazia sentir completa. Seus olhos caíram para minha boca e ele levantou a mão para acariciar um dedo gentil sobre meu lábio inferior. Eu senti o fundo do meu estômago cair em antecipação enquanto ele balançava para frente para pegar o que agora pertencia a ele.

Uma forte explosão de repente abalou a sala e as paredes tremeram violentamente. A cabeça de veado com o chapéu de Papai Noel e nariz de Rudolph caiu da parede. Mulheres gritaram e se abaixaram, cobrindo a cabeça. Alguns correram para fora em confusão. Betsey olhou pela janela.

— Brick! O bar está pegando fogo! — ela gritou, apontando para as chamas laranja visíveis na base da colina.

A voz autoritária de Brick ressoou, o alegre Papai Noel se foi.

— Confinamento! Você sabe o que fazer! Dragon Runners comigo! Vamos!

Mute tirou o braço de mim e apontou para Betsey e Mackie.

— *Siga as dicas de Betsey. Bloqueie tudo. Cuide de Mackie. Volto quando puder. Não saia.*

Comecei a protestar. — Mas as pílulas de Mackie! E se algo acontecer?

Ele agarrou meu rosto e olhou nos meus olhos, não com raiva, mas com uma seriedade que eu nunca tinha visto antes. Sua boca bateu na minha, beijando-me profundamente e com força. Terminou tão rápido quanto começou.

— *Fique aqui, fique segura. Promete-me!* — seu olhar intenso

transmitido.

— Vou cuidar dos negócios aqui, — falei, com mais calma do que me sentia. Fiquei chocada com o beijo e a mudança repentina em nosso relacionamento. — Por favor, seja cuidadoso!

Ele saiu com os outros motoqueiros. Stud permaneceu, mas como não havia muito que pudesse fazer com um braço, ele mancou para frente e para trás na frente das janelas salientes, olhando para o prédio em chamas.

— Droga! Filhos da puta! — ele praguejou, mais duramente do que eu já o tinha ouvido.

Betsey se recompôs e às outras mulheres. — Certo então. Senhoras, se vocês já têm uma cabine reservada, levem seus filhos para a cama. Liguem bloqueios e alarmes. O portão já está fechado para o complexo, então estamos sólidos, mas se não se sentirem seguras em seus próprios lugares, vão buscar suas coisas e se espalhem aqui ou no loft lá em cima. Nikki, Donna e vocês outras, comecem a limpar, e não me façam ir atrás de vocês! Basta colocar o lixo do lado de fora da porta dos fundos. Molly e Tambre, vocês separam o resto das cabines que sobraram e todos os quartos extras que temos aqui. Roupas de cama, toalhas, artigos de higiene e outros suprimentos. Vamos ter uma casa cheia esta noite. Kat, você verifica as condições da cozinha e começa a guardar a comida. Veja o que mais temos na despensa e quanta bebida temos. Os meninos vão querer mais tarde. Vou me juntar a você assim que colocar meus netos no andar de cima. Não sei quanto tempo esse bloqueio vai durar, mas precisamos estar preparadas para tudo.

— O que posso fazer para ajudar? — Mackie perguntou, ainda sentado em um sofá.

Betsey entregou a ele binóculos e seu telefone.

— Veja o que pode e atenda meu telefone. Brick vai me ligar com o que encontrar em algum momento, mas agora preciso me manter ocupada. Venha, Cody e Shells, vamos para a cama.

Betsey levou as duas crianças chorando baixinho e confusas escada acima. Mackie posicionou-se ao lado da janela, o binóculo colado aos olhos. Stud ficou sem jeito ao lado dele, ainda resmungando e xingando enquanto também observava o fogo à distância. Donna e Nikki aparentemente levavam Betsey a sério. Elas e as outras mulheres estavam limpando vasilhas, mesas e levando o lixo para fora. Saí e fui para a cozinha. Betsey não era a única que precisava estar ocupada.

Horas depois, as crianças estavam na cama, a comida guardada e a cozinha quase pronta. Minha mente começou a vagar enquanto eu esfregava o chão.

Mute me beijou de novo, pensei enquanto guardava as sobras, colocava os pratos na grande máquina de lavar louça industrial e limpava a bancada. Ele disse que não faria isso de novo, mas fez. Ele me deu dinheiro para comprar roupas. Muito disso. Ele me xingou. Ele me deu um lugar para morar. Ele fica com raiva de mim sem motivo. Ele me protegeu. Ele fodeu outra mulher bem na minha frente, talvez deliberadamente. Ele ficou entre eu e alguém que poderia me machucar. Ele me deu um telefone quando eu precisava e não tinha dinheiro para comprá-lo. Ele me odeia. Ele me quer. Ele me ama.

Eu parei de me mover. *Não.* Eu balancei minha cabeça. *Não vá lá, Kat. Não é a hora.*

Tambre entrou na cozinha com os braços cheios de pratos. Ela deu uma olhada no meu rosto e jogou a pilha inteira na pia. Ela era um pouco mais alta do que eu, principalmente porque gostava de usar salto em tudo. Ela era uma mulher bonita, por dentro e por fora. Ela me abraçou forte e eu senti sua força silenciosa infiltrar-se em mim, me segurando.

— Ele é um homem duro. Já passou por mais coisas em sua vida do que a maioria dos outros no clube, e não foi nada bonito. Viu mais. Fez mais. Suas mãos ficaram sujas e ficarão sujas novamente. Eu assisti isso acontecer desde que ele era criança e Brick o encontrou procurando comida na lixeira do bar. As coisas com as quais ele viveu,

as coisas pelas quais ele passou, podem deixar cicatrizes nas pessoas. Acho que você sabe disso, já que também não foi criada com colheres de prata ou rosas.

Ela se afastou e começou a descarregar a máquina de lavar louça, ainda fumegante de seu ciclo de quatro minutos. Peguei os pratos empilhados e os guardei.

— Nós estivemos conversando, eu, Betsey e Molly. Sobre você e o clube. Você não é uma Old Lady... — Ela fez uma pausa, olhou para mim com seus olhos sábios e acrescentou: — ... ainda. — Ela moveu mais pratos para o balcão.

— Você também não é uma coelhinha, e não vai ser, mas ainda tem um lugar aqui. Seu próprio lugar. Faz de você família, aconteça o que acontecer. Molly realmente quer você com Stud. Eu sei que aquele garoto estava interessado, mas não o suficiente, não como Mute. Quando Stud olha para você, vejo um homem que gosta de você e te quer.

Ela parou e pegou minhas mãos nas dela. — Quando Mute olha para você, vejo um homem que *precisa de* você e muito. Precisa tanto de você que o consome todos os dias. Eu o vejo lutar como nunca em sua vida. Ele está tentando não ter essa necessidade, mas está lá e ele está perdendo e está com medo. Muito assustado. Ambos têm paredes, grossas e altas. Vocês estão se olhando por cima das paredes há muito tempo, e elas estão rachando. Um de vocês tem que correr o risco de quebrá-las, e *é um risco*. Assustador, porque os dois corações estão envolvidos e vocês foram machucados uma ou duas vezes no passado. Você tem que decidir se ele vale esse risco.

Molly apareceu na porta, seu rosto estranhamente solene.

— Os meninos estão de volta.

CAPÍTULO 11

Os homens que voltaram circulavam pela sala, inquietos demais para se sentar. As mulheres do clube estavam cumprindo suas funções de apoio. Betsey havia tirado algumas cervejas do refrigerador. Tambre levou uma para Taz e o abraçou forte, dando-lhe a força que ela me deu. Mute não estava com eles.

Brick parecia ter sua idade, como se o mundo repousasse sobre seus ombros e, de certa forma, era verdade.

— O bar acabou, perda total. Não a casa do barco ou o cais. O chefe dos bombeiros tem que fazer uma investigação mais profunda, mas acha que foi um vazamento de gás que causou isso. Há evidências que dizem que foi deliberado, mas ele tem que confirmar isso. O incêndio criminoso é difícil de provar, mas Bill diz que quem o armou não escondeu nada.

Houve um suspiro coletivo ao redor da sala. Os rostos dos homens pareciam ainda mais sombrios. Olhei para Betsey para ver como ela estava recebendo a notícia. As lágrimas correram pelo seu rosto e ela correu para o lado de Brick. Ela pegou sua mão e ficou ao lado dele, cada pedaço a rainha do clube, embora seu mundo tivesse acabado de virar cinzas.

— A boa notícia é que ninguém se machucou. Todo mundo fica aqui pelo resto da noite. Os portões estão trancados e os alarmes definidos. Durmam um pouco. Igreja pela manhã. Nove em ponto.

Ele não se incomodou em dizer Feliz Natal enquanto ele e Betsey subiam silenciosamente as escadas e entravam em sua suíte.

Homens e mulheres vagavam para seus lugares, alguns para as cabanas e outros para os quartos. Descobri que Mackie recebeu um dos quartos inferiores do clube para passar a noite e já tinha ido para a cama. Tambre e Taz partiram para sua cabana particular, assim como Molly e Cutter. Stud se retirou para seu quarto, levando Nikki com ele.

Eu não tinha certeza do que deveria fazer. A porta da frente atrás de mim se abriu. Mute estava lá com três mochilas sobre os ombros enormes e um punhado de sacolas plásticas de supermercado. Ele correu de volta para a casa de Mackie. Ele ergueu uma sobranceira para mim.

— *Onde está Mackie?*

— Molly o colocou no quarto quatro aqui embaixo. Ele pode estar dormindo agora, mas realmente precisa tomar seus comprimidos.

Mute deu um aceno de cabeça e foi levar uma sacola para Mackie e acordá-lo se necessário. Coloquei os mantimentos que ele trouxe e limpei a bancada mais uma vez. Ele estava parado no meio da grande sala quando voltei. Ele parou na minha frente, seus braços fortes ao lado do corpo, olhando para mim. Reconheci aquelas paredes de que Tambre estava falando, mas ela estava errada. Essas paredes não estavam rachando. Essas paredes foram transformadas em pó. Mute estava cru, descoberto e desprotegido. Ele não estava escondendo nada e estava mais vulnerável do que pensei que poderia estar. Eu podia ver isso. Eu podia sentir isso. Eu sabia o que ele estava perguntando, mas sua voz silenciou na minha cabeça. Era a minha vez.

Dei três passos saltitantes e me lancei contra ele, minhas pernas e braços o envolvendo o mais longe que puderam, confiando que ele me pegaria. Confiando nele com tudo. Ele me pegou, me envolvendo com força, me segurando perto, enterrando o rosto no meu pescoço, me inspirando. Eu o segurei com unhas e dentes. O que quer que acontecesse amanhã, se isso fosse apenas um caso, uma coisa única, eu não me importava. Eu só queria esta noite.

Ele me carregou para seu quarto nos fundos do chalé. Era um dos maiores, com banheiro privativo e uma pequena área de estar. A cama estava coberta com um edredom de listras finas azul, preto e bege. Uma pequena mesa de cabeceira estava ao lado dela, com uma única gaveta e uma pequena lâmpada feita de um pequeno tronco. Uma pequena TV de tela plana estava na parede em frente a uma grande

poltrona reclinável em um canto, e outra cadeira continha uma variedade de roupas, dobradas e drapeadas. Havia uma grande bandeira americana pregada na parede atrás da cama e alguns pôsteres de motocicletas nas outras paredes. Não era completamente escasso, mas tudo na sala gritava: — Motoqueiro solteiro.

Ele me colocou de pé ao lado da cama, relaxando seu aperto em mim, mas não me soltou. Olhei nas profundezas escuras de seus olhos e, pela primeira vez, vi incerteza. Ele acariciou minha bochecha suavemente com a ponta dos dedos e passou o polegar pelos meus lábios. Eu podia sentir e ouvi-lo perguntando: — *Você realmente quer isso? Você me quer?*

Em todos os meses que estive com ele, nunca tinha visto Mute tão indefeso. Eu tinha o poder de quebrá-lo se o rejeitasse neste momento.

— Qual é o seu nome verdadeiro? — Eu perguntei contra seu polegar. Ele fez uma pausa e pegou o telefone. Eu coloquei minha mão sobre a dele em um movimento ousado para detê-lo.

— Não, — eu disse com firmeza — Não me envie mensagens de texto. — Eu respirei e perfurei seus olhos com os meus. — Diga-me.

Ele olhou fixamente, os olhos vidrados, os lábios entreabertos. Ele respirou fundo várias vezes. Eu não poderia dizer se eu apenas o irritei, o fiz rir ou algo mais.

— Alec, — ele conseguiu dizer em um sussurro áspero e rosnado. Era quase inaudível, mas estava lá.

Corri minhas mãos sobre seu peito duro e até seu rosto, enroscando nas correntes ao redor de seu pescoço e enterrando-as em seu cabelo espesso na parte de trás de seu pescoço. Eu podia senti-lo tremendo, como se ele tivesse medo de mim.

— Faça amor comigo, Alec. Por favor.

Ele me beijou lentamente, saboreando, totalmente em contraste com sua imagem de motoqueiro durão. Para um homem tão duro, seus lábios eram incrivelmente suaves enquanto sugavam suavemente os meus. A ponta de sua língua correu sobre meu lábio inferior e eu abri

minha boca, tanto em estado de choque quanto como um convite. Ele o aceitou e entrou. Ele inclinou sua boca contra a minha e me puxou para mais perto, mergulhando e explorando mais profundamente. Eletricidade passou por mim e meu sexo apertou em resposta. Eu podia sentir que estava ficando molhada. Meus seios incharam e meus mamilos endureceram e pulsaram. Mute beliscou meus lábios, puxando o inferior entre os dentes para sugá-lo e acariciá-lo suavemente com a língua. Ele repetiu com meu lábio superior, e então mergulhou novamente, provando-me profundamente. Eu brinquei com ele, tocando sua língua com a minha, acariciando com ousadia. Ele moveu um braço para baixo, sobre minha bunda, e me pressionou contra seu corpo. Eu podia sentir sua excitação dura logo acima da minha pélvis. Eu me senti fora de controle. Eu era uma grande bola de necessidade. Eu nunca me senti assim antes e isso me apavorava, mas queria isso mais do que qualquer coisa, e me deleitei com a sensação.

Mute deve ter sentido a mudança em mim. Ele recuou, terminando o beijo devastador, pairando sobre a minha boca, então compartilhamos respirações por um ou dois segundos. Eu estava tremendo, minhas pernas pareciam gelatina. Ele se afastou apenas o suficiente para puxar minha camiseta sobre a minha cabeça, seguindo meu sutiã simples. Ele tirou sua própria camisa e me puxou de volta para seu corpo, esmagando meus seios em seu peito quente como se ele não pudesse suportar a separação. Ele me beijou novamente. Longo. Lento. Profundo.

Eu estava queimando no momento em que deitamos nus na cama. Ele me deitou lá de costas no edredom e se enrolou ao meu lado. Seus toques eram reverentes, tratando-me como o maior presente que ele já tinha recebido. Ele amava meu corpo com seus olhos, seus dedos, sua boca e língua, provando e saboreando cada pedaço. Ele se demorou em meus seios, sua língua áspera e macia, e arqueei minhas costas, gemendo com a eletricidade que passou por mim. Seus dedos percorreram cada centímetro do meu corpo, explorando cada curva.

Me reivindicando.

Ele me adorou com sua boca, me chupando e lambendo em uma

experiência que nunca tive, me levando cada vez mais alto. Eu agarrei sua cabeça, gritando quando o orgasmo me atingiu. Foi o primeiro verdadeiro que eu já senti e o poder nele foi esmagador. Eu ouvi o barulho suave do plástico quando ele abriu a embalagem do preservativo com os dentes. Ele se embainhou e se moveu sobre mim, cobrindo-me com seu calor, seus quadris se acomodando entre minhas pernas e seus antebraços em cada lado dos meus ombros. Ele olhou nos meus olhos quando sua ponta dura tocou minha umidade e eu engasguei quando ele pressionou para frente, rompendo minha abertura. Ele era grande, e seu empurrão inflexível me esticou a ponto de doer.

Ele fez uma pausa quando já estava lá dentro, dando-me um momento para me acostumar com sua presença. Eu olhei para ele, minhas mãos em seus ombros fortes, segurando-o contra mim. Seus olhos escuros eram geralmente ilegíveis ou irritáveis, mas agora, quando seu corpo estava unido ao meu, fiquei chocada com a profundidade da emoção neles. Eu nunca soube que estava vazia até que ele me encheu de si mesmo.

Lutei para respirar, incapaz de desviar o olhar quando ele começou a se mover, deslizando quase totalmente para fora e, em seguida, pressionando de volta mais forte. Fiquei chocada ao ouvir os ruídos que eu estava fazendo enquanto suas estocadas ficavam mais rápidas e determinadas, extraindo cada pedacinho de prazer que havia. Ele me observou quando cheguei ao clímax novamente. Foi mais difícil, mais forte e tão poderoso que não conseguia desviar o olhar. Eu chorei seu nome verdadeiro enquanto meu corpo desmoronava sob ele. Ele fechou os olhos e colocou sua boca na minha, sua língua ainda vagamente com meu gosto. Ele me beijou com uma intensidade que eu sabia que era para mim e apenas para mim. Seu corpo ficou rígido quando ele entrou em mim mais algumas vezes e gozou ferozmente.

O calor derramou de seu corpo e o suor cobriu a nós dois. Ele não se moveu por vários minutos, ainda duro como uma rocha dentro de mim. Ele finalmente levantou a cabeça do meu pescoço e acariciou

meu cabelo, seus olhos percorrendo meu rosto. Fiquei chocada ao vê-los molhados. Várias lágrimas desceram por seu rosto. Esta rocha silenciosa de um homem tinha dado algo para mim. Algo grande. Ele estava completamente aberto, exposto e desprotegido. Ele era meu. Eu levantei minha cabeça e o beijei, traçando minha língua sobre seus lábios. Ele me beijou de volta, abrindo a boca e me deixando entrar.

Ele se afastou de mim e saiu da cama, os pés descalços escorregando pelo fino carpete verde. Ele se livrou da camisinha e voltou para mim, se enrolando atrás de mim, me puxando para perto e envolvendo um braço pesado na minha cintura. Como nenhum de nós se preocupou em colocar qualquer roupa, estávamos pele com pele em contato máximo. Eu fiquei lá, sem nem um pouco de vergonha. Não escondi nada dele quando toquei seu braço, passando meus dedos sobre sua tatuagem.

As poucas vezes que dormi com o único namorado que tive no passado sempre pareciam uma obrigação, e não um ato de amor. Quando ele queria sexo, eu era um lugar conveniente para colocar seu pau. Era isso. Essa era a soma total da minha vida sexual. Nunca me masturbei muito, apenas achando que era mais trabalho do que valia a pena.

Os orgasmos que Mute acabara de me dar destruíram meus pensamentos anteriores sobre sexo. Eu nunca pensei que teria essa conexão profunda com ninguém. Eu nem pensei que fosse possível ter isso. Eu tinha ouvido falar de pessoas dizendo que haviam encontrado sua alma gêmea, mas não achei que fosse real. Agora, com Mute deitado atrás de mim, seus dedos se movendo em padrões aleatórios sobre minha pele, eu poderia admitir que talvez fosse real. Coloquei minha mão sobre a dele e senti sua respiração atrás da minha orelha enquanto ele pressionava aqueles lindos lábios contra minha carne. Isso era real? Isso era para mim? Será que devo esperar mais? O calor de seu corpo e seus toques suaves estavam me embalando para dormir. Eu podia sentir minhas pálpebras ficando mais pesadas enquanto flutuava. Mesmo se isso não fosse real, eu pelo menos tinha esta noite, e a manteria. Pelo menos por enquanto, eu era total e

completamente amada.

* * *

Mute acordou com o sol nascente mal aparecendo no horizonte. Pálidas faixas de luz atravessavam as cortinas de seu quarto, decorando a cama. Ele estava de costas, o corpo nu de Kat enrolado nele, seu braço ao redor dela segurando-a perto. Ele olhou por um momento para sua forma imóvel, então mudou e pressionou os lábios contra sua testa. Afastando-se dela, ele deixou a cama e foi para o banheiro e se livrou da longa noite de sexo com sua mulher. Ele não queria perder o cheiro dela de seu corpo, mas também não queria compartilhá-lo. Ela era dele e só dele.

Ele vestiu o colete, pegou os cigarros do topo da cômoda bagunçada e saiu para o ar frio. Mute pegou um cigarro, olhou para ele e colocou-o de volta no maço. Havia cheiro de cinza suficiente do prédio queimado, sem que ele aumentasse. Sua boca se curvou, pensando que não demoraria muito para que Kat lhe desse uma merda sobre o hábito.

Kat. Minha Old Lady. Ele pensou enquanto observava o mundo acordar para um novo dia. *Tenho que conseguir um patch para ela. Meu patch.* O que ele deu a Maya havia sido destruído anos atrás e mesmo se ainda o tivesse, ele nunca desrespeitaria Kat colocando o patch de outra mulher nela.

Porra, como isso aconteceu? Mute pensou consigo mesmo. Ele pensava que amava Maya e, depois de sua traição, jurou não cair nessa armadilha novamente. Kat o evitou como uma louca, e ele fez tudo que podia para afastá-la. De alguma forma, ela ainda acabou cavando seu caminho em seus pensamentos e em sua vida até que ele não conseguia imaginar ter uma sem ela. Seus olhos fixaram-se na distante cordilheira enquanto ele revivia a noite anterior. Ele se lembrou de cada suspiro, cada toque, o gosto de sua boca e a sensação de sua boceta enquanto ela o recebia. Tudo isso havia enchido seu

coração a ponto de explodir com tanta emoção, que vazou de seus olhos. Não, ele não poderia ter amado Maya, porque ele nunca sentiu tanto por ninguém até Kat. Esta sensação crua não filtrada era nova para ele, e ele estava empolgado e amedrontado. Mas não iria recuar.

O transe de Mute foi quebrado pelo fechamento da porta externa. Ele se virou para ver outro Dragon Runner, Table, saindo para o convés com uma xícara de café fumegante. Ele acenou com a cabeça em uma saudação e tomou um gole da bebida enquanto Mute voltava para dentro. Várias outras pessoas estavam de pé e se movendo. Mute os ignorou em sua maior parte enquanto voltava para seu quarto e para a preciosa figura adormecida em sua cama. Ele rabiscou uma nota rápida para ela dizendo que estava na igreja, colocando-a perto da cabeça dela no travesseiro.

A igreja foi realizada na sala de conferências no segundo andar do Lair. Ela continha uma longa mesa de cerejeira polida e uma dúzia de cadeiras de conferência acolchoadas. O emblema dos Dragon Runners enfeitava a parede atrás da cabeceira da mesa, um esqueleto de dragão com uma longa cauda retorcida, seu crânio cuspidor fogo. Brick já estava de pé e tinha feito café. Os outros irmãos entraram um por um, pegando as xícaras e se acomodando. Suas expressões eram sombrias.

Brick se sentou pesadamente em sua cadeira.

— O relatório do incêndio ainda não foi divulgado oficialmente, mas o chefe ainda diz que há evidências de que foi incêndio criminoso. Maldito bastardo não escondeu as latas de gasolina que usou. O cano principal de gás foi cortado e puxado para ficar no meio do chão, e uma porra de linha de pólvora levava a ele. Bill verificou novamente esta manhã à luz do dia e disse que é óbvio demais para ser outra coisa. O bar deu perda total. Stud, como isso se equilibra com os outros negócios e fluxo de caixa?

Stud recostou-se na cadeira giratória, digitando contas em seu laptop. — A Garagem teve alguns problemas com estoque ausente e os livros sumiram. Não consigo identificar, mas as contas bancárias estão

corretas. Os acampamentos estão fechados durante o inverno, uso mínimo nesta época do ano. Veremos mais atividades no Dia dos Namorados, mas apenas as cabines serão abertas com algum significado. O seguro do bar está em dia e o terreno que já possuímos é total. Podemos reconstruir se o clube decidir fazer, talvez até expandir um pouco. Vai levar tempo e não sei muito sobre construção, mas agora provavelmente não é a época certa do ano para começar.

Brick suspirou e olhou ao redor da mesa.

— Roubo na garagem. O acampamento fechado. E agora o bar. Parece-me que alguém está tentando prejudicar este clube. Estou ficando um pouco cansado disso. A questão é quem, por que e o que vamos fazer a respeito. Mute, o que nós sabemos?

Mute pegou seu próprio laptop e começou a digitar rapidamente. Taz leu as palavras enquanto os dedos de Mute voavam sobre o teclado.

— O xerife diz que estranhos estão circulando na cidade. Dois caras em um Monte Carlo azul escuro turbinado foram vistos negociando, mas até agora ninguém os pegou. Blue disse que o boato é que um cara tem um colete com um ceifador e um emblema tipo cabeça de animal demoníaco, mas isso não foi confirmado. A combinação mais próxima seria o Dead Horsemen do lado do Tennessee.

Taz fez uma pausa e olhou ao redor da mesa. — Eu me lembro desses bastardos. Eles costumavam levar armas e drogas conosco nos anos 80 e 90. Não gostaram muito quando trocamos para o legítimo. Eles continuaram a merda, mas mantiveram fora da nossa cidade até agora. Mau negócio naquela época. Todos nós conhecemos a história.

O rosto de Brick ficou sombrio quando ouviu o nome do clube rival. — Já lidamos com aqueles idiotas antes, quando eles tentaram assumir o controle da Tail. Eles têm muitos jovens recrutas com mais festas do que fraternidade em seus cérebros. Eles tem bolas do tamanho de pedras se eles acham que podem derrubar este clube, mas não vou começar nenhuma guerra a menos que tenhamos certeza de

que são eles que estão causando problemas. O emblema deles não é um ceifeiro ou demônio, mas eu não duvidaria que eles usassem o de outra pessoa. Esses jovens não têm respeito por nada.

Ele olhou ao redor da mesa para os membros presentes.

— Nós descobriremos quem está fazendo isso e acabaremos com essa merda de uma vez por todas, mas faremos de forma inteligente. Stud, você começa a usar sua magia e ajeita as contas. Vamos precisar de algum dinheiro extra no futuro imediato. Taz, fale com o chefe dos bombeiros e nos consiga algumas respostas firmes. Mute, você verifica o hardware e os suprimentos. Cutter, organize a garagem, mas mantenha em segredo por enquanto. Negocie como de costume, mas vai ficar real e acontecer em breve. Enquanto isso, tomem cuidado, rapazes. Mantenham suas mulheres e crianças seguras. Seguranças em todos os lugares. Se não puderem estar em casa à noite, traga-os para cá. Betsey vai resolver isso. O bloqueio acabou por agora, mas vamos bloquear a porta para qualquer um, exceto para a família do clube. Este lugar é uma porra de uma fortaleza, então não se arrisquem se achar que eles deveriam estar aqui. Precisa ser votado ou está todo mundo de acordo?

Um coro de — sim — soou em torno da mesa. Brick bateu o martelo de madeira polida em um disco correspondente. Os membros do clube se levantaram para sair.

— Uma palavra, Mute? — Perguntou Brick.

Mute olhou para ele e se preparou, já sabendo sobre o que seria a conversa.

— Vi você se agarrando ontem à noite com Kat. Normalmente não entro no negócio de outro irmão e não vou fazer isso agora, mas preciso saber por Betsey, você está fazendo uma reivindicação?

Mute olhou nos olhos de seu presidente e mentor e moveu a cabeça para cima e para baixo uma vez.

Brick sorriu. — Ela já sabe?

A cabeça de Mute moveu-se de um lado para o outro.

A boca de Brick se abriu em um sorriso largo e ele gargalhou. —
Acha que pode convencê-la?

Desta vez, Mute deu um de seus raros sorrisos.

Brick deu um tapinha nas costas dele e caiu na gargalhada. —
Esse é o meu garoto!

CAPÍTULO 12

Acordei devagar, me espreguiçando como um gato. Eu tive que rir um pouco com a analogia. A luz do sol do final da manhã refletia listras sobre o leito desarrumado. Sentei-me, sentindo-me dolorida em lugares que normalmente não sentia ou pensava. Mute me puxou várias vezes durante a noite, fazendo amor comigo com ternura a cada vez, levando-me a uma realização que eu nunca havia experimentado antes. Só de lembrar a maneira como ele me tocou, como se eu fosse um tesouro que ele encontrou, trouxe um brilho quente para o meu peito. Eu li o bilhete que ele me deixou sobre sua participação na reunião da igreja de motoqueiros. Eu sabia que era uma reunião séria e que o clube precisaria do máximo de apoio possível.

Entrei no banheiro para fazer minhas coisas e tomar um banho. Havia apenas uma toalha, ligeiramente úmida do banho de Mute antes. O sabonete e o shampoo também eram dele e tinham um cheiro muito masculino. Eu inalei o cheiro, e não pude deixar de abrir um sorriso bobo, como uma adolescente experimentando sua primeira paixão. Ele havia trazido algumas mudas extras de roupa e alguns de meus produtos de higiene pessoal, então eu tinha meu próprio xampu, sabonete líquido e escova de dente.

Eu entrei no jato quente, apenas deixando-o correr sobre minha cabeça e rosto enquanto me encostava nos ladrilhos de cor creme. Meus pensamentos estavam uma bagunça confusa. Parte de mim estava emocionada, influenciada pelos óculos cor-de-rosa do novo romance. O sonho de marido, filhos e uma cerca branca ao redor de uma casa aconchegante era algo que achei que nunca teria, e na verdade, não era exatamente o futuro que eu poderia imaginar com um motoqueiro. Mas a realidade era que este clube era uma família sólida e leal uns aos outros, outra coisa que achei que nunca teria, mas era mais real para mim do que a versão de Hollywood de uma família feliz. Alguém sempre me protegeria. Eu queria isso. Eu queria muito.

Parte de mim estava morrendo de medo de que tudo isso fosse

um sonho, uma ilusão na qual eu nunca me encaixaria de verdade, que desapareceria assim que Mute decidisse que não estava mais interessado. Eu não sabia o que esperar e a incerteza estava me matando. Eu não poderia mais ser invisível. Mute cuidou disso na noite passada. As pessoas sabiam meu nome. Eu fiz amigos, bons amigos. Se tudo isso desaparecesse, eu seria capaz de lidar com voltar a ser invisível novamente?

Eu ouvi um clique e olhei para trás. A igreja acabou. Mute havia entrado no banheiro e estava tirando a roupa. Minha boca ficou seca e me virei para encará-lo. Achei que nunca me cansaria de olhar para o corpo dele. Seu peito era largo e forte, e ele tinha abdominais perfeitamente delineadas. Braços fortes, pernas fortes, homem forte. Suas tatuagens coloridas se destacavam em seus braços, ombros e peito. Sem piercings, a não ser na orelha. Eu encarei a junção de suas coxas, onde seu pênis se projetava duro, cheio e pronto.

Ele abriu a porta de vidro transparente e entrou no box enorme. Ele pairou sobre mim, colocando as mãos em cada lado dos meus ombros. Meus seios se contraíram e meu sexo começou a pulsar.

— Eu pensei que você já tivesse tomado banho, — eu disse, nem um pouco intimidada por ele, minha voz rouca.

Ele sorriu e deixou a cascata de spray cair sobre sua cabeça enquanto se inclinava para me beijar. Ele tinha um gosto vago de café quando deslizou sua língua dentro da minha boca. Um momento depois, suas mãos estavam em meus seios, levantando e massageando, escovando seus polegares para frente e para trás sobre meus mamilos sensíveis.

— Alec, — eu suspirei, passando minhas mãos sobre seu peito, deslizando pelos riachos de água. Eu belisquei seus mamilos enquanto ele puxava os meus. Ele saltou um pouco. Eu me tornei mais ousada, deslizando sobre suas costelas até que o tivesse em minha mão, acariciando seu comprimento e segurando seu saco pesado. O poder que eu tinha sobre ele era inebriante, mas ainda não tinha certeza. Eu não queria ir muito longe.

Não precisei me preocupar por muito tempo enquanto ele me levantava contra a parede e deslizava para dentro de mim. Eu estava dolorida, mas ainda o queria lá. Ele se encaixava perfeitamente em mim, como se pertencesse a esse lugar. Seus quadris se cravaram em mim, me levando mais alto, me enchendo. Os azulejos frios contra minhas costas, a água quente em cascata ao nosso redor e o homem duro e quente dentro de mim era demais. Gozei forte com seu nome em meus lábios.

Ele continuou empurrando para dentro e para fora do meu corpo. Quando seu aperto em mim aumentou, eu sabia que ele estava perto. Ele saiu de dentro de mim e gozou no meu estômago, seu pau pulsando com cada jato.

Descansamos por um momento, respirando com dificuldade.

— Bom dia para você também! — Eu declarei, sorrindo para ele. Ele deu sua risada grunhida, e não pude deixar de pensar que era para mim. Só minha.

Ele lavou meu cabelo, cravando seus dedos em meu couro cabeludo. Eu o deixei fazer isso, aproveitando cada minuto. Ele espalhou o condicionador e o penteou, acariciando o comprimento. Ele pegou minha esponja de banho e lavou meu corpo, dando atenção especial aos meus seios e pernas. Eu o deixei fazer isso também. A água começou a esfriar e nós dois estávamos ficando enrugados antes de ele nos tirar e nos secar com a toalha um tanto úmida. Ele insistiu em nos embrulhar no edredom e ir para a cama, embora meu cabelo ainda estivesse molhado. Ele me deitou de costas, enrolado ao meu lado. Seus braços me envolveram, e aqueles sentimentos de proteção e segurança também.

Isso era estranho para mim. Mesmo estando quente e segura em seus braços, ainda estava insegura e com medo. Eu sabia que ele não me machucaria fisicamente. Os membros do clube protegiam mulheres e crianças, aconteça o que acontecer. Mesmo as mulheres do clube como Donna e Nikki estavam seguras aqui. O que eu estava com medo era se me acostumaria demais com esse sentimento e ele seria

arrancado de mim. Mute tinha mudado completamente de um motoqueiro durão e rude para este amante maravilhoso, generoso e gentil, e eu estava tendo dificuldade em descobrir qual deles era real.

Não arrisquei muito na minha vida. Eu tinha visto muitas pessoas se machucarem correndo riscos. Espíritos quebrados, corações quebrados e corpos quebrados se espalharam por esses caminhos, e nunca quis que isso acontecesse comigo. Minhas famílias adotivas cuidaram de mim, mas ainda era a filha adotiva, o extra que poderia ser removido se necessário. Se algum dia eu comesse a me preocupar com essas pessoas, me machucaria quando fosse transferida para uma casa diferente e o processo recomeçasse. Millie foi a única que realmente me deu uma chance. Quando a assistente social veio me levar embora, ela me disse que, enquanto estivesse viva, eu teria um lar para onde ir, não importa o quê. Eu tinha isso de novo, aqui com este clube? Aqui com Mute? Eu poderia arriscar meu coração novamente?

Mute se moveu, pegou seu telefone na mesa de cabeceira e começou a digitar, posicionando o dispositivo para que eu pudesse ver as palavras aparecerem na tela brilhante.

Mute: O que há de errado?

Eu não tinha percebido que tinha começado a chorar. Grandes lágrimas escorriam dos meus olhos, quase me cegando.

— Nada, estou bem. Eu estarei bem em um minuto. — Minha voz tremeu.

Mute: O que está te fazendo chorar? Fale comigo.

— Eu estou apenas... Eu vou ficar bem. — Limpei a umidade do rosto e tentei prender a respiração para mantê-la dentro.

Mute: Fale comigo Kat

— Mute, estou bem. — Minha respiração engatou e eu lutei mais ainda.

Mute: Nesta sala sou Alec. Fale comigo.

— Por favor, Alec, vou ficar bem. — Eu não estava bem. Eu estava perdendo o controle.

Mute: Baby, fale comigo. Por favor.

Não sabia se foi o “baby” ou o “por favor” o causador, mas a barragem estourou. Eu soltei tudo e com um grito estrangulado, enterrei meu rosto em seu peito. Todas as emoções que estive contendo por meses vieram em grandes soluços. Eu não conseguia mais segurar. Alec me segurou o tempo todo, plantando beijos suaves na minha cabeça ainda molhada.

Quando o dilúvio diminuiu, ele me entregou um lenço de papel para limpar o rosto e o nariz escorrendo. Corei de vergonha com a bagunça que deixei em seu peito e o limpei também.

— Eu sinto muito. Eu não faço muito isso. — Eu acenei com a mão em meu rosto.

Mute: eu sei. Tudo bem. Fale comigo.

Eu hesitei. Seus olhos estavam sérios, suas mãos carinhosas eram quentes.

— Estou com medo, — eu soltei. — Não apenas com medo, estou apavorada. Muita coisa aconteceu. O clube. O bar de Betsey. Nós. —

Minha voz enfraqueceu. — Não sei como lidar com tudo isso e não quero que ninguém se machuque. — *Especialmente eu*, acrescentei silenciosamente.

Mute: Não precisamos descobrir isso hoje. Muita coisa está acontecendo com o clube e conosco. Deixe isso assim por enquanto e podemos lidar quando precisarmos. Betsey precisa de muito por um tempo, então não se preocupe com o trabalho, tenho bastante dessa merda.

Eu balancei a cabeça, bem no momento. Isso não era muito diferente da maneira como eu lidava com a maioria das bagunças da minha vida. Passei por isso e sobrevivi. Se tudo desaparecesse amanhã, eu ainda estaria respirando. Triste e magoada, mas respirando.

Mute: não chore mais.

Quando entramos na sala principal, algumas pessoas aplaudiram. Eu corei da cabeça aos pés, tanto de vergonha quanto de cautela. Um rápido olhar para o homem parado ao meu lado me disse que ele não era mais o doce e atencioso Alec que conheci no quarto. Ele estava de volta a ser o rígido sargento de armas Mute. Isso também significava que ele começaria a me tratar como uma pária em público novamente?

Ele dissipou esse pensamento puxando meu pescoço para trás e me beijando completamente na frente de todos. Eu ouvi a sala se encher de gritos, assobios e mais aplausos enquanto Mute enchia minha boca com sua língua. Não havia nenhuma dúvida para ninguém que ele estava me reivindicando. Eu agora era oficialmente a Old Lady de Mute.

Meu corpo começou a pulsar de necessidade e fiquei chocada por

ainda poder querer mais, mesmo depois de uma noite e uma manhã cheia de intimidade. Mute me soltou e apontou para a cozinha onde Betsey e Tambre estavam trabalhando.

— *Vá ajudar. Betsey precisa de você. Tenho coisas para fazer. Te mando mensagem mais tarde sobre os planos.*

Sorri, pensando que talvez pudesse encontrar trabalho como leitora de mentes. Mute franziu a testa e eu quase ri enquanto ele tentava voltar à sua personalidade Mute. Não ajudaria em sua imagem de super durão me fazer rir de sua carranca familiar.

Betsey estava tirando do forno duas travessas de vidro cheias de caçarolas fumegantes de café da manhã e Tambre estava polvilhando glacê em várias outras com pãezinhos de canela quentes e frescos. Donna estava carregando a enorme máquina de lavar louça com os pratos do café da manhã que as crianças haviam usado.

— Não vejo por que não podemos usar pratos de papel, — Donna reclamou quando entrei. Ela congelou ao me ver, imitando um cervo nos faróis.

Betsey suspirou e explicou com voz irritada: — Pela enésima vez, as latas de lixo já estão transbordando. Um grupo desse tamanho poderia enchê-las duas vezes com lixo, e não temos uma grande lixeira aqui. O caminhão de lixo não consegue subir a colina, e não terei uma lixeira do clube no começo da estrada. Parece cafona! Não podemos empilhar sacos porque temos bichos lá fora, que podem entrar neles e fazer uma bagunça maior. Tenho que levar o lixo no caminhão utilitário para a lixeira do bar para me livrar dele e não vou perder mais tempo com isso do que o necessário.

Ela fez uma pausa, seus olhos ficando úmidos. — Provavelmente tudo o que sobrou do meu bar é aquela lixeira. Espero que ainda esteja lá.

Senti meu nariz formigar em resposta à dor dela, mas era hora de quebrar a tensão e eu sabia exatamente como fazer isso.

— Bom dia, Betsey. Parece que perdi a primeira corrida. O que

posso fazer para ajudar?

O rosto da mulher mais velha se iluminou e suas lágrimas desapareceram. Ela colocou as assadeiras perfumadas no fogão e me abraçou, seus braços ainda envoltos em luvas de forno que iam até os cotovelos. — Woo-hoo, garota! Já era hora de você aparecer. Eu estava me perguntando quando Mute a deixaria tomar um pouco de ar! Bom para você! Estou esperando séculos para aquele menino se estabelecer.

Donna não gostou da exuberância de Betsey, e Betsey não deu atenção a ela. Ela terminou de carregar a máquina de lavar louça e saiu, sem se preocupar em limpar a bancada.

Betsey começou a recitar pensamentos e planos aleatórios, sua dor esquecida por um momento. — Brick já me disse que o bloqueio vai ser brando, já que temos gente que ainda precisa organizar a família e subir para cá. Assim que o fizerem, o complexo será totalmente fechado à noite e sem entrada de ninguém que não conhecemos, provavelmente até amanhã à noite, mas talvez mais. Os suprimentos precisam ser resolvidos antes disso. Brick vai manter assim por alguns dias ou até que o chefe dos bombeiros confirme o que aconteceu. Tenho que sentar com Stud e Mute e revisar as contas do bar. Stud diz que mantém registros em algo chamado nuvem. Não sei o que é toda essa bagunça, mas Stud sabe tudo sobre essa coisa da internet!

Comecei a limpar o que Donna havia deixado. Betsey continuou. — Estou feliz que ele esteja fazendo os livros. Se eu tivesse toda a papelada armazenada no bar, estaríamos em apuros agora! Kat, você manteve os registros de inventário com Stud sobre o bar, certo?

Eu balancei a cabeça e disse sim ao mesmo tempo.

— Bom. Um obstáculo a menos para lidar. Tenho que ligar para a seguradora hoje. Brick ou Stud já podem ter feito isso, mas é melhor eu checar. Vou precisar de você, Kat, para fazer mais por aqui, se puder. Jonelle está na reabilitação de novo, maldita mulher! Eu tenho que manter meus netos depois da escola todos os dias agora pelas

próximas seis semanas. Talvez mais. Eu os terei aqui na maior parte do tempo, mas não todas as noites. Lição de casa, projetos escolares e agora Shells está falando sobre ginástica ou cambalhota ou dança ou algo parecido. Senhor tenha piedade! Estou prestes a explodir!

Ela agarrou suas costas e se espreguiçou. Eu podia ouvir o barulho do outro lado da sala. — É isso, terminei. Tambre, você pode dizer aos meninos que este é o último conjunto de caçarolas que farei hoje? Que venham buscá-lo ou sirvam-se eles mesmo! Eu e Kat vamos nos sentar.

Servi duas xícaras de café e acrescentei o creme de leite e açúcar que sabia que Betsey preferia. Nós nos acomodamos em uma mesa de bistrô de canto. Betsey suspirou alto ao se sentar.

— Ohhh, isso é bom! Estou de pé há tanto tempo esta manhã que esqueci meus joelhos dobrados dessa maneira!

Uma pontada de culpa me atingiu quando me lembrei do que estava fazendo esta manhã, quando poderia estar ajudando a mulher mais velha.

— Lamento não estar aqui antes, Betsey. Se você precisar de mim, tudo o que precisa fazer é pedir e estarei aqui.

— Não, não, querida, você estava exatamente onde precisava estar. Eu tenho esperado muito tempo por isso. Mute é um bom homem e precisa de uma boa mulher. Não só precisa de uma, ele merece uma.

Ela se recostou na cadeira e eu me preparei para uma riqueza de conhecimentos sobre Betsey.

— Eu vi a maioria desses meninos crescer e parece que eles são meus. Quando eles sentem dor, eu sofro, e quando eles estão bem, eu estou bem. A mãe de Mute não era uma boa pessoa. Ela era bêbada e má. Ela tentou de verdade e se deu muito bem quando ele era bebê, levou a maternidade a sério por um tempo, mas a bebida a chamou de volta. A primeira vez que o vi menino, ele vestia roupas esfarrapadas que não cabiam nele e estava com fome. Senhor tenha piedade! Não

há nada pior neste mundo do que olhar para uma criança faminta. Ele começou a voltar para casa com Blue depois do jardim de infância e continuou vindo durante toda a escola. Eu o alimentei e ajudei e me matava que ele ainda tivesse que ir para casa com ela todas as noites.

— Só Deus sabe o que viu quando criança. Ele cresceu com raiva do mundo, e quero dizer raiva! Costumava provocar brigas na escola, enfrentar os professores, causar tantos problemas quanto podia. Levei-o ao médico para costurá-lo mais de uma vez em uma briga. Em meio a toda essa bagunça, ele sempre foi bom para mim, bom para o clube. Brick e eu queríamos trazê-lo para casa, mas legalmente ele não era nosso e era jovem demais para ser prospecto naquela época. Eu queria comunicar o CPS, você sabe, o Serviço de Proteção à Criança, mas ele não queria isso. Acho que ele queria estar na nossa família, quer fôssemos apenas nós ou a família do clube, mas ele sempre se sentiu indigno, como se fosse sujo ou algo assim.

— No minuto em que ele fez dezoito anos, ele deu o fora daqui. Mudou-se para Atlanta. Brick e eu não ouvimos falar dele por mais de um ano, até que o hospital de lá ligou para falar de sua garganta. Fiz o que sempre faço por um dos meus meninos. Entrei na caminhonete e trouxe meu filho para casa. Ainda me lembro de ter olhado para ele naquela cama, todos os tipos de tubos e agulhas e máquinas bipando. Ele estava acordado e sabia o que havia acontecido com ele. Ele sabia que nunca mais falaria, mas estava vivo e pelos cabelos nas bolas de Jeová, ele estava voltando para casa!

A voz de Betsey falhou enquanto ela compartilhava sobre Mute, tão seu filho quanto Blue. A ferocidade dessa mulher por sua família era incrível.

— Ele está aqui desde então. Mute é um dos irmãos mais leais do clube. Ele ama por muito tempo e ama muito e ama de forma completa, mas ele não ama com facilidade. Eu sempre disse que quando ele cair, será apenas uma vez, e a mulher que finalmente o pegar terá sua devoção total. Ele vai gastar cada minuto do resto de sua vida para dar a ela o mundo e fazê-la feliz. Nunca o vi assim com qualquer outra mulher, Kat. Aquela garota Maya mexeu com sua

cabeça e seu coração, mas ele nunca sentiu por ela o que sente por você. Eu acho que ele caiu e caiu até o fim. Eu acho que você também, mas por favor, tenha cuidado com meu filho.

Eu não pude evitar. Eu me levantei e a abracei.

— Não importa o que ele diga ou faça, Kat, ele é um bom homem, — sussurrou ela. — Por favor, dê uma chance a ele.

Não tive chance de responder, pois a cozinha de repente se encheu de mais bocas de crianças famintas.

— Senhor, tenha piedade, crianças! Parem de agir como uma matilha de lobos e entrem na fila! Há muito para todos. — Betsey gritou ordens como um sargento de treinamento do exército, e eu ri deles entrando em linha reta e se alinhando. Ela mentiu. Ela faria mais caçarolas se fossem necessárias.

CAPÍTULO 13

Passei o resto do dia vagando pelo chalé, ajudando a entreter as crianças e controlando a bagunça que tantas pessoas inevitavelmente deixavam, não importa quão organizadas tentassem ser. Mackie estava se divertindo, contando mais histórias de guerra e brincando com as crianças. Elas tentavam ensiná-lo a operar os controles do videogame, mas com uma mão era bem difícil. Uma das crianças mais velhas segurou-o sobre uma mesa enquanto Mackie acionava os botões de várias direções como um joystick. Seu pescoço se contraiu, mas sua mão mal tremia. Eles estavam jogando o jogo de corrida popular Mario Kart, e a sala principal estava cheia de crianças gritando encorajamento e os palavrões criativos de Mackie.

— Droga! Volte para a estrada, seu idiota! Filho da mãe - ah, comedor de brócolis!

Betsey e eu preparamos e distribuímos bandejas de frios, pães, vegetais crus e uma grande tigela de batatas fritas. As pessoas apenas se ajudavam quando queriam alguma coisa.

Os homens do clube entravam e saíam. Houve outra reunião da igreja no final da tarde. Mute entrou pouco antes de começar, procurando-me primeiro e envolvendo-me em seu abraço pesado e quente antes de subir as escadas.

— Você está com fome? Vou preparar um sanduíche para você, se quiser? — Murmurei de dentro de seu aperto, meus próprios braços circulando sua cintura.

Ele balançou a cabeça e mexeu os dedos.

— *Mais tarde.*

Mais tarde significava muito mais tarde. O sol tocou no horizonte, e a maioria das famílias retirou-se para os chalés para mais uma noite, pois muitas pessoas se sentiam mais seguras ficando aqui por enquanto. Mackie vagou para seu quarto, obviamente exausto do dia,

mas brilhando de felicidade. Essa situação de bloqueio suave, apesar do motivo, era boa para ele. Uma das crianças o apelidou de “Big Daddy Mack”, e ele declarou que alguém precisava comprar para ele um moletom com seu novo apelido.

Voltei para o quarto de Mute e tirei a roupa, colocando uma das camisetas pretas surradas de Mute. Enrolei-me na cama e peguei meu laptop com a intenção de estudar um pouco. Eu tinha mais uma semana até o meu último semestre começar, e deveria ficar mais horas no hospital. A enfermeira chefe já dizia que eu teria um emprego de tempo integral quando me formasse se pudesse manter meu GPA, e o novo estágio teria algumas horas remuneradas também. Já que morar com Mackie havia reduzido minhas despesas a praticamente nada, a perda do emprego no bar não me afetaria muito financeiramente, mas eu não sabia como isso afetaria Betsey e o clube. Brick parecia estar com as coisas sob controle, porém, e a sensação geral que obtive de ambos foi que o clube estava bem de dinheiro e sobreviveria.

Acabei adormecendo e acordei quando a porta se abriu. Com os olhos turvos, olhei para cima para ver Mute parado na porta. Não, não era Mute, era Alec. Eu poderia dizer pela maneira como ele olhou para mim. Seu olhar era mais suave e íntimo do que quando ele era Mute.

Ele também parecia incerto, como se algo estivesse pesando muito sobre ele. Ele tinha um maço de papéis amarelos de bloco de notas na mão. Ele os entregou para mim e foi para o banheiro, tirando a camisa ao sair e jogando-a na cadeira. Eu ouvi o chuveiro ligar.

O maço de papéis foi realmente rasgado de um bloco de notas, uma carta manuscrita de Mute.

Querida Kat,

Eu escrevi isso hoje para você. Espero que, ao ler, saiba realmente o que estou tentando dizer. Tenho medo de que, quando você me conhecer mais, vá embora, mas espero que não. Eu ainda tenho que ser honesto com você. Você é o tipo de mulher que precisa disso e sinto que devo ser assim com você.

Eu não sou um bom homem. Eu fiz coisas ruins e magoei pessoas. Eu não sou um homem inteligente. Só terminei o ensino médio, principalmente porque Betsey e Brick me obrigaram. Eu sou um alcoólatra. Eu cresci com um e me tornei um. Eu não faço essas reuniões de que você ouve falar. Eu simplesmente não bebo mais. Você já viu o que acontece quando o faço. Eu conheço motos e bares e sei como fazer funcionar. Eu não namoro. Eu não compro flores ou doces ou jantares românticos ou caminhadas na praia ao luar ou coisas assim. Não sei como. O que eu sei é que você recebe o que vê. Nada mais. Minhas necessidades são simples e gosto disso. Estou nesta terra há trinta e seis anos e não pretendo mudar.

Eu tentei ficar longe de você. Eu tentei te ignorar. Eu tentei fazê-la se sentir mal. Eu tentei de todas as maneiras que posso pensar para afastá-la, mas não consigo mais. Eu sei que você acha que consegue ficar invisível. Eu te vi tentar ficar fora da luz, mas o seu brilho é muito forte. Quando estou com você quero ser aquele cara. Aquele que compra as flores e aquela outra merda. Eu quero fazer mais do que entender motos e bares e fazer funcionar. Você me faz sentir coisas que não tenho o direito de sentir ou querer. Você me torna o homem que eu deveria ser. Não me sinto assim em relação a outras mulheres. Só você.

Eu quero que você esteja em meus braços quando acordarmos de manhã. Quero senti-la ao meu lado quando formos para a cama à noite. Eu quero que você vá atrás de mim na minha moto. Eu quero vê-la espalhada na minha cama para mim. Eu quero que você use o meu patch que diz que você é minha old lady e eu sou seu, assim como Betsey e Brick. Eu não sou um bom homem. Não sei o que é o amor ou como deve ser sentido. Eu pensei que tinha sentido antes, mas não é como agora. Eu não posso dizer isso em voz baixa para você, mesmo que pudesse falar, mas se você conseguir encontrar o seu caminho para ser minha old lady, eu te darei tudo de mim. Tudo o que sou para cada minuto do resto da sua vida.

Mute ainda estava no chuveiro quando terminei sua carta. A gramática era áspera, a ortografia criativa e a pontuação apenas sugerida. Ele deve ter levado horas para escrever com base na quantidade de linhas riscadas e reescritas. Ainda assim, foi perfeito.

Saí da cama, tirei a camiseta que estava usando e joguei em cima da que Mute havia jogado na cadeira antes. Deixei minha calcinha na porta do banheiro e entrei na sala cheia de vapor. Mute estava sob o spray, água quente escorrendo por seu corpo magnífico. Ele me observou quando abri a porta do chuveiro e fui até ele. Seus braços subiram e ele me esmagou ferozmente em seu corpo escorregadio. Eu passei meus braços em volta dele tão longe e apertado quanto pude. Ficamos assim pelo que pareceu um longo tempo, apenas segurando um ao outro, mantendo-nos próximos o suficiente para nos fundirmos em uma pessoa. Eu podia sentir seu coração batendo forte como se ele tivesse participado de uma corrida. Escrever uma carta como aquela, expressando seus sentimentos, não era da natureza de Mute, e o risco que ele correu comigo foi monumental. Apesar de toda a sua massa e personalidade durona, ele ainda era capaz de se machucar, e só eu tinha esse poder.

— Eu te amo, — eu sussurrei em seu peito enquanto deslizava de joelhos. O chuveiro estava se tornando um dos meus lugares favoritos. Não importa como entrávamos nele, sempre saíamos limpos.

Eu o deslizei em minha boca o mais longe que pude levá-lo, seu sabor almiscarado rico em minha língua. Eu o chupei, usando minha mão para acariciar o que minha boca não conseguia. Ele se inclinou para trás com um gemido e me deixou agradá-lo no meu próprio ritmo. Seus dedos correram pelo meu cabelo molhado enquanto minha cabeça balançava entre suas pernas. Ele me puxou, mas eu estava determinada a ficar onde estava e, quando ele gozou, engoli tudo o que ele me deu.

Mais tarde, quando estávamos secos e na cama, ele se enrolou em volta de mim, me segurando no abrigo de seu corpo. Ele realmente não precisava dizer as palavras, mesmo que pudesse em voz alta. Eu podia ouvir na minha cabeça.

— *Eu também te amo.*

CAPÍTULO 14

Segui para o Lair, pretendendo apenas deixar o clube pronto para a chegada dos membros no final da tarde. O texto que Mute havia enviado era para que o bloqueio de emergência ficasse sólido naquela noite, e agora que eu sabia o que isso significava, precisava ajudar a prepará-lo para a quantidade e pessoas que chegaria em breve. O prédio estava mortalmente silencioso e, mesmo à luz do dia, parecia assustador. Não era muito comum que o chalé ficasse vazio, mas com todos os membros trabalhando, fazendo tarefas ou perseguindo esses traficantes misteriosos, não era surpreendente. Betsey e Tambre estavam juntando brinquedos e outras coisas. Molly estava passando o tempo no escritório do xerife, tanto para trabalhar quanto para obter informações. O Lair era considerado o mais seguro de toda as sedes do clube, mas eu ainda estava feliz por ter Mackie comigo.

— Vou me acomodar aqui e ver se consigo pegar um jogo ou três, — ele grunhiu. Ele estava tendo um de seus dias bons, mas ainda assim o estresse de tudo o que estava acontecendo transparecia em seu rosto enrugado.

— Sem problemas, Mackie. Quer alguma coisa? Preciso fazer um balanço da cozinha, bem como da bebida, e mandar uma mensagem para Betsey antes que ela termine na Costco. Brick acha que vai ser outro fim de semana inteiro, e você sabe como Betsey é.

Mackie soltou um meio gemido, meio riso enquanto se jogava em um dos sofás de veludo.

— Sim, eu sei. Ela terá um belo ataque de choro se não houver papel higiênico suficiente. Eu te digo, colega, mal posso esperar até Mute ou quem quer que seja os pegue, filhos da puta. Estou ficando cansado de eles bagunçarem meu povo. Pegue alguns gelados para mim antes de começar a fazer as coisas, ok?

— O que vai ser? — Eu sorri com nossa piada interna.

— Misture-os! — ele declarou, rindo novamente e ligando a

grande TV à ESPN.

Trouxe para ele as duas primeiras garrafas geladas que minhas mãos pegaram do refrigerador, beijei sua bochecha grisalha e fui para o depósito dos fundos para contar rolos de papel higiênico e fazer um inventário de outras necessidades.

Eu estava na metade do segundo conjunto de prateleiras quando ouvi um grito raivoso e um baque. Meu primeiro pensamento foi que Mackie estava xingando a TV, mas então ouvi uma risada estridente e meu coração parou. Corri pelo corredor até a sala principal e congelei de horror. Mackie estava deitado no chão, sangue escorrendo de um corte na cabeça. Joker estava parado perto dele, rindo e dançando. Box estava com ele, um taco de beisebol na mão.

Eu gritei, e nem mesmo considerando o perigo que corria, corri para o lado de Mackie, automaticamente sentindo o pulso e verificando seus outros sinais vitais.

Joker parou de rir.

— Bem, bem, bem! Olhe aqui, Box. Eu pensei que iríamos encontrar a rainha, mas em vez disso, pegamos a gatinha! — ele disse em sua voz cantante.

— O que você fez? — Eu gritei, colocando pressão no ferimento na cabeça de Mackie. Elas tendiam a sangrar muito de qualquer maneira, mas um golpe de um taco de beisebol poderia ser fatal, especialmente para alguém com a condição de Mackie.

— Era para pegar a rainha, — disse Box, confuso. — A rainha deveria estar aqui. — Ele nunca me impressionou com seu cérebro poderoso.

Joker deu uma risadinha. — Não. Nenhuma rainha hoje, mas isso ainda é bom! Temos a mais nova princesa do clube, a Old Lady do Mute. Em vez disso, vamos levá-la, ainda terá o mesmo efeito, mas melhor para mim!

Ele puxou minha cabeça para trás pelo meu cabelo e eu gritei de dor.

— Eu vou foder a pequena Pussy Kat do Mute. Vou foder cru e quando terminar, vou passar para o resto da gangue foder. Quando eles terminarem, vou foder sua bunda!

Box coçou a cabeça e uma pequena chuva de caspa flutuou em seus ombros. — Mas eu achei que Prez queria a rainha?

A mão de Joker apertou meu cabelo. Ele estava claramente irritado com a mente turva de Box. Eu choraminguei, mas ele não me soltou.

— Prez não sabe nada sobre isso, seu idiota! Foi ideia minha! Minha chamada para fazer. Betsey-a-rainha teria sido bom, mas esta é melhor. Eu posso fazer os Dragons sofrerem, mas especialmente aquela aberração idiota do Mute! Pegar a mulher dele vai quase matar o bastardo! — Ele gargalhou alegremente.

Olhei para Mackie, ainda no chão. O fluxo de sangue diminuiu, mas não parou completamente. — Por favor, Joker! Deixe-me cuidar de Mackie. Ele está doente e precisa de ajuda.

Joker deu uma risadinha. Isso mesmo, ele riu com uma voz estridente de filme de terror. — Aww! Não é fofo, Box? A Pussy Kat quer brincar de babá para um velho seco. Desculpe, vadia! Não vai acontecer!

— Por que você está fazendo isso? Esses homens são seus irmãos! — Eu engasguei em uma tentativa desesperada de raciocinar com ele.

— Irmãos? Sua boceta estúpida! Esses idiotas nunca foram meus irmãos! Eles traíram meu pai! Agora eles vão pagar!

Eu tive apenas um momento antes que um punho viesse voando em meu rosto, e então não vi mais nada.

CAPÍTULO 15

Mute empurrou o homem magro contra a parede áspera do beco e se esforçou para não respirar os gases tóxicos que ele estava ofegando. Seus olhos estavam selvagens, as pupilas dilatadas com o veneno que ele colocou em seu corpo. Era fácil dizer sua preferência pela cor desagradável de suas gengivas e dentes escurecidos. Brick e Dodge, um membro recém-remendado, observaram enquanto Mute segurava a cabeça do viciado em pânico.

— Onde você conseguiu e quem vendeu para você? — Brick entou, sua voz ficando gelada.

O homem guinchou. — Eu não tenho nada! Deixe-me ir!

Brick ficou ainda mais frio. — Eu lhe fiz uma pergunta. Onde você conseguiu e quem vendeu para você?

— Eu não tenho nada agora! Vocês estão me testando? Eu paguei!

Brick caiu abaixo de zero. — Vou perguntar uma última vez e é melhor ter uma resposta. Onde você conseguiu e quem vendeu para você?

— Não sei o nome dele, cara! Foi aquele de cabelo verde! Se vocês foram roubados, foi ele! Não eu!

Brick piscou, seu rosto duro ficando mais duro. — O que você quer dizer com cabelo verde?

— O cara do moicano verde, cara! Ele é o que tem a merda! Eu dei o dinheiro para ele.

Todos os três Dragon Runners congelaram quando a temperatura caiu repentinamente. Os olhos de Mute quase brilharam com uma raiva mal contida. Dodge olhou para Brick com a boca apertada.

Brick olhou para o viciado em voz baixa e fria. — Você está me dizendo que comprou essa porcaria de um cara usando um colete dos Dragon Runner?

— Sim cara! — Os olhos do viciado dispararam ao redor vertiginosamente. — O cara de cabelo verde. Ele estava com outro cara. Logotipo diferente, você sabe, mas eles estavam conversando. Eu os ouvi falar sobre explodir um prédio e eles estavam rindo disso. Disse que tinha um plano. Eu paguei o que eles pediram! Eu não fodi com você!

Dodge falou em choque. — Joker é um traidor.

A voz de Brick tornou-se glacial. — Como era o outro patch?

— Huh?

Brick perdeu toda a paciência e rugiu. — *Como era o símbolo!*

O drogado guinchou e tentou se encolher na parede. — Era meio parecido com o seu, mas tinha uma cabeça de cavalo estranha.

Dodge respirou fundo. — São os Dead Knights, certo. Eu entendo que eles querem assumir o controle da Tail há décadas. São eles tentando de novo e se sujando com isso colocando drogas em nossa cidade. Essa é a única coisa que eles sabem que iniciaria uma guerra. Deixa um clube no comando e um clube morto.

Seu telefone tocou e ele parou para atender.

Mute rangeu os dentes, ansioso para quebrar alguma coisa. Estava com a mente estilhaçada. Apesar das diferenças que ele tinha com o Joker, a ideia do homem sorridente e risonho, sempre certo de que seria bem-vindo ao Lair, vindo entre aqueles que ele chamava de irmãos apenas para traí-los da pior maneira possível, era mais do que ele poderia suportar. Sua mão apertou a garganta do drogado, querendo desesperadamente esmagá-la. O homem guinchou novamente com a pressão repentina, e agarrou os dedos grossos em torno de seu pescoço fino.

— Calma, irmão. Acho que temos outros negócios para cuidar, principalmente encontrar aquele filho da puta, — Dodge disse em um rosnado. Ele se virou para Brick. — Nós temos que ir para a sede do clube, chefe. Tambre está tentando entrar em contato conosco, mas seu telefone está mudo ou no modo silencioso. Mackie foi ferido e Kat

está desaparecida. Mackie recebeu uma boa surra, mas está acordado e capaz de falar. Diz que foi o Joker e seu amigo Box que fizeram isso.

Mute sentiu a raiva crescer dentro dele. Sua linda Kat. Sua old lady. Alguém a tocou. Alguém a machucou. Alguém machucou Mackie. Ele não conseguiu se conter. Ele puxou o homem que lutava da parede e o jogou no chão. Ele se levantou, a cabeça para trás, os punhos erguidos e cerrados com força. Sua boca se abriu e uma explosão rugiu de sua garganta destrocada, desumana e demoníaca em seu poder.

Dodge deu vários passos para trás, os olhos arregalados de medo repentino.

Brick ficou em silêncio enquanto Mute soltou, o terrível grito ecoando ao redor deles. A imobilidade da postura do presidente do clube era ainda mais aterrorizante do que a fúria incandescente de Mute. Algo estava se desenrolando, preparando-se para atacar. O homem risonho que fazia o papel de Papai Noel para crianças não muito tempo atrás havia sumido. Quando ele falou, pingentes de gelo se formaram com suas palavras. — Nós sabemos quem fez isso e por quê. Apenas uma escolha agora, desde que eles entraram em nossa casa assim. As regras dizem que temos que votar, mas já sabemos o que vai ser. O bloqueio está de volta. Encontre os meninos. Todos eles. Diga a eles que o dragão está acordado e vai caçar.

CAPÍTULO 16

Acordei lenta e dolorosamente com música alta e gritos. Meu rosto latejava onde Joker havia me atingido. Eu estava amarrada e amordaçada, e deitada em um sofá gasto que cheirava a suor azedo e outras coisas que eu não queria pensar. Minha garganta estava queimando de vontade de vomitar. *Não se mexa. Não respire, fique invisível.* Eu puxei minha capa familiar em volta de mim e olhei ao redor sem alertar ninguém que estava acordada. Eu absorvi tanto quanto minha visão limitada permitia.

Isso era o que eu esperava de um clube de motoqueiro. Móveis quebrados e incompatíveis, garrafas de cerveja, bitucas de cigarro e outros tipos de lixo em todas as superfícies, pôsteres que pareciam ter páginas centrais rasgadas de revistas pornográficas. As mulheres estavam quase nuas, de topless e andando com saltos plataforma e tângas, trazendo garrafas de cerveja para os homens sentados ou em pé ao redor de uma mesa de sinuca.

— Ha! — gritou um homem de rabo de cavalo cinza que parecia precisar muito de um banho. — Pague, idiota!

— Foda-se, — disse outro homem, puxando uma mulher do banquinho em que ela estava sentada. — Aqui e seja rápido.

— Harley? — a mulher perguntou, obviamente assustada.

— Cale a boca e se curve, vadia. Quanto mais rápido ele fizer, mais rápido posso sair daqui. Foda a bunda dela, cara, não sua boceta. Vou fodê-la mais tarde.

— Me dê um pouco de óleo.

Observei com horror quando a mulher levantou sua micro-saia e se curvou sobre o banquinho. Ela era uma Old Lady de acordo com o colete de propriedade em suas costas, mas estava sendo usada como prêmio em uma aposta. O homem que a conquistou tinha baixado as calças e estava se cobrindo com algum tipo de loção. Ele se moveu

para trás da mulher e se enfiou em sua bunda. Eu esperava que ela gritasse de dor, mas tudo o que ela fez foi fazer uma careta, ou porque estava acostumada a esse abuso ou porque gritar a puniria. O homem bombeou e se debateu, grunhindo a cada mergulho nela. Ela agarrou o banco irregular para mantê-lo firme, os nós dos dedos brancos com a pressão.

Outras atividades semelhantes estavam acontecendo ao redor da sala. Eu vi uma jovem que mal tinha idade chupar um homem com idade para ser seu pai. Havia uma mesa cheia de pó branco e canudos. Vários motoqueiros estavam apreciando a generosidade.

Este clube não se parecia em nada com os Dragon Runners. Esses homens eram baixos. Abusadores. Eles não se importavam com nada, exceto ficar doidão e transar com quantas mulheres quisessem. Os Dragon Runners tinham suas old ladies em alta consideração, colocando-as e a seus filhos acima de tudo. Até as coelhas do clube eram cuidadas e respeitadas. Neste clube, as mulheres eram realmente apenas propriedade.

Tentei ficar quieta e fingir estar dormindo. A posição estranha em que eu estava deitada tornava isso cada vez mais difícil de fazer, pois eu podia sentir minhas costas e quadril começando a doer. Como eu sairia dessa? A resposta foi: não vou conseguir. Eu não tinha ideia de onde estava, muito menos como entrar em contato com Mute ou qualquer outra pessoa do clube. Meu telefone havia sumido e eu estava sem opções. No entanto, se tivesse a chance de correr, iria aproveitá-la. As últimas palavras que o Joker me disse foram suficientes para me convencer de que precisava arriscar com qualquer outra coisa. Eu lutaria. Eu tinha coisas boas demais na minha vida agora para não tentar.

Um corpo veio voando pelo ar e colidiu com o vencedor do prêmio, derrubando ele e a mulher.

— Que porra você estava pensando, seu filho da puta estúpido?

Eu não conseguia mais fingir e me sentei. Ninguém estava prestando atenção em mim. Todas as atividades pararam, todos se

virando para assistir o show se desenrolar. Joker estava se levantando do chão quando o homem mais velho que o jogou o levantou e o jogou no chão novamente.

— Foi uma grande oportunidade, Prez.

— Seu idiota! — o homem chamado Prez gritou. — A porra do plano era empurrá-los para fora lentamente! Ganhar a porra do dinheiro que precisamos para conseguir alguns equipamentos sérios! Conseguir mais recrutas! Não temos os números ou o poder de fogo para uma guerra total com ninguém, especialmente os malditos Dragons! Eu ainda não posso acreditar que você pensou que queimar a porra do bar deles foi uma boa ideia, *e agora seu idiota filho da puta acabou de pegar uma de suas Old Lady?*

Prez ergueu as mãos, enfiando-as no cabelo grisalho ralo, e se afastou do Joker prostrado. — Porra! — ele gritou para a sala em geral.

Ninguém estava olhando em minha direção, mas não ousei me mover. A sala estava silenciosa e imóvel, o único movimento e som vindo dos dois homens.

— Não, não, não, Prez, você não entendeu! — Joker saltou do chão. — Eu não peguei qualquer Old! Estou com *a old lady de Mute!* Quase tão bom quanto trazer a boceta de Brick aqui! Ela é uma das favoritas de Betsey, e eles vão querê-la de volta e pagarão muito por ela!

Coisa errada a dizer.

O rosto enrugado de Prez ficou vermelho como uma beterraba.

— *Mute?* Droga! Que porra você estava pensando? Eles não vão pagar nada! Eles virão aqui para nos pagar com sangue e balas! E Mute? Ele vai cortar sua garganta de orelha a orelha e sorrir enquanto faz isso!

Ele enfatizou seu ponto chutando uma perna vestida de jeans e derrubando uma das mesas, fazendo com que garrafas e cerveja voassem. Uma mulher soltou um pequeno grito. Prendi minha

respiração. Isso pode ser ruim para mim. Muito, muito ruim. A porta ficava do outro lado da sala, mas mesmo se eu tivesse a chance de chegar até ela, não tinha ideia de onde estava e duvidava que pudesse fugir de qualquer um desses homens. Devo falar mais alto? Defender minha causa pela liberdade? Talvez Prez ouvisse e me deixasse ir tentar impedir uma guerra. Ele caminhava inquieto na frente do Joker, que agora estava se levantando do chão. Um telefone celular tocou em algum lugar da sala e alguém atendeu em voz baixa.

— Prez! Vamos! Temos ouro de merda aqui! Eles farão de tudo para recuperá-la, farão todos os negócios que quisermos! — Ele riu alto. — Não tenho medo do retardado. — Ele agarrou sua virilha, esfregando-se obscenamente. — Ele vai tê-la de volta, mesmo que seja em pedaços. Há muito tempo que estou à espera para foder essa bocetinha presunçosa. Ela tem dois buracos, podemos compartilhar!

Prez ficou parado, sua boca abrindo e fechando, sem palavras. Fiquei até chocado com a profundidade da insanidade do Joker. Ele finalmente explodiu: — *Você está louco?*

— Prez! Whitey acabou de ligar. Ele está no posto de gasolina Deep Gap e viu um bando de Dragons em motos vindo rápido para cá, e eles estão fortemente armados. Temos cerca de dez minutos antes que eles cheguem aqui.

— Saia. — Prez disse com uma calma que era surpreendente e assustadora. — Dê o fora do meu clube antes que eu mesmo te mate.

Parecia que o Joker estava finalmente começando a entender que o líder do clube não estava brincando.

— Prez... Mike... vamos lá, cara! — ele adulou. — Você ia me remendar depois que nos livrássemos dos Dragons! Já estou aqui, cara!

Prez zombou: — Você realmente acha que algum dia eu colocaria um maldito traidor em meu clube? Dê o fora... AGORA!

O rosto de Joker endureceu, seus olhos ficaram gelados. — Foda-se. Eu vou e vou levar a boceta comigo.

Prez balançou a cabeça. — Não, você não vai, filho da puta. A vadia fica aqui. Graças à sua merda, tenho que acalmar as coisas. Devolvê-la intacta ajudará muito.

Joker nem se mexeu quando sacou a arma e atirou no estômago de Prez. A sala virou um caos. Mulheres gritaram e lutaram para se salvar da arma fumegante. Os homens se mexeram e gritaram incrédulos, sem saber o que fazer. Prez estava deitado no chão, xingando e segurando o abdômen.

Meus ouvidos zumbiram com o tiro e, por um momento, congelei, observando o sangue vazar entre os dedos de Prez.

— Você é um homem morto, Joker! — ele rosnou. Ele tossiu e mais sangue saiu de seus lábios.

— Não aposte nisso, filho da puta, — Joker respondeu com uma voz calma. Ele ergueu a arma novamente e atirou no homem sangrando entre os olhos.

Eu ouvi mais gritos. O estranho pensamento passou pela minha cabeça que esses homens de fala durona não eram um grande clube. Nenhum deles tentou defender seu líder e fugiu dos problemas em vez de lutar ao lado de seus irmãos. Havia tantos deles lá que Joker deveria ter sido superado e subjugado com facilidade, mas a irmandade que eu conhecia dos Dragon Runners simplesmente não estava presente neste clube de motoqueiro de merda. Eu assisti enquanto homens adultos se agarravam e esmurravam uns aos outros e às mulheres em seus esforços para sair da sala. Joker se aproximou de mim e me deu um tapa para chamar minha atenção. A dor era aguda em meu rosto, onde eu já estava machucada. Minha cabeça virou para o lado, forte o suficiente para que eu fosse jogada para fora do sofá.

— Levante-se, boceta. Estamos indo embora.

Joker ficou parado perto de mim, a arma casualmente pendurada em sua mão. Pisquei para ele, atordoada, e lutei para me levantar, minhas mãos dormentes tornando isso difícil.

— Apresse-se, vadia!

Ele agarrou meu braço e me puxou para cima. Eu gritei de dor, a mordalha apertada abafando o som. Ele me arrastou tropeçando para fora da porta e para sua moto. Ele fez uma pausa e gritou: — Foda-se! — Eu vi um vislumbre de esperança de que ele não poderia me ter na moto sem desamararrar minhas mãos, e eu já era uma passageira relutante, então me libertar me permitiria lutar com ele, já que ele não conseguia segurar a arma, me segurar e dirigir ao mesmo tempo.

Esse vislumbre foi apagado quando ele me empurrou e foi até um SUV mais velho. Ele abriu a porta do motorista e me empurrou no assento. Gritei de novo quando minha canela atingiu a moldura e quase caí.

— Entre, vadia!

Eu me arrastei no assento enquanto ele continuava me empurrando para me mover mais rápido. Ele se jogou no banco do motorista e deu partida no carro. Aparentemente, o dono sempre deixava as chaves na ignição, provavelmente para o caso de ter que fazer uma fuga rápida e não quisesse perder tempo procurando por elas. Senti uma risadinha ameaçar no fundo da minha garganta com o pensamento absurdo, e sufoquei de volta. Agora não era hora de hostilizar Joker. Seus olhos estavam arregalados, as pupilas dilatadas e seus movimentos eram ásperos e espasmódicos. Ele se virou para mim e apontou a arma que usou para matar Prez na minha cara.

— Você se move ou respira errado, vadia, eu vou te matar, porra, — ele afirmou com uma voz calma que era o oposto de seu olhar selvagem. Eu não pude fazer nada além de olhar. Ele girou o volante e saiu do estacionamento, espalhando cascalho até que os pneus agarraram o asfalto da estrada principal. Nós decolamos como um tiro. Eu vi um sinal e meu coração caiu de joelhos. Estávamos entrando na Tail.

CAPÍTULO 17

Os Dragons pararam no clube dos Dead Horsemen sem serem desafiados. Gritos e maldições encheram o ar enquanto os membros do clube inimigo corriam para dentro e para fora da casa em um caos total. Um membro fez uma tentativa de ameaçar os Dragons.

— Movam-se, idiotas! Vocês estão invadindo...

Um único soco de Mute deixou o jovem motoqueiro deitado no chão, nocauteado.

Uma mulher de topless desajeitadamente correu em seus saltos para fora do clube, gritando e chorando histericamente.

— Oh meu Deus! Oh meu Deus! — ela continuou chorando, mesmo enquanto cegamente corria para os braços de Cutter. Ela nem mesmo reconheceu que era um membro do clube rival que ela estava segurando. — Ele atirou nele! Oh meu Deus!

Brick gritou com ela. — Quem foi baleado? O que diabos está acontecendo?

Ela se virou para ele, seus olhos escorrendo rímel preto pelo rosto manchado.

— Foi o Joker! Ele... Ele.... Oh meu Deus! Ele atirou em Prez!

O Mute ficou imóvel como uma estátua; A raiva gelada saiu dele em ondas.

A mandíbula de Brick apertou. — Onde está o Joker? — ele rosnou.

A mulher olhou para Mute, congelada no lugar. — Você é ele, não é? — ela perguntou, sua voz baixa e ofegante de medo.

Brick a agarrou pelos braços, sacudiu-a duas vezes e latiu na cara dela. — Eu não tenho tempo para ser legal, vadia. ONDE ESTÁ JOKER?

— Ele... ele... eu... Ele decolou. Por aquele caminho até a Tail, eu

acho. Eu sei que é um caminho de voltar para a pista principal.

— Ele levou alguém com ele? Uma mulher?

— Eu... ele... eu não sei! Talvez aquela que ele trouxe esta tarde. Eu não a vi aqui antes... oh, meu Deus!

Brick a empurrou com nojo e corajosamente entrou no clube inimigo, junto com Mute e Cutter. Taz e Stud o seguiram, mas ficaram na porta aberta. Dois dos Horsemen estavam pairando sobre outro, que estava sangrando no chão. Os outros poucos estavam vagando pela sala, sem saber o que fazer. O cheiro acobreado de sangue flutuou no ar. Um dos Horsemen avistou os dragons invasores e fez uma tentativa indiferente de bravata. Ele pegou uma das armas aleatórias no chão e tentou ameaçar Brick.

— Que porra você está fazendo aqui? Cai fora!

Um dos homens curvados se levantou e arrancou a arma de sua mão. — Abaixе essa coisa, seu idiota! Acabou.

Ele era mais baixo do que Brick e Mute, mas não menos autoritário. Brick o cumprimentou pelo nome e um aceno de cabeça. — Bagman. Vejo que está segurando tudo sozinho de novo.

Bagman soltou uma risada e balançou a cabeça. Seu cabelo escuro estava trançado firmemente em seu couro cabeludo, puxando seu rosto com força, mas ele ainda parecia exausto. — Eu fiquei segurando essa merda por anos, Brick. Parece que preciso fazer de novo. Prez se foi. Joker o matou. Eu estava lá fora e não vi os tiros, mas os ouvi e vi Joker sair correndo da casa puxando a garota com ele. — Ele passou a mão pelo rosto enrugado. — Eu sei que ele usa as cores do seu clube, mas estava impaciente para remendar aqui. Prez disse que poderia se ajudasse a expulsar os Dragons. Desde que você saiu do tráfico de drogas, Prez queria muito voltar. — Ganhar muito dinheiro, — disse ele. — Simplesmente comandar a Tail, — disse ele. — Merda idiota!

Ele chutou a bota do morto. — Eu disse a ele que era uma má ideia confiar em um homem que trairia seus próprios irmãos.

Ele deu um suspiro e endireitou os ombros largos. Olhando para

Mute, ele falou novamente. — Joker está com a sua mulher, e ele deu um jeito de pegar a Tail em uma gaiola. Saturno Vue preto velho. Ele tem uma vantagem inicial, mas as rodas do Vue têm alguns problemas de alinhamento. A transmissão também é ruim. Ele vai ter que lutar, e isso vai atrasá-lo um pouco. Ele provavelmente está chapado. Ele é um filho da puta perigoso sóbrio, mas você já sabe disso. Ele está pior agora. Boa sorte em pegar sua mulher de volta. Espero que ela permaneça inteira.

Brick começou a gritar ordens. — Taz, junte suas armas. Bagman, peça aos seus rapazes para encontrarem uma lona ou algo para cobrir Mike. Spike, ligue para Blue e traga o traseiro dele aqui. Ele conhece o xerife deste lado da fronteira e temos que fazer isso legalmente, mas nada sobre tráfico de drogas. Pelo que Blue sabe, Joker atirou em seu prez por causa do sequestro. Vamos embora.

Ele se virou para Mute e Cutter. — Mute, eu sei que você está ansioso para pegar a Tail. Pegue Cutter. Stud, encontre uma gaiola e siga. Isso pode não acabar bem, então é melhor ter um backup. Boa sorte em encontrar Kat. Se você encontrar o Joker, é hora de ele subir a montanha e não descer.

Mute acenou com a cabeça uma vez, seu corpo tremendo com a necessidade de se vingar de Joker. Ele saiu pela porta seguido por Cutter e Stud. A moto de Mute rugiu como um animal enquanto ele decolava.

CAPÍTULO 18

Por mais quieta que eu tentasse ficar, não conseguia me segurar em nada ou controlar meus movimentos. Meu ombro e minha cabeça bateram na porta quando ele voou na próxima curva, e quase caí em seu colo depois disso. Ele ainda estava segurando a arma em uma mão no volante, pois precisava dos dois para controlar o carro. Tive medo de que ele atirasse em mim por engano, com a mesma violência com que girava o volante. Puxei o cinto de segurança e tentei prendê-lo, mas foi impossível. Eu agarrei a alça de suspensão o melhor que pude com minhas mãos amarradas e lutei para me erguer.

Ainda mais assustador era o comportamento de Joker. Ele falava sozinho, resmungando e praguejando como se recitasse um poema infantil.

— Atire neles, foda-os, Jo-ker. Faça-os sangrar o mais rápido que puder.

Ele fez uma curva fechada e senti o carro derrapar, pneus cantando em protesto. Devo ter proferido um som, porque Joker gritou comigo, cuspe voando de sua boca. — Cale a boca!

Ele girou o volante novamente e o carro deu uma guinada, fazendo um barulho horrível de rangido. Ele continuou falando. — Os filhos da puta pensam que podem escapar impunes de qualquer coisa. Tiraram o orgulho do meu velho. O deixaram quebrado. O transformaram em um boceta. Vou mostrar a eles, porra. Vou mostrar a todos eles!

Voamos em outra curva, deixando borracha para trás. Eu já estive na Tail na garupa de uma moto e sabia que era apenas uma questão de tempo antes que naufragássemos. Nessa velocidade, nessas curvas, nunca sobreviveríamos. Eu ia morrer hoje. Eu tinha certeza disso. Eu gostaria de poder dizer a Mute mais uma vez que o amava.

— Foda-se! — Joker sibilou. Arrisquei um olhar para ele. Seus olhos dispararam entre a estrada e o espelho retrovisor. — Parece que

o bichano decidiu aparecer.

Eu estiquei meu pescoço o máximo que pude e vi algumas motocicletas nos perseguindo. Eu reconheci o que estava na frente e meu coração deu um pulso. Mute estava correndo em nossa direção, entrando e saindo de vista nas curvas selvagens. Ele estava ganhando terreno rápido, e rezei para que não acabasse manchado na estrada enquanto tentava me resgatar. Tentei argumentar com o Joker, embora soubesse que era inútil.

— Joker, pare rápido e me deixe sair. Eles vão parar por mim, e você pode sair limpo.

— Porra, filho da puta maldito! — Joker gritou e bateu as mãos no volante. Eu vacilei, esperando que a arma disparasse na minha cara.

— Eu tenho que ir. Eu tenho que ir. — Seu humor mudou novamente quando ele cantou em uma voz hipnotizada, — Deixe para outro dia. Vou fazer com que todos paguem.

Olhei novamente para Mute e os outros atrás dele. Ele não estava perto o suficiente para eu ver seu rosto, mas podia imaginar. Seus olhos escuros queimando com intensidade, sua mandíbula apertada o suficiente para quebrar. Fechei meus olhos e enviei meu amor a ele.

Estávamos em uma curva longa e difícil, e a inércia estava me pressionando com força contra a porta. Joker gargalhou. — Ótima ideia, Pussy Kat! Vá lá e pare-os. — Ele alcançou meu colo, abriu a porta e me empurrou para fora. Eu não pude impedi-lo. Meu único pensamento antes de atingir o solo foi “isso vai doer”.

E assim foi.

Eu segurei meus braços na frente do meu rosto da melhor maneira que pude. Eu saltei e rolei ao longo do asfalto duro, deixando para trás roupas rasgadas, pele e sangue. Minha cabeça bateu para frente e depois para trás. Senti uma ou duas costelas quebrar e algo em meu braço estourou. Ou foi minha perna? Não sabia dizer. A dor me atingiu com força e de repente eu não conseguia respirar direito.

Consegui pousar no meio da estrada, do meu lado. Algo estava me sufocando, enchendo minha garganta com um gosto acobreado. Sangue, talvez? Eu engasguei, e um líquido vermelho brilhante espirrou da minha boca. Uma costela perfurou um pulmão?

A dor era incrível enquanto eu lutava para respirar. Eu abri meus olhos para ver as luzes traseiras do carro girando fora de controle enquanto ele fazia uma curva fechada à frente. Ele atingiu a frágil grade de proteção com força, capotou e desapareceu de vista, levando consigo várias árvores. Eu ouvi batida após batida enquanto imaginava o carro descendo a montanha e o som continuou por um longo tempo. Joker não estava usando o cinto de segurança também, e a escola de enfermagem me ensinou o que acontece com o corpo humano quando ele é incontrolavelmente chicoteado em um acidente de carro violentamente. As chances de sobrevivência de Joker eram menores do que nenhuma.

Eu estava morrendo. Não havia nenhuma maneira que eu sobrevivesse. Essa era a parte ruim de ser enfermeira, porque eu sabia que estava muito ferida, me afogando no meu próprio sangue, e que o hospital era muito longe. Mute se aproximou de mim com uma parada brusca. Um momento depois, ele estava no chão ao meu lado, seus olhos brilhando de preocupação e medo. Eu ouvi mais veículos parando. Era difícil dizer, enquanto eu me sentia enfraquecendo. Minhas mãos estavam dormentes e eu estava com tanto frio. Lágrimas escorriam dos olhos escuros de Mute e eu podia ouvir seus pensamentos enquanto ele acariciava minha bochecha ensanguentada com os dedos.

— *Não morra, Kat! Por favor, não me deixe! Por favor, não vá!*

Eu sorri para ele o melhor que pude. — Eu sinto muito, querido. Eu te amo, — eu sussurrei com o fôlego que me restava. Minha visão escureceu; minha última visão foram as lágrimas de Mute.

Mute andava de um lado para o outro na sala de espera. Ele não gostava de hospitais, mas fazer parte de um clube de motoqueiros significava que você os conhecia intimamente. Acidentes aconteciam, às vezes pouco, às vezes mais, mas eventualmente, alguém tinha que fazer uma viagem até aqui. Ele parou e respirou o cheiro de desinfetante no ar. Porra! Ele odiava aquele fedor!

— Mute, sente-se um pouco, filho, — Betsey chamou de uma das cadeiras da sala de espera. Tambre estava de lado, as mãos voando com um conjunto de agulhas de tricô. O fio multicolorido foi ficando cada vez mais longo com o passar das horas.

Mute piscou para ela, pensando que poderia medir o tempo por aquele lenço, ou o que quer que fosse. Quando eles chegaram ao hospital, o corpo imóvel de Kat estava repleto de pessoas gritando ordens, tomando sinais vitais, colocando adesivos em seu peito, agulhas, tubos e bolsas de soro. A enfermeira que tratou Kat antes não estava de plantão, mas outra pessoa que conhecia Kat como uma estudante de enfermagem a reconheceu.

— Oh, Senhor do céu, é a Katwoman! O que aconteceu? Como ela ficou assim?

Taz dirigiu a van até o hospital e deu os detalhes a ela, além de cuidar da papelada. Kat foi rapidamente levada para longe, provavelmente para uma cirurgia de emergência. Depois que ela passou pelas portas da sala de emergência, o lugar ficou quieto e silencioso. Brick e alguns dos outros irmãos ficaram para trás no local do acidente para lidar com o xerife e o corpo de bombeiros. Joker estava morto, mas Mute gostaria de poder voltar e matá-lo novamente.

Stud havia encontrado Mackie e o trouxera para cá antes. O velho estava estável, mas ainda internado durante a noite e estava descansando em um quarto. Stud se ofereceu para ficar com ele, dando a Mute a liberdade de andar e se preocupar. Betsey e Tambre apareceram e se acomodaram como veteranas da sala de espera, Betsey com seu e-reader e Tambre com seu tricô. O lenço de cores vivas tinha apenas algumas fileiras quando Tambre chegou. Agora,

tinha pelo menos trinta centímetros de comprimento.

— Você está bem, Mute? Precisa de algo? — Betsey ergueu os olhos de seu e-reader, óculos de leitura multicoloridos empoleirado no nariz.

Mute balançou a cabeça. *Eu não consigo sentar. Se eu sentar, vou pensar. Se eu pensar, vou perdê-la.*

Ele retomou seu ritmo. *Dano, tanto dano. Muito sangue. Porra!* Seus pensamentos explodiram de qualquer maneira. Ele tinha visto outras pessoas que se acidentaram na Tail e perderam. Aqueles que não tinham tantos ferimentos que Kat tinha. Sua respiração na corrida frenética para o hospital tinha ficado cada vez mais superficial, e era indetectável quando pararam na emergência. Mute estava procurando o pulso quando a equipe de trauma assumiu.

A noite havia caído. Mute, sentindo a necessidade de toda privacidade que pudesse obter, afastou-se de todos e foi até as grandes janelas que formavam uma extremidade da sala de espera. Durante o dia, a vista por essas janelas seria espetacular, mostrando a beleza das Smoky Mountains. Agora, em plena escuridão da noite, apenas uma sombra das montanhas podia ser vista. O céu estava claro e negro, cheio de estrelas. Mute abriu os braços e agarrou-se à moldura de metal da janela, olhando para cima. O brilho suave era solene e calmante. Os ruídos do hospital diminuíram enquanto ele observava.

Diamantes, ele pensou. *Diamantes no céu. Beleza Pura. Kat deveria ter diamantes. Ela precisa usar o meu. Todos os dias, minha Kat deveria ter meus diamantes com ela. Eu preciso pegar um pouco para ela. Eu preciso colocar meu diamante em seu dedo. Eu preciso de...* Sua garganta mutilada se fechou e ele quase engasgou com a emoção. *Eu preciso da minha Kat!* Seu aperto na moldura ficou mais forte enquanto as lágrimas corriam livremente por seu rosto. Ele fechou os olhos lacrimejantes para a vista cintilante e, pela primeira vez na vida, orou a um Deus em que nunca acreditou.

Não sei se você está aí. Se você é real, ou apenas algo que as pessoas usam como desculpa. Eu nunca realmente entrei nessa coisa de igreja.

Nunca tentei, mas espero que você não use isso contra mim. Mas se o que eles dizem é verdade e você tem tudo a ver com graça e misericórdia, por favor, estou implorando, por favor, não leve minha Kat embora! Ela não merece! Ela já passou por bastante inferno em sua vida e não precisa morrer em um! Eu não sou um bom homem. Não posso prometer ser um, e não vou mentir para você sobre isso.

Ele abaixou a cabeça. Mas o que posso prometer é que farei o que for preciso para fazê-la feliz e sempre a protegerei e colocarei sua vida antes da minha. Eu a amarei com cada célula do meu corpo até o último suspiro que der na terra e, se necessário, tomarei seu lugar e morrerei por ela!

Ele pressionou a testa contra o vidro. Por favor, por favor, por favor, não leve minha Kat embora!

— Família de Katrina Vega? — uma voz cansada gritou. Mute ouviu Betsey pular, o vinil da cadeira rangendo quando ela o fez.

— A família está bem aqui, doutor. Como está minha garota? — A voz de Betsey estava rouca de cansaço e preocupação, mas ainda parecia a forte matriarca que era.

Mute não se virou. Ele abriu os olhos e olhou mais uma vez para o céu noturno perfeito. As estrelas cintilantes piscaram para ele e sua serenidade tomou conta dele. Ele sentiu a luz tocar seu rosto e uma sensação de calma o envolveu. Ele relaxou seu aperto mortal na moldura da janela, já sabendo a resposta.

— Ela está bastante machucada, mas é uma mulher durona. Ela vai ficar bem.

O resto das palavras do médico ficaram confusas nos ouvidos de Mute. Suas pernas se dobraram e ele caiu de joelhos, as mãos no chão. Ele estava cheio. Muito cheio. Ruídos altos e distorcidos vieram de sua garganta arruinada enquanto ele soltava tudo em grandes soluços.

— Oh meu Deus! Mute! — ele ouviu Tambre dizer vagamente. Um momento depois, ele sentiu os braços de ambas as mulheres em torno dele. Betsey sussurrou em seu ouvido, sua própria voz falhando

enquanto ela chorava com ele. — Ela vai ficar bem, querido, ela vai ficar bem!

Mute ficou quieto, sua boca formando as palavras uma e outra vez. — Obrigado! Obrigado! Obrigado!

CAPÍTULO 19

OITO MESES DEPOIS...

Betsey colocou o último biscoito no forno e tirou as luvas de suas mãos. Ela se endireitou e sentiu sua coluna estalar enquanto se espreguiçava. *Senhor tenha piedade!* ela pensou. *Estou ficando muito velha para esse tipo de trabalho.* Ela sorriu enquanto olhava pela janela da cozinha. *Mas vale a pena cada comprimido de Tylenol que tenho que tomar depois.*

Cada balcão na cozinha do clube estava coberto com enormes travessas de comida, prontas para serem devoradas quando os convidados começassem a chegar no final da tarde. Tambre, Molly e algumas das outras mulheres do clube estavam terminando a decoração no pátio fora do Lair, e os prospectos estavam ocupados arrumando todas as cadeiras dobráveis e mesas que o clube possuía. Brick estava do lado de fora também, ajudando a “supervisionar”, como ele chamava enquanto se sentava e observava as duas enormes churrasqueiras de barril assando costelas e churrasco enquanto segurava uma cerveja na mão.

Betsey olhou para o céu azul claro, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás para sentir o calor dos raios do sol através do vidro. A névoa da manhã já havia se dissipado, então não havia nada para encobrir a beleza do dia. As cores do outono estavam começando a aparecer, pontilhando as montanhas com pedaços de vermelho e dourado. O novo River's Edge Bar estava quase completo. O clube contratou uma empresa de construção familiar chamada Pub Builders, conhecida por seus projetos inovadores e trabalhos em bares. Uma família irlandesa, com o pai, cinco filhos e uma filha ruiva mal-humorada. Eles trabalharam no projeto durante todo o verão, e o novo lugar era maior e mais agradável do que o antigo. A vida era boa.

Betsey se virou, colocou as luvas de volta e tirou os biscoitos

dourados crocantes do forno. Ela desligou o fogão e finalmente deixou o aparelho descansar. Molly entrou na cozinha, Tambre seguindo em um ritmo mais lento.

— Chegaram as toalhas para cobrir as mesas, tanto as redondas quanto as quadradas. A confeitaria acabou de ligar e eles estarão aqui em meia hora com o bolo. O tempo deve estar bom e assim permanecer pelo menos durante a tarde. Provavelmente choverá um pouco esta noite. Sempre acontece nesta época do ano, — Molly anunciou, sentando-se na cadeira mais próxima e se abanando. — Ooh, Senhor, tenha misericórdia! Se eu não soubesse melhor, diria que estou tendo ondas de calor!

— Seus seios estão começando a suar por baixo? — Betsey perguntou com um sorriso malicioso. — Eu tenho algumas roupas de camurça cortadas que coloco lá embaixo. Funciona muito bem!

Tambre revirou os olhos e pegou um biscoito ainda quente. — O suor dos seios não é nada como os suores noturnos. Taz ainda tem pesadelos de acordar com a cama pegando fogo. Jura que nossa conta de aquecimento foi cortada pela metade no inverno porque eu estava quente o suficiente para aquecer toda a casa.

Brick entrou enquanto Tambre dizia as palavras “suor nos seios” e prontamente saiu. Todas as três mulheres morreram de rir.

Betsey enxugou os olhos. — Esse é o meu velho duro e feroz! Ele pode enfrentar um leão da montanha, fazer prospectos tremer em suas botas, mas qualquer coisa sobre coisas de mulher, ele foge o mais rápido que pode! É melhor eu pegar sua cerveja para ele. Ele tem um grande papel a desempenhar em algumas horas.

Ela saiu para o ar fresco, cheirando profundamente ao delicioso aroma de noqueira e churrasco. Ela entregou a Brick uma garrafa gelada e se sentou na cadeira do gramado ao lado da dele. Ele grunhiu em agradecimento e se recostou, dando um longo gole.

— Bom dia, não é, querido, — disse Betsey, mais como uma declaração do que uma pergunta. — Bom para nós ter um casamento. Estou tão feliz que nosso filho conseguiu para si uma boa mulher.

Brick soluçou e arrotou. — Maldito milagre ela estar viva. Quase a perdemos. Eu teria perdido os dois.

— Você está certo, querido.— Betsey refletiu solenemente. — Eu nunca vi ninguém se machucar tanto e viver. Costelas quebradas, pulmão perfurado e colapsado, concussão, tantos arranhões e cortes... Senhor, tenha piedade! Depois de ouvir que ela ia viver e depois de ver meu filho cair de joelhos, eu sabia que eles teriam uma longa jornada. Esse é um tipo de amor que só acontece nos livros de romance que Molly lê o tempo todo.

Brick enroscou os dedos nos de Betsey. — Acho que nós mesmos fazemos um trabalho muito bom, não é, Mama B?

Betsey sorriu, inclinou-se e beijou o homem que ela chamava de velho.

— Betsey! — Tambre gritou da varanda. — Eles chegaram!

Betsey acenou e saltou da cadeira. — Vejo você em casa, Papa B. Você está fazendo um bom trabalho com as costelas. — Ela riu.

* * *

Betsey observou a multidão de convidados vagando pelo pátio e se preocupou novamente pela enésima vez se haveria ou não churrasco suficiente. Um casamento de clube de motoqueiros sempre era uma grande celebração, e irmãos de outras sedes dos Dragon Runners apareceram para ver Mute e Kat se casarem. Ela ficou tentada a enviar um prospecto para pegar alguns produtos prontos dos ingleses no final da estrada, mas um ruído estridente repentino cortou seus pensamentos.

— Deus, poderoso! Estou atrasada! — ela disse em voz alta, e correu para chegar ao seu lugar.

Kat não se importava em ser apenas uma Old Lady, mas Mute insistiu que eles fossem até o fim e ela também se tornasse uma esposa. *Sua* esposa. Ela realmente não queria toda a atenção, mas

Mute nunca desistia e não descansou até que ela concordasse com o grande casamento com todos os enfeites. Betsey riu um pouco. Ela estava no quarto do hospital quando Mute entrou no quarto com uma carranca feroz e uma pequena caixa de veludo. Ele abriu a tampa e mal deixou Kat vislumbrar a enorme pedra antes de pegar sua mão esquerda e empurrá-la no quarto dedo. Seu olhar a desafiou a tirá-lo. Kat olhou perplexa para sua mão agora cintilante e disse a Mute como se respondesse sua pergunta: — Sim.

O rugido ficou mais alto conforme os membros do clube em suas motos se aproximavam. Eles estavam cavalcando em uma formação de dois por dois, subindo a longa entrada para o pátio da festa. As bandeiras do clube estavam voando atrás dos homens. Mute estava na liderança em sua enorme Harley preta, vestindo um smoking com botas de motoqueiro. De alguma forma, funcionou para ele. *A ostentação do motoqueiro no seu melhor*, Betsey pensou enquanto observava fileira após fileira descer o corredor largo, virar e circular de volta. Mute dirigiu até o gazebo que havia sido construído para o dia. O pastor havia chegado e já estava esperando lá. Stud dirigiu e deu ré com sua moto ao lado da de Mute. Ele estava parado como o padrinho, desde que Mackie havia falecido.

O lábio de Betsey estremeceu um pouco. O velho não foi capaz de se recuperar totalmente do golpe que Joker desferiu nele, e mesmo que tivesse se curado o suficiente para ir para casa, nunca foi capaz de se mover da mesma forma. Ele faleceu tranquilamente em seu sono, tirando uma soneca em sua poltrona. Após o funeral, uma carta chegou para Mute contendo uma cópia do último testamento do velho deixando tudo que ele tinha para ele e Kat. Ninguém tinha ideia de quão grande era aquela propriedade até que olharam a escritura da propriedade e as contas bancárias. Mackie era um homem muito rico. Mute ficou emocionado com o presente e usou boa parte dele, junto com o dinheiro do seguro, para colocar o novo River's Edge em funcionamento, tornando-o maior e melhor do que antes.

Os convidados ocuparam as filas de cadeiras em frente ao gazebo, agora ladeadas por filas e filas de irmãos do clube. A música nada

mais era do que uma caixa de som na frente de um microfone com alto-falantes externos. O prospecto encarregado disso iniciou uma gravação. Taz chegou com Tambre montando na lateral atrás dele, usando um longo vestido vermelho e seu colete de propriedade. Cutter seguiu de perto com Molly, também de vermelho com seu colete. Betsey foi conduzida até o gazebo por Bruiser. Todas as três carregavam buquês grossos de rosas vermelhas profundas.

As motocicletas aceleraram ruidosamente, abafando os sons da marcha nupcial enquanto tocava na caixa de som. Brick dirigiu lentamente, sua moto coberta de flores e bandeirolas, Kat sentada de lado atrás dele, vestida com um vestido longo e branco com alças finas nos ombros e mais flores no cabelo solto. Molly tentou fazer Kat usar um vestido chique com contas e brilhantes, mas Kat venceu a batalha e escolheu o vestido. Ela também optou por não usar véu. Ela estava sorrindo largamente e as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Brick a tirou das costas e a colocou na frente do gazebo. Mute desmontou da moto e ficou parado, esperando. Ele tinha olhos apenas para ela.

A cerimônia ocorreu sem contratempos. Mute fez seus votos acenando com a cabeça, e Kat disse os dela em uma voz trêmula, mas firme. Quando chegou a hora dos anéis, ela pegou a aliança de ouro simples e empurrou-a no dedo anular esquerdo de Mute. Mute fez o mesmo com uma delicada faixa rodeada de diamantes, e então se virou para pegar algo de Stud. Ele estendeu um colete especial com as cores dos Dragon Runners, no lado superior e as palavras atrás, Propriedade de Mute. Kat perdeu o controle, lágrimas de alegria escorrendo por seu rosto enquanto deslizava no colete que a prendia mais apertado ao Mute do que qualquer anel.

Betsey começou a bater palmas quando Mute se inclinou para beijar profundamente sua nova esposa. Uivos profundos e gritos encheram o ar, e as motos aceleraram. Stud trouxe a moto de Mute para frente, e todos assistiram, gritando e batendo palmas, enquanto Mute dirigia de volta pelo corredor com sua nova esposa sorridente andando atrás, segurando-o perto.

Enquanto o resto dos convidados seguiam os recém-casados para

a recepção suntuosa, Brick se inclinou e colocou o braço em volta de Betsey que chorava. Ela se aconchegou em seu calor volumoso.

— Não posso pedir mais nada nesta vida. Andar livre. Andar limpo. Andar com uma boa mulher em suas costas. — Ele entoou em sua voz áspera.

Ela revirou os olhos, enxugou a umidade deles e o empurrou. — Não tenho tempo para a sua velha filosofia! Tenho que subir lá e cuidar da comida. Não há como dizer o que aquelas garotas estão tramando.

Ele gargalhou e agarrou sua bunda. — Eles não vão sentir nossa falta por um tempo. Vamos ter nossa própria lua de mel!

— Sai fora, sua cabra velha com tesão! — Ela riu, incapaz de manter sua indignação.

— Te amo em pedaços, Betsey, — ele declarou de repente, seu rosto ficando sério quando ele olhou para ela.

Ela sorriu de volta para ele. — Também te amo, Brick. Agora vamos comemorar!

FIM.

[←1]

Na tradução pode significar gatinha ou boceta.